

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do
1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Ana Raquel Pinto Fonseca Amaro Viegas

Lisboa, junho de 2020

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo
do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Ana Raquel Pinto Fonseca Amaro Viegas

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a
orientação da Professora Doutora Ana Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, junho de 2020



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do/a Orientador/a

Orientador/a (nome completo) Amc Teresa Luens Falcão Glauco
Pereira da Silveira Botelho

Coorientador/a (nome completo) —

tendo presente o Relatório de Estágio Profissional da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido pelo/a
licenciado/a, Amc Raquel Pinto Fonseca Amaro
Viegas

realizado no âmbito do Mestrado Profissionalizante (2º Ciclo de Estudos) em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico.

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.
Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrados do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um
Júri para apreciação do respetivo Relatório de Estágio Profissional apresentado pelo/a candidato/a.

Lisboa, 25 de maio de 20 20

O/A Orientador/a

Teresa da Silveira Botelho
(Assinatura)



Agradecimentos

O presente relatório resulta de um trabalho e esforço colaborativos. É neste âmbito que quero agradecer a todos aqueles que de uma ou outra forma, colaboraram e contribuíram para que todo o meu percurso neste contexto tenha sido possível.

Não sendo viável enumerar os nomes de todas as pessoas envolvidas neste processo, deixo aqui os meus especiais agradecimentos:

Ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho pela oportunidade de vivenciar estágios intensivos e visitas de estudo nos diversos jardins-escolas em vários locais no país que me permitiram observar diferentes realidades educativas.

À orientadora Professora Doutora Ana Teresa da Silveira-Botelho, por me ter conduzido e apoiado na decisão dos passos certos a dar e também pela sua constante disponibilidade.

Ao Professor Doutor José Maria de Almeida, pelo seu apoio, disponibilidade e todos os seus conselhos prestados, ao longo de todo o mestrado.

A todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus que ao longo destes cinco anos me transmitiram o conhecimento imprescindível para a obtenção de sucesso da minha licenciatura, do meu mestrado e do meu estágio profissional.

Ao meu par de estágio, Rita Patrício, pela paciência que teve comigo, por toda a sua ajuda, sinceridade na crítica e amizade constantes.

A todas as crianças e alunos com quem lidei ao longo do estágio profissional por me terem permitido aprender mais e crescer com elas.

Aos meus pais, irmã e namorado, por estarem sempre do meu lado, nos melhores e piores momentos, com paciência, amor e carinho incondicionais.

E por fim, os últimos mas não menos importantes, o meu GRANDE obrigada aos meus amigos, pela amizade e disponibilidade em ajudar no que eu precisasse ao longo deste meu percurso académico.

MUITO OBRIGADA a todos!

Resumo

Este relatório de estágio foi elaborado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV do Mestrado em Educação Pré-Escolar (EPE) e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) na Escola Superior de Educação João de Deus e representa a etapa final deste Mestrado.

O estágio foi realizado em três escolas da região de Lisboa, todas elas Instituições Privadas de Solidariedade Social (IPSS), nas valências do Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O presente relatório resulta não só da perceção obtida a partir da experiência, que foi vivida no decurso do estágio profissional, como observadora participante e que permitiu adquirir conhecimentos e desenvolver competências fundamentais para um futuro desempenho profissional com qualidade.

O estágio profissional permitiu o contacto com a realidade educativa através da observação, reflexão e avaliação de diferentes práticas e modelos com os quais foi possível contactar. No âmbito deste estágio foram desenvolvidas competências na planificação e intervenção em contextos educativos diferenciados.

Ao longo do estágio profissional, com a duração de dois anos, a equipa de supervisão pedagógica acompanhou todo o percurso efetuado, contribuindo de forma gradual para a evolução da estagiária.

Palavras-chave: Estágio Profissional; Educação Pré-Escolar; Ensino 1.º Ciclo do Ensino Básico; Supervisão; Avaliação, Planificação

Abstract

This internship report was prepared within the scope of the Professional Internship Curricular Units I, II, III and IV of the Master's Degree in Pre-School Education (EPE) and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education (1st CEB) at *Escola Superior de Educação João de Deus* and represents the final stage of this Master's Degree.

The internship was carried out in three schools in the Lisbon region, all of which were Private Social Security Institutions in the areas of Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education.

This report results not only from the perception obtained from the experience, which was lived during the professional internship, but also from the experience as a participating observer, which allowed the acquisition of knowledge and the development of key skills for a future professional performance with quality.

The professional internship allowed the contact with the educational reality through observation, introspection and assessment of different practices and models with which it was possible to contact. Within this internship, skills in planning and intervention in different educational contexts were developed.

Throughout the professional internship, which lasted two years, the pedagogical supervision team monitored the entire journey made, gradually contributing to the evolution of the trainee.

Keywords: Professional Internship; Pre-school education; First cycle of basic education; Supervision; Evaluation; Planning

Índice Geral

Índice de Quadros.....	XII
Índice de Figuras	XIII
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Relatos de Estágio Profissional.....	5
1.1. Descrição do capítulo	5
1.2. Relatos de atividades/aulas observadas	5
1.2.1. Relato de Estágio 1	5
1.2.2. Relato de estágio 2	7
1.2.3. Relato de estágio 3	9
1.2.4. Relato de estágio 4	11
1.2.5. Relato de estágio 5	13
1.2.6. Relato de estágio 6	14
1.2.7. Relato de estágio 7	17
1.3. Relatos de atividades/aulas programadas	19
1.3.1. Relato de estágio 8	19
1.3.2. Relato de estágio 9	21
1.3.3 Relato de estágio 10	24
Capítulo 2 – Planificações.....	27
2.1. Descrição do capítulo	27
2.2. Fundamentação teórica	27
2.3. Planificações em quadro do Pré-Escolar	28
2.3.1. Planificação de atividade dos 3 anos	28
2.3.2. Planificação de atividade dos 4 anos	30
2.3.3. Planificação de atividade dos 5 anos	33
2.3.4. Planificação de atividade dos 5 anos	35
2.4. Planificações em quadro do 1.º Ciclo.....	39
2.4.1. Planificação de aula do 1.º ano.....	39
2.4.2. Planificação de aula do 2.º ano.....	41
2.4.3. Planificação de aula do 3.º ano.....	43
2.4.4. Planificação de aula do 4.º ano.....	45
Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação	49
3.1. Descrição do capítulo	49
3.2. Fundamentação teórica	49

3.3.	Dispositivos de avaliação do Pré-Escolar	51
3.3.1.	Dispositivo 1 – Atividade do Domínio da Matemática (Grupo dos 3 Anos) 51	
3.3.1.1.	Contextualização da atividade	51
3.3.1.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	52
3.3.1.3.	Apresentação e análise de resultados	53
3.3.2.	Dispositivo 2 – Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Grupo dos 5 Anos)	53
3.3.2.1.	Contextualização da atividade	53
3.3.2.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	54
3.3.2.3.	Apresentação e análise de resultados	57
3.4.	Dispositivos de Avaliação da Aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico	58
3.4.1.	Dispositivo 3 – Aula na Área Curricular de Matemática (Turma 2.º Ano) 58	
3.4.1.1.	Contextualização da atividade	58
3.4.1.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	58
3.4.1.3.	Apresentação e análise de resultados	60
3.4.2.	Dispositivo 4 – Aula na Área Curricular de Estudo do Meio (Turma 4.º Ano) 61	
3.4.2.1.	Contextualização da atividade	61
3.4.2.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	61
3.4.2.3.	Apresentação e análise de resultados	63
	Capítulo 4 – Proposta do projeto – “A partir de um fio de lã...”	65
4.1.	Descrição do Capítulo.....	65
4.2.	Fundamentação teórica	65
4.2.1.	Trabalho de projeto	65
4.2.2.	Estudo do Meio	66
4.2.3.	Lã	66
4.3.	Desenvolvimento do Projeto	68
4.3.1.	Tema	68
4.3.2.	Problemas parcelares	68
4.3.3.	Destinatários	68
4.3.4.	Entidades envolvidas	68
4.3.5.	Motivação e negociação	68
4.3.6.	Objetivos	69
4.3.6.1.	Objetivos gerais:	69
4.3.6.2.	Objetivos específicos:	69

4.3.7. Planeamento	69
4.3.8. Recursos	70
4.3.8.1. Materiais	70
4.3.8.2. Humanos	70
4.3.9. Produtos finais	70
4.3.10. Avaliação	70
4.3.10.1. Do processo	70
4.3.10.2. Do produto final	71
4.3.11. Calendarização do projeto	71
4.3.12. Breve conclusão	71
Considerações finais	73
Referências Bibliográficas	75
Anexos	
Anexo 1 – Texto “D. Afonso III – O Bolonhês”	
Anexo 2 – Material realizado pela minha colega de estágio	
Anexo 3 – Protocolo experimental: Flores que mudam de cor!	
Anexo 4 – Imagem de uma representação do “sol amarelo”	
Anexo 5 – Imagem de uma representação do “sol verde”	
Anexo 6 – Imagem de uma representação do “sol encarnado”	
Anexo 7 – Proposta de trabalho – Calculadores Multibásicos	
Anexo 8 – Texto em prosa (“A história do caracol na cidade” de Ursula Wolfel)	
Anexo 9 – Texto poético (“Cavalinho, cavalinho” de Matilde Rosa Araújo)	
Anexo 10 – Folha com o poema “Cavalinho, cavalinho”	
Anexo 11 – Proposta de trabalho – Palavras que rimam!	
Anexo 12 – Imagem “vaca”	
Anexo 13 – Imagem “burro”	
Anexo 14 – Imagem “porcos”	
Anexo 15 – Imagem “ovelhas”	
Anexo 16 – Imagem “cavalos”	
Anexo 17 – Imagem “cabras”	
Anexo 18 – Imagem “bois”	
Anexo 19 – Palavra “bovino”	
Anexo 20 – Palavra “caprino	
Anexo 21 – Palavra “ovino”	
Anexo 22 – Palavara “suíno”	
Anexo 23 – Palavra “cavalari”	

Anexo 24 – Palavra “asinino”

Anexo 25 – Proposta de trabalho – Profissões relacionadas com a criação de gado!

Anexo 26– Proposta de trabalho – Ditado musical “Sou como um Rio” dos Delfins

Anexo 27 – Proposta de trabalho do Domínio da Matemática no Grupo dos 3 Anos

Anexo 28 – Grelha de avaliação do dispositivo da atividade do Domínio da Matemática no grupo dos 3 Anos

Anexo 29 – Proposta de trabalho do dispositivo do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita no Grupo dos 5 Anos

Anexo 30 – Grelha de avaliação do dispositivo da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita no Grupo dos 5 Anos

Anexo 31 – Proposta de trabalho da Área da Matemática na Turma do 2.º Ano

Anexo 32 – Grelha de avaliação do dispositivo da proposta de trabalho da Área da Matemática da Turma do 2.º Ano

Anexo 33 – Proposta de trabalho da Área do Estudo do Meio na Turma do 4.º Ano

Anexo 34– Grelha de avaliação de dispositivo da proposta de trabalho da Área do Estudo do Meio da Turma do 4.º Ano

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma Geral do Estágio Profissional (I, II, III, IV)	4
Quadro 2 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo	29
Quadro 3– Planificação do Domínio de Matemática.....	31
Quadro 4– Planificação da Área do Conhecimento do Mundo	33
Quadro 5– Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	36
Quadro 6– Planificação da disciplina de Matemática	39
Quadro 7– Planificação da disciplina de Português	41
Quadro 8– Planificação da disciplina de Estudo do Meio	43
Quadro 9– Planificação das disciplinas de Português, Estudo do Meio e Matemática	45
Quadro 10– Escala de Likert (adaptada).....	51
Quadro 11– Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Matemática	52
Quadro 12– Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	56
Quadro 13– Cotações atribuídas aos critérios definidos na ficha de trabalho da área de Matemática (2.ºano).....	59
Quadro 14– Cotações atribuídas aos critérios definidos na ficha de trabalho da área de Estudo do Meio (4.º ano)	63
Quadro 15– Calendarização do projeto.....	71
Quadro 16– Acróstico do projeto.....	72

Índice de Figuras

Figura 1– Colmeias.....	11
Figura 2– Casa	11
Figura 3– Árvore em velcro.....	22
Figura 4– Barco	30
Figura 5– Material Cuisenaire	31
Figura 6– Capa da história.....	34
Figura 7– Capa da história.....	36
Figura 8– Primeira página da história.....	37
Figura 9– Resultados da avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Matemática.....	53
Figura 10– Resultados da avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	57
Figura 11– Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Matemática.....	60
Figura 12– Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio	64

Introdução

Este trabalho foi realizado no âmbito das unidades curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação João de Deus.

O Estágio Profissional foi desenvolvido ao longo de quatro semestres em escolas diferentes, permitindo observar, refletir e intervir nos diversos contextos educativos.

Segundo Sacristán (1999, citado em Tozetto e Gomes, 2009), a prática pedagógica é entendida como “uma ação do professor no espaço de sala de aula” (p.181) pelo que é fundamental que esta ação seja de qualidade e focada nos alunos inclusive, no incentivo para que interajam e partilhem conhecimento uns com os outros.

O estágio profissional é assim, uma etapa importante no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno, do futuro professor, visto que promove oportunidades de vivenciar na prática o que a teoria nos ensina, propiciando assim, a aquisição de conhecimentos e atitudes relacionadas com a profissão escolhida pelo estagiário.

Desde o nosso primeiro ano de licenciatura que contactámos com as crianças e com os métodos que os educadores e professores utilizam e adequam aos seus alunos.

No início do estágio profissional não tive a oportunidade de ter um par de estágio. Este facto condicionou a minha perceção e desempenho pois, de certo modo, não tinha com quem partilhar as ideias ou solicitar a opinião para as aulas que ia leccionar.

A certa altura tive um par de estágio que desde então se manteve e que foi bastante importante para mim pois, para além da educadora/professora titular da sala, havia outra pessoa que assistindo também às minhas aulas, era mais uma pessoa a dar-me o seu *feedback* e opinião relativamente à minha prestação.

Ao longo do nosso estágio profissional tivemos o acompanhamento dos supervisores da Escola Superior de Educação João de Deus e dos educadores/professores das diversas escolas, designados de orientadores cooperantes. Esta supervisão assume duas vertentes, uma nos contextos onde se desenvolveu o estágio e outra, a Orientação Tutorial (OT). Esta consistia na orientação e organização do estudo sobre os conteúdos lecionados, para além do esclarecimento de dúvidas.

Tal como defende Moreira (2015, p.53, citado em Dias e Correia, 2017), a supervisão pedagógica é vista como uma “ação de acompanhamento da atividade geralmente (pré) profissional ou institucional (...) com uma intencionalidade orientadora, formativa, transformadora (...)” (p.181).

No final das aulas, as supervisoras reuniam-se connosco numa sala (a maior, de modo a queoubessemos todos e que estivesse livre na altura) para refletir sobre a nossa

intervenção, dando o *feedback* e realçando o que se fez de positivo, o que se fez menos bem e como se poderia melhorar.

Considero, por isso, que esta equipa é fundamental para a nossa evolução, enquanto futuras profissionais na área da educação visto que nos permite contactar com diferentes realidades e observar novas estratégias e metodologias.

Também, Alarcão e Roldão (2008, citado em Cortez, 2013) afirmam que, “um trabalho supervisivo, assente no acompanhamento e discussão permanente do processo e da ação e seus resultados, parece um alicerce para a construção do conhecimento profissional” (p.134).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a supervisão pode concretizar-se, fundamentalmente, segundo duas modalidades: uma predominantemente formativa, estimulante do desenvolvimento e da aprendizagem das pessoas e das instituições; e outra do pendor fiscalizador, que coloca ênfase no controlo. (p.19)

Para a construção deste Relatório de Estágio Profissional foi adotada uma metodologia de investigação qualitativa com recurso a diversos instrumentos, tais como, a observação participante com as respetivas notas de campo, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

Tal como afirma Judith Bell (citado em Silva, 2019), as metodologias qualitativas têm como base compreender as percepções individuais do mundo. A mesma autora refere ainda que a escolha do método de recolha de informação depende da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretende obter (p.38)

Bogdan e Biklen (citados em Silva, 2019) definem as cinco principais características de uma investigação qualitativa:

- O ambiente natural constitui a principal fonte de dados, sendo que o investigador é o instrumento-chave da recolha de dados;
- A primeira preocupação é descrever e só depois analisar os dados adquiridos;
- É mais importante o processo do que o produto e o resultado final;
- Os dados são analisados indutivamente;
- Diz respeito, essencialmente, ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê” (p.39).

Este relatório inicia-se com uma breve introdução, seguida de quatro capítulos:

- o Capítulo 1. Relatos de Estágio Profissional - composto por dez relatos (7 observados e 3 vivenciados);
- o Capítulo 2. Planificações - que contém oito planificações sendo quatro de Educação Pré-Escolar e quatro de 1.º Ciclo do Ensino Básico;

- o Capítulo 3. Dispositivos de Avaliação que é constituído por quatro dispositivos de avaliação, sendo dois de Educação Pré-Escolar e os outros dois do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- o Capítulo 4. Projeto Final - onde apresento uma proposta de projeto a realizar no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Após estes quatro capítulos, o relatório é, ainda, constituído pelas Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e por fim, pelos Anexos (atividades realizadas em sala de aula e que foram utilizadas para as avaliações).

Considero, por isso, que a prática do estágio profissional seja fundamental para a nossa evolução e crescimento enquanto futuras profissionais na área da educação visto que nos permite contactar com diferentes realidades e observar novas estratégias, metodologias e ir aprendendo fazendo.

De acordo com Regulamento do Estágio Profissional do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação João de Deus, o objetivo principal deste estágio profissional é que no final da formação importa “(...) ter nas nossas escolas os mais bem preparados, mais treinados, mais vocacionados e mais motivados para desenvolver a nobre e exigente tarefa de ensinar”.

O estágio profissional foi realizado ao longo de dois anos em três IPSS, na região de Lisboa, como já tinha referido.

O estágio dividiu-se em vários momentos, uns de observação e outros de intervenção a pedido da equipa de supervisão e das educadoras/professoras cooperantes. As aulas/atividades foram diferentes consoante a valência e o tempo da sua duração.

Em seguida, apresento o quadro 1 com cronograma geral do Estágio Profissional I, II, III e IV, dividido em 4 semestres. O Estágio Profissional I decorreu no período compreendido entre os dias 12 de fevereiro de 2016 e 22 de setembro de 2016, e cronologicamente, nas salas do grupo dos 4 anos, grupo dos 3 anos e, novamente, grupo dos 4 anos. Neste 1.º semestre, de fevereiro a junho, o estágio profissional realizou-se às sextas-feiras, das 9h às 17h, e, em setembro, realizou-se de segunda a sexta-feira no mesmo horário.

O segundo momento de estágio (Estágio Profissional II) decorreu no período compreendido entre o dia 10 de outubro de 2016 e o dia 10 de fevereiro de 2017, nas salas do grupo dos 5 anos, grupo dos 4 anos e, por fim, no grupo dos 3 anos.

Os estágios profissionais III e IV dizem respeito ao estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico e decorreram entre o dia 6 de março de 2017 e 7 de julho de 2017 e 9 de outubro de 2017 a 9 de fevereiro de 2018.

O Estágio Profissional III decorreu no período de 6 de março de 2017 a 7 de julho de 2017, na turma do 1.º Ano de escolaridade em seguida, na turma do 3.º Ano de escolaridade.

O Estágio Profissional IV decorreu entre o dia 9 de outubro de 2017 e o dia 9 de fevereiro de 2018, no 2.º Ano de escolaridade e no 4.º Ano de escolaridade.

Foi sendo intercalado ao longo dos semestres o tempo de Orientações Tutoriais (OT) e os períodos de estágio intensivo vivenciados em escolas fora de Lisboa.

Durante o primeiro ano de Mestrado foi-nos dada a possibilidade de podermos estar a trabalhar em contexto educativo.

Quadro 1 – Cronograma Geral do Estágio Profissional (I, II, III, IV)

Semestre		Atividade / Ação	Data
1.º semestre	Estágio em Educação Pré-Escolar (Escola 1)	Estágio no grupo dos 4 anos	12/02/2016 – 18/03/2016
		Estágio no grupo dos 3 anos	8/04/2016 – 27/05/2016
		Estágio no grupo dos 4 anos	3/06/2016 – 22/09/2016
		Orientação Tutorial	2h por semana
2.º semestre	Estágio em Educação Pré-Escolar (Escola 2)	Estágio no grupo dos 5 anos	10/10/2016 – 18/11/2016
		Estágio no grupo dos 4 anos	21/11/2016 – 16/12/2016
		Estágio no grupo dos 3 anos	2/01/2017 – 10/02/2017
		Estágio Intensivo	26/09/2016 – 30/09/2016 3/10/2016 – 7/10/2016
		Orientação Tutorial	2h por semana
3.º semestre	Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico (Escola 3)	Estágio na turma do 1.º ano	6/03/2017 – 5/05/2017
		Estágio na turma do 3.º ano	8/05/2017 – 7/07/2017
		Estágio Intensivo	20/02/2017 – 24/02/2017 27/02/2017 – 3/03/2017
		Orientação Tutorial	2h por semana
4.º semestre	Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico (Escola 3)	Estágio na turma do 2.º ano	9/10/2017 – 4/12/2017
		Estágio na turma do 4.º ano	7/12/2017 – 9/02/2018
		Estágio Intensivo	18/09/2017 – 6/10/2017
		Orientação Tutorial	2h por semana
		Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP)	21/02/2018

Capítulo 1 – Relatos de Estágio Profissional

1.1. Descrição do capítulo

Neste primeiro capítulo apresento dez relatos de aula:

- 3 relatos observados dizem respeito à Educação Pré-Escolar;
- 4 relatos observados correspondem ao 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- 2 relatos são de aulas planificadas e lecionadas por mim no 1.º Ciclo do Ensino Básico e 1 relato no Pré-Escolar.

De todas as aulas/atividades observadas e vivenciadas ao longo de quatro semestres, estes foram os relatos que resolvi escolher para integrar neste relatório. Após cada relato apresento as inferências e a respetiva fundamentação teórica.

1.2. Relatos de atividades/aulas observadas

1.2.1. Relato de Estágio 1

A educadora iniciou a aula pedindo ao grupo (3 anos) que se sentasse em forma de “U” no tapete. De seguida, mostrou às crianças um limão trazido por uma criança, visto que era diferente dos “normais”.

Após todas as crianças terem observado, cheirado e tocado no limão, a educadora apelou à criatividade e imaginação do grupo, perguntando aos mesmos com o que é que aquilo se assemelhava. Alguns responderam que o limão parecia uma chávena, um cão, uma flor, entre outros. Com esta atividade, a educadora trabalhou e desenvolveu alguns dos sentidos como o olfato, a visão e o tato.

A realização desta atividade serviu para eles perceberem que apesar de ter uma forma diferente, não deixa de ser um limão. Aproveitando o exemplo do limão a educadora explicou a todas as crianças que apesar de todos nós sermos diferentes, somos todos seres humanos e como tal, devemos-nos respeitar uns aos outros apelando a alguns valores e atitudes.

Seguidamente, as crianças foram para o recreio. Quando regressaram do mesmo, a educadora iniciou uma nova atividade do domínio da Matemática e, tendo como tema “presentes de aniversário”, utilizou o material *Cuisenaire*. Partindo de uma história que ajudou a introduzir o tema, a educadora abordou a representação gráfica de dados e trabalhou o cálculo mental.

Colocou o gráfico num suporte e, à medida que ia contando uma história, convidava as crianças a retirar de dentro de um saco a imagem de um presente. No verso dessas imagens poderia ser encontrado um urso, uma bola ou um vestido. Todas as crianças foram participando e no final, foram contabilizados os tipos de presentes.

No gráfico de barras a educadora foi representar o número de presentes de cada tipo utilizando as barras das peças do material *Cuisenaire*. Como exemplo e relativamente ao número de vestidos, foi colocada a peça amarela que representa cinco unidades. Foram as crianças quem tinham que ir buscar em cima da mesa a peça do material *Cuisenaire* correspondente ao número de presentes.

Após essa atividade, foram à casa de banho e depois almoçar. À medida que iam acabando de almoçar, dirigiam-se para a outra sala dos 3 anos para irem dormir.

À medida que as crianças iam acordando, iam brincando com os legos e quando já estavam todos prontos sentaram-se no tapete, onde a educadora se juntou ao grupo e, em conjunto, ensinaram-me duas novas músicas.

Posteriormente uma criança, juntamente com uma auxiliar, trouxe o limão lavado para a educadora cortar aos pedaços. Após estar cortado, a educadora deu a provar ao grupo um pouco de limão. A maioria adorou! Conforme iam provando, levantavam-se e dirigiam-se para as mesas.

O grupo realizou uma atividade sobre o que tinham estado a provar. A atividade consistia em cortar papel de lustro amarelo com a forma de um limão para depois cada uma das crianças colá-lo numa folha branca e com lápis de cera amarelo transformarem o limão no que quisessem.

Enquanto uns ainda estavam a acabar esta tarefa, os outros iam brincando livremente na cozinha de brincar.

Mesmo antes da hora do lanche, a educadora da sala contou a história “A Carochinha e o João Ratão” de Luísa Ducla Soares, e à medida que ia avançando na história, de acordo com o que ia lendo, ia pedindo aos alunos para dramatizarem algumas das cenas contadas.

Após o grupo realizar esta atividade lúdica, voltaram para as mesas para lancharem.

Inferências/reflexão fundamentada

A educadora titular da sala iniciou a atividade do limão e aproveitando o facto de ser bastante diferente dos limões “normais” estabeleceu a ponte para a Área da Formação Pessoal e Social trabalhando então a temática das atitudes e valores.

Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

A área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem-sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária. (p.37)

Na minha opinião e, considerando que este foi o meu primeiro momento de estágio, senti que o papel do educador é muito importante nas atividades desenvolvidas com o grupo de crianças, isto porque estas passam tantas horas por dia no contexto escolar, que o papel do educador não se limita apenas a transmitir conhecimento sobre matérias como Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática ou Área do Conhecimento do Mundo, mas também valores e competências sociais, neste caso concreto, o respeito e a tolerância pela diferença.

1.2.2. Relato de estágio 2

A educadora da sala dos 5 anos começou pela área do Conhecimento do Mundo, mais concretamente sobre o corpo humano aproveitando um livro trazido nesse dia, por uma criança, sobre este tema. Começando por ler o livro, foi depois chamando as crianças, uma de cada vez, para virem identificar num esqueleto que tinha na sala de aula, as respetivas partes do corpo.

À medida que exibía o esqueleto ia fazendo perguntas aos alunos sobre o mesmo, tal como: “O aluno “x” sabe que nome é que damos ao “objeto” que estamos a observar? e foi pedindo também, aleatoriamente, a algumas crianças que mencionassem onde estavam os membros superiores e inferiores e quais eram. Abordou ainda um pouco sobre alguns dos órgãos do nosso corpo.

Após esta abordagem à área do Conhecimento do Mundo, a educadora iniciou o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Começou por “chamar” pequenos grupos à Cartilha para ensinar uma nova letra, o “j” enquanto os restantes alunos realizavam uma ficha diagnóstica de abordagem à leitura e à escrita.

Após o lanche da manhã (bolacha ou fruta) e um breve intervalo no recreio, as crianças regressaram à sala de aula, foram à casa de banho e sentaram-se nos respetivos lugares, tendo-se dado início, de seguida, à aula de Inglês.

Nesta aula, pouco antes da hora de almoço, o grupo começou uma ficha em que havia um desenho e o mesmo tinha diversos números. Cada número correspondia a uma cor, por exemplo, o professor dizia o “number one is blue” e depois perguntava o que

significa “one” e “blue” e explicava que, no desenho da ficha, tinham que pintar todos os números 1 a azul e por aí em diante.

Depois da aula de Inglês terminar eu levei os alunos para o refeitório. Consoante iam acabando de almoçar, os alunos dirigiam-se para o recreio.

Às 14h30mm, os alunos foram para o ginásio e tiveram atividade de Educação Motora. Posteriormente, regressaram à sala e vestiram os bibes.

Após vestirem os bibes, a educadora da sala passou ao Domínio da Matemática, pedindo a duas alunas que distribuíssem uma caixa do material Calculadores Multibásicos para cada dois alunos.

Com este material, a educadora começou por fazer uma pequena revisão em que relembrou as regras e ditou o seguinte: 3 peças amarelas, 4 peças verdes, 5 peças encarnadas e 2 peças azuis. Após todos colocarem as respetivas peças, a educadora fez algumas questões, tais como: “Qual a torre mais alta?”; “Há duas torres iguais?”; “Quantas peças a torre encarnada tem a mais do que a torre amarela?”.

A educadora da sala introduziu, pela primeira vez, o jogo das torres. Nesta aula, jogaram na torre 5 e foi explicado aos alunos as regras, nomeadamente, que para se jogar nesta torre não se pode ter 5 ou mais do que 5 peças.

Realizaram mais alguns exercícios com este material e logo depois arrumaram o mesmo.

Às 16h o grupo foi lanchar.

Inferências/reflexão fundamentada

A educadora da sala chamou pequenos grupos para irem à Cartilha. De acordo com Ruivo (2006), o uso deste livro grande na sala de aula é uma ideia original de João de Deus e permite que a criança tenha uma maior e mais ativa participação no ato de ler em voz alta, desenvolvendo-lhe o conceito de leitura (p.3).

É importante que a educadora o faça tendo em conta que as crianças são todas diferentes e têm ritmos de aprendizagem diferentes. O “chamar” pequenos grupos à Cartilha permite à educadora ir avançando à medida do grau de evolução das crianças, isto é, exige mais ou exige menos ao grupo (grupo dos que estão mais avançados, ou dos que não estão tão avançados ou ainda dos que demonstram mais dificuldade).

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas.

De acordo com Rodrigues (2012), a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo contínuo, cujo sucesso é determinado, em grande parte, pelas atitudes e metodologias utilizadas pelo professor (p.11).

Quanto mais cedo a criança tiver contacto com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela se tornar um adulto leitor.

Para Moraes (1997, citado em Ruivo, 2009) a leitura é uma forma particular de aquisição de informação, informação que, diz Sim-Sim (1998, citado em Ruivo, 2009), pode contribuir para a transformação do círculo sócio-cultural a que o indivíduo pertence (p.54).

Ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão.

Para Viana (2002, citado em Ruivo, 2009) a facilidade em aprender a ler resulta das oportunidades que são fornecidas às crianças para se tornarem conhecedoras das propriedades que caracterizam a linguagem escrita (p.56).

1.2.3. Relato de estágio 3

O grupo dos 4 anos começou o dia às 9h30m com a aula de inglês com a respetiva professora da disciplina, até às 10h.

De seguida, a educadora da sala iniciou a aula com o Domínio da Matemática distribuindo metade de uma caixa de ovos com 6 espaços. Cada espaço estava pintado com uma cor correspondente ao material *Cuisenaire*, ou seja, da cor branca à cor verde escura. Distribuiu, também, a cada criança um copo com representações de ovos e galinhas pequenas.

Com este material não estruturado, a educadora colocou algumas questões tais como: "Quantos pares de ovos há no espaço cor-de-rosa?"; "Quantos ovos colocou a galinha branca?"; pergunta à qual uma criança respondeu "um ovo". A educadora questionou logo de seguida: "E um é número par ou ímpar?"; "Qual é a cor que tem mais ovos?"; "Quantos pares de ovos tem o espaço da cor verde escura?".

A educadora colocou ainda, algumas situações problemáticas recorrendo, para a sua resolução, ao cálculo mental, como por exemplo, "Olhando para os ninhos e tendo em conta o número de ovos que havia em cada ninho, quais são os que correspondem aos números ímpar?".

De seguida, a educadora da sala pediu para o grupo arrumar o material.

Às 10h30m foram para o recreio. Às 11h o grupo regressou ao salão.

A educadora pediu ao grupo para se sentar em roda visto que ia contar a história "Corre, corre cabacinha" de Alice Vieira. À medida que ia contando a mesma, as crianças, a pedido da educadora, tinham que ir procurar no centro da roda a imagem correspondente à parte da história acabada de ler. Após pegarem na imagem correta, iam colar no livro da história criado pela educadora que estava num suporte ao lado.

Seguidamente, a educadora pediu a quatro pares de crianças para realizarem um puzzle, ou seja, cada dois meninos tinham que construir um puzzle sobre os alimentos.

Após os puzzles estarem montados (um supermercado, uma cozinha, uma outra cozinha e uma horta), falaram sobre os mesmos, por exemplo, sobre a horta: "o que é uma horta?", "o que é que se costuma plantar na horta?", "que cuidados é que podemos e devemos ter com a horta?".

Às 12h foram para a cantina almoçar. Às 14h15m regressaram ao salão. Logo de seguida, o grupo dirigiu-se ao ginásio para ensaiar as músicas para o espetáculo de Natal. Depois do ensaio voltámos ao salão onde a minha colega e eu estivemos a fazer uma atividade de Natal com alguns alunos que consistia em fazermos, primeiro, uns cones com cartolina verde (que seria a "árvore de natal"), depois, fazermos estrelas com plasticina para colar no topo do cone e, por fim, demos plasticina aos alunos para estes fazerem várias bolinhas para colarem no cone (estas seriam os enfeites da árvore de natal).

De seguida foram à casa de banho lavar as mãos e depois dirigiram-se ao refeitório para lancharem.

Inferências/reflexão fundamentada

Para Bezerra (1962, citado em Caldeira, 2009a), o Material Didático é "todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem. São pois, materiais didáticos: o quadro negro, o giz, o apagador, os livros, instrumentos, os aparelhos e todo o meio audiovisual usado pelo professor ou pelo aluno, durante a aprendizagem" (p.15), situação reforçada por Silva et al (2016) nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

No jardim de infância, a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia a dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras (p.74).

Ao realizar uma atividade sobre o Domínio da Matemática com recurso a material manipulável não estruturado, nada mais do que metades de caixas de ovos pintadas com as cores correspondentes ao material *Cuisenaire*, e, face à reação positiva das crianças, nomeadamente a motivação pelo jogo, conclui-se que a educadora titular de sala seguiu com sucesso estas orientações.

As caixas de ovos de cartão são, normalmente, lixo doméstico. A sua reutilização como material didático desperta nas crianças, sensibilidade para a reciclagem, ao constatarem como é possível brincar com materiais cuja primeira finalidade não é ser um brinquedo e cujo destino seria o caixote de lixo.

A Reciclagem é o processo que visa transformar materiais usados em novos produtos com vista à sua reutilização. É um termo que tem sido cada vez mais utilizado

como alerta para a importância da preservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Este conceito depende a 100% da colaboração do cidadão: Só os materiais colocados nos equipamentos destinados à recolha selectiva – Ecopontos, Ecocentros, Serviços de Recolha Seletiva (ex.: porta à porta) – seguem para tratamento e posterior encaminhamento para a indústria recicladora (definição de reciclagem segundo informação disponível no *site* da Lipor).

1.2.4. Relato de estágio 4

O grupo do 1.º ano começou o dia às 9h, com a professora titular de sala a distribuir uma ficha de trabalho que consistiu numa cópia do texto “Afinal, o que leva?”.

Após a realização da cópia numa folha pautada, os alunos fizeram a interpretação do texto. A primeira pergunta era “Copia do texto quatro nomes próprios”; a segunda era “Copia do texto as palavras que têm “al”, “el”, “il”, “ol”, “ul””; e, por fim, o terceiro e último exercício era “Escreve palavras que rimassem com “Amaral”, “Daniel” e “Raul”. Enquanto a turma realizava essa atividade, a minha colega e eu estivemos a rever a lição de leitura que levaram para casa para treinar.

Às 10h30m, os alunos foram para o recreio. Às 11h, foram à casa de banho e regressaram à sala de aula.

A minha colega e eu demos uma caixa de 5.º Dom de Froebel a cada aluno. A professora começou por fazer uma revisão do nome do sólido geométrico desse material. Depois, escreveu a palavra cubo no quadro e desenhou, com giz, metade do cubo. Após isso, pediu a um aluno que fosse completar o que faltava do desenho.

A professora titular de sala fez a revisão dos conceitos de vértice, arestas e faces. Seguidamente, questionou os alunos relativamente às construções que tinham feito e o que tinham aprendido com este material.

Realizaram a construção das colmeias (como mostra a figura 1 ao lado). A professora enunciou algumas situações problemáticas, tais como: “Numa colmeia estavam 100 abelhas, fugiram metade. Quantas ficaram?”, “Depois dessas 50, fugiram metade. Quantas ficaram?”.



Figura 1– Colmeias

Passaram para a construção da casa, como podemos observar na figura 2 ao lado. A professora pediu a vários alunos que criassem situações problemáticas em que utilizassem a adição, uma com subtração, outra de multiplicação e por fim, uma de divisão. Depois arrumaram o material, corretamente, nas caixas.

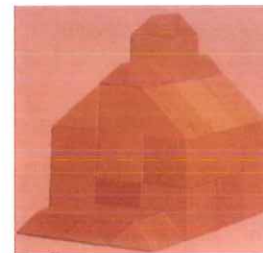


Figura 2– Casa

Após o material estar arrumado, a professora escreveu algumas operações no quadro e pediu que as passassem para a folha quadriculada:

- $43 \times 5 =$
- $256 - 140 =$
- $4 \times 109 =$
- $14 : 2 =$
- $75 + 328 =$
- $158 - 28 =$
- $3 \times 52 =$
- $10 : 5 =$

Às 13h, os alunos foram para o refeitório almoçar.

Às 14h30m a turma regressou à sala de aula. Estiveram a acabar as operações iniciadas antes da hora de almoço. À medida que os alunos iam acabando, a professora titular de turma distribuiu uma ficha de trabalho sobre o cálculo mental. Quem ia acabando o trabalho, ia ajudando os outros colegas ou ia fazendo um desenho livre.

Às 15h30m chegou a professora de expressão plástica.

Às 16h a minha colega e eu fomos embora.

Inferências/reflexão fundamentada

Após a hora do recreio, a minha colega e eu distribuímos uma caixa de 5.º Dom de Froebel a cada aluno. Segundo Caldeira (2009a):

Froebel foi o primeiro educador a enfatizar o brinquedo e a atividade lúdica. Para ele, a história contada pela professora deve ser expressa pela criança “não somente na sua própria linguagem, mas por meio de canções, representações figuras ou construção de objetos simples de papel, barro ou outro material” (p.239).

Este material é composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos. Estes cubos encontram-se dentro de uma caixa de madeira em forma de um cubo.

Tal como refere Caldeira (2009a), com este material estão predefinidas sete construções: a casa, o armazém, a igreja, colmeias, um cruzeiro, um poço e um sofá (p.292).

Estes formatos permitiram a construção das colmeias, reforçando a noção espacial e de equilíbrio das crianças. Por sua vez, as situações problemáticas colocadas permitiram desenvolver o raciocínio lógico e o cálculo mental enfatizando o conceito de metade, comprovando o referido por Caldeira como sendo interesses pedagógicos, entre outros, associados a este Dom.

Ainda com este material e com a realização da construção da casa, atingiu-se mais um objetivo pedagógico associado a este Dom que foi a criatividade, uma vez que alguns

alunos tiveram a liberdade de criar algumas situações problemáticas, com recurso às várias operações.

De acordo com o Dicionário Enciclopédico Lello Universal (citado em Silva, 2013) criatividade deriva das palavras “criar” e “criação”. Criar é dar existência a; inventar; originar; gerar; produzir; fundar; instituir; educar (p.27).

1.2.5. Relato de estágio 5

De manhã, quando a minha colega e eu chegámos à sala de aula, de uma turma de 2.º ano, a professora titular estava a distribuir 3 placas do material Calculadoras Papy.

Inicialmente, a professora lembrou as regras deste material visto que havia uma aluna nova na turma que desconhecia o mesmo. De seguida, pediu aos alunos que representassem o algarismo 8, depois o 9, o 11, o 15, o 25, o 37, o 120 nas calculadoras Papy. Após o que, chamou, individualmente, cada aluno para ir ao quadro representar nas calculadoras os algarismos que foi pedindo, com o objetivo de todos irem verificando se realizaram o exercício corretamente.

Após a realização de diversos exercícios de representação de números, a professora titular da turma passou à explicação da adição com o material Calculadoras Papy e pediu aos alunos que fizessem as seguintes adições, nas calculadoras:

▪ $4+4=$

▪ $8+8=$

▪ $25+5=$

Depois de representarem e resolverem as adições referidas anteriormente, a professora escreveu no quadro: $12+2=$ e pediu a uma aluna que criasse/inventasse uma situação problemática para aquela operação. A aluna, com a ajuda da professora, inventou o seguinte problema:

- A Inês deu 12 palhinhas ao Afonso; a Carlota veio e deu mais 2 palhinhas ao Afonso. Com quantas palhinhas ficou o Afonso?

A professora pediu para representarem os dados do problema nas calculadoras e resolverem o mesmo.

Após terminado o exercício, arrumaram o material e a professora passou, no quadro, os seguintes exercícios para os alunos passarem para uma folha:

1. Num autocarro estavam 46 passageiros. Na primeira paragem saíram 12 e entraram 15. Quantos passageiros ficaram no autocarro depois da primeira paragem?
2. Completa as igualdades:
 - 2.1. $3 \times 6 + 4 = \underline{\hspace{2cm}}$
 - 2.2. $274 + \underline{\hspace{2cm}} = 276$
 - 2.3. $\underline{\hspace{2cm}} + 18 = 25$
3. Escreve o nome dos meses que têm 31 dias.

Às 11h os alunos foram para o recreio. Às 11h30m, regressámos à sala de aula. Durante uns minutos, a turma esteve a acabar os exercícios iniciados anteriormente.

De seguida, a professora fez um exercício ortográfico cujo nome era “O barco do Pedro”. Seguidamente, os alunos fizeram o origami do barco e colaram-no no final da folha do ditado. No final exercício ortográfico, os alunos fizeram o abecedário maiúsculo e um desenho à volta do origami do barco.

Às 13h foram para o refeitório almoçar. Às 14h30m voltámos para a sala de aula.

A professora titular da turma fez a revisão de dois tipos de frase: a exclamativa e a interrogativa. Depois de feita a revisão, a professora deu à turma exercícios sobre esses conteúdos.

À medida que iam acabando esses exercícios, a professora da sala ia distribuindo alguns trabalhos para os alunos terminarem ou corrigirem.

Às 16h a minha colega e eu fomos embora.

Inferências/reflexão fundamentada

O material Calculadoras Papy segundo Caldeira (2009a), “consiste numa série de placas ou de painéis divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente do material *Cuisenaire* e representa um valor numérico” (p.345).

Teve origem, segundo Teixeira (2017), no trabalho desenvolvido por Georges Papy e pela sua esposa Frédérique (p. 22). A mesma autora cita ainda Almeida e Cordeiro (1990, p.11), quando refere que este instrumento “permite que desde muito cedo as crianças possam lidar com números grandes e realizar cálculos relativamente difíceis antes de saberem fazer os algoritmos usuais de papel e lápis”.

Trata-se de um material didático que tem regras de utilização tal como se fosse um jogo. De início pode parecer algo confuso e, do que foi possível perceber, efetivamente alguns alunos demonstraram um pouco mais de dificuldades do que outros. No entanto, de uma forma geral, esta metodologia revelou-se, não só divertida (por se assemelhar a um jogo onde as crianças têm que relacionar as cores com os números), como também eficaz, dado que, com este material didático, os alunos conseguiram representar números, com vários algarismos, (noção de unidades, dezenas e centenas), desenvolver o cálculo – adições, resolver situações problemáticas e reconhecer a compreensão do sentido do número e das operações.

Foi importante a preocupação em integrar a nova aluna que desconhecia o material e as suas regras.

1.2.6. Relato de estágio 6

De manhã, quando a minha colega e eu chegámos à sala de aula, a professora titular da turma do 3.º ano estava a distribuir alguns trabalhos para os alunos corrigirem. Após isso, escreveu o sumário de Matemática:

Lição n.º: 119 (Centésima décima nona lição)

Sumário: Números complexos: passagem de número incomplexo para complexo.

Depois questionou uma aluna sobre o que era o número complexo e a outro aluno o que era o número incomplexo. Logo de seguida, representou no quadro o número **423s** e esteve a explicar como é que se passa esse número incomplexo para complexo; esclareceu que a regra é dividir por 60, tal como se pode observar de seguida:

423s	60s
03s	7m
Logo,	<u>423s = 7m e 3s.</u>

Após dar esse exemplo, a professora colocou no quadro o seguinte número: **1576m** e pediu que passassem para número complexo.

1576m	60m	
376	26h	24h
16m	02h	1d
Logo,		<u>1576m = 1d, 2h e 16m.</u>

De seguida, distribuiu um apontamento sobre esta matéria para colarem no caderno.

Numa folha quadriculada, os alunos escreveram o cabeçalho e como título colocaram “exercícios”.

1. Transforma os seguintes números incomplexos em números complexos:

a. 2397s=

b. 97485s=

Às 10h40m a turma foi para o recreio.

Às 11h35m regressámos à sala de aula onde a professora da turma esteve a corrigir os exercícios iniciados antes do intervalo. Quando acabaram de corrigir o exercício de matemática, a professora distribuiu um crucigrama sobre D. Sancho II.

Após a realização do crucigrama, a professora titular da sala escreveu o sumário de Português:

Lição n.º: 123 (Centésima vigésima terceira lição)

Sumário: D. Afonso III – O Bolonhês – Leitura e interpretação dum texto acerca deste rei.

Depois de escreverem o sumário, a professora leu o texto: “D. Afonso III, “O Bolonhês””. De seguida realizou diversas questões sobre os mapas visíveis no texto e passou a explicar a evolução do mapa de Portugal desde D. Afonso Henriques a D. Afonso III. A mesma explicou ainda que foi D. Afonso III que conquistou definitivamente as terras algarvias.

Seguidamente, a professora pediu a vários alunos que lessem o texto, à vez. Após a leitura do mesmo, a colocou questões de interpretação, tais como: “De que rei fala o texto?”; “Qual era o seu cognome?”; “Porque é que ficou conhecido como o “Bolonhês”?”; “

"Neste reinado deu-se a conquista total de que região?"; "Como tal, ficou conhecido como...?"; "Em que ano Faro foi conquistado aos mouros?"; "1249 pertence a que século?"; "O que aconteceu em 1254?"; "Quais foram as classes sociais que pertenceram a estas cortes?"; "Os representantes do povo foram escolhidos entre quem?"; "O que significa "desavenças"?"; "Como é que se resolveram essas desavenças?"; "Quantos parágrafos tem o texto?"; "O 1.º parágrafo tem quantas frases?"; "Classifica morfossintaticamente a palavra "era", a palavra "este" e a palavra "rei".

A professora escreveu no quadro a frase: D. Afonso III era mais forte do que o irmão. Depois fez as seguintes perguntas à turma: "Como é que classificavam morfossintaticamente a palavra "forte"; "E se fosse no grau comparativo de inferioridade?"; "E de igualdade?"; "E no grau superlativo relativo de superioridade?"; "E no grau superlativo absoluto sintético?"; "E no grau superlativo relativo de inferioridade?" e, por fim, "No grau superlativo absoluto analítico."

Às 13h foram para o refeitório.

Às 14h30m regressámos à sala de aula, onde iniciámos a parte da tarde com 5 minutos de meditação. De seguida, os alunos estiveram a acabar a ficha do crucigrama. Depois a professora escreveu no quadro o sumário de Estudo do Meio:

Lição n.º: 59 (Quinquagésima nona lição)

Sumário: Formas de relevo: o relevo do interior.

A professora titular da turma desenhou no quadro interativo esboços de vales, planaltos, montanhas, etc., como forma de revisão dos conteúdos dados na aula assistida de uma colega. Reviu, ainda, conceitos como serra, cume, planalto, planície e montanha. Por fim, mostrou no *Google* o pico do Everest visto que é o pico mais alto do mundo.

Às 16h os alunos foram para a aula de ginástica e a minha colega e eu, fomos embora.

Inferências/reflexão fundamentada

Com esta atividade (texto "D. Afonso III – O Bolonhês" (Anexo 1)) a professora titular da sala conseguiu realizar interdisciplinaridade entre as áreas do Português e de História de Portugal. Segundo Stamberg (2009):

a interdisciplinaridade significa integrar, interar, e esse fato é uma exigência para o conhecimento científico, é preciso partilhas, trocas, cooperação e compromisso na prática pedagógica, principalmente quando se fala sobre o ensino de Ciências. A interação e a integração permitem que os alunos demonstrem mais interesse e autonomia de saberes e diálogos que são fundamentais na escola (p.22).

O Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico - 1º Ciclo (DGE, 2018), define como um dos seus objetivos gerais: "desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal" (p.103).

Com a leitura e interpretação do texto, trabalhando em simultâneo um dos conteúdos de História de Portugal, neste caso D. Afonso III, atingiu-se o objetivo de, com a mesma atividade, rever alguns conteúdos gramaticais (disciplina de Português) e, também, relembrar alguns factos históricos sobre D. Afonso III (História de Portugal) bem como incentivar o interesse dos alunos através da sua participação ativa ao longo da atividade.

1.2.7. Relato de estágio 7

De manhã, quando a minha colega e eu chegámos à escola, por volta das 9h, dirigimo-nos à sala de aula do 4.º ano onde ela começou a preparar a sua aula de dia inteiro.

A minha colega iniciou a sua aula distribuindo, a cada aluno, um convite (de casamento, de aniversário, para uma exposição, para inauguração de uma loja, de um escritório, entre outros), e pedindo, de seguida, a dois ou três alunos que lessem o convite que lhes calhou. Através da leitura os alunos perceberam que existe vários tipos de convite conforme os eventos.

Após aquela atividade a minha colega efectuou uma apresentação, em *powerpoint* iniciando-a com um *slide* que questionava: "O que é um convite?", seguindo-se a respetiva definição e exemplos para os diferentes tipos de eventos para os quais se enviam convites. Depois apresentou outro *slide* com um exemplo de um convite formal e solicitou que um aluno lesse o mesmo.

Em seguida, exibiu mais dois *slides* com as partes constituintes do convite formal e informal. Após explicar as diferenças entre um e outro distribuiu uma folha para os alunos escreverem um convite como se fosse para a sua festa de anos. Enquanto os alunos iam redigindo o seu convite, a minha colega ia circulando pela sala de aula para corrigir os diversos trabalhos.

Após terminarem o trabalho, a minha colega de estágio pediu a cada aluno que lesse o seu convite.

Às 11h foram para o recreio e às 11h40m o grupo foi à casa de banho e regressaram à sala de aula. Após estarem todos sentados, a minha colega começou por mostrar um saco de pano preto em que questionou a turma sobre o que teria lá dentro e resolveu passar o mesmo para que todos pudessem tocar e apalpar e tentar perceber o que teria o saco.

De seguida, retirou do saco um "rebuçado de chocolate" e disse que no saco só havia dois desses; depois retirou um "rebuçado de laranja" e referiu que só havia 14 desses dentro do saco; a seguir, retirou um "rebuçado de limão" e explicou que só havia 30 desses e, por fim, disse que só havia 14 de "framboesa".

Logo a seguir, pôs algumas questões sobre probabilidades à turma, como por exemplo: "Alguém sabe dizer uma situação impossível de acontecer?"; "E, agora, uma situação certa?"; "Qual é a probabilidade de sair "framboesa"?"; "E uma fração equivalente a $\frac{1}{4}$?"; "Qual é a probabilidade de sair um "rebuçado de chocolate"?"; "E um acontecimento muito provável de acontecer?".

Após expor essas questões, solicitou a colaboração de dois alunos para a distribuição da ficha de trabalho. Quando todos terminaram a proposta, a minha colega passou à correção da mesma no quadro interativo.

Às 13h foram para o refeitório almoçar. Às 14h vieram para a sala para a aula de Inglês.

Às 15h foram para o recreio. Às 15h30m regressaram à sala de aula.

A minha colega colocou uma imagem, através do *powerpoint*, sobre um satélite da terra e questionou a turma sobre o que observaram de modo a chegar ao tema da aula: Representações da Terra. A seguir interrogou a turma sobre as várias formas de representar a Terra, tendo alguns alunos respondido "globo", "mapa", "imagens".

Depois das respostas dos alunos, a minha colega mostrou, então, em *powerpoint*, as várias formas de representarmos a Terra: imagens de satélite; globo e planisfério. Seguidamente, mostrou um *slide* para cada uma das representações da terra e com a devida definição.

Depois de explicar cada uma das formas de representação da Terra, decidi mostrar um globo terrestre e pediu a um aluno que fosse identificar o nosso país, Portugal, naquele objeto. A minha colega aproveitou para colocar uma questão: "Será que o globo é uma boa ou má forma de representar a Terra?".

Passou outro *slide* com as vantagens e desvantagens do globo e do planisfério.

Depois de ter exposto as vantagens e desvantagens mostrou um planisfério que levou para mostrar à turma e aproveitou para colocar as seguintes questões: "Onde é que fica o continente europeu?"; "Qual é a capital de Portugal?"; "E Portugal faz fronteira com...?". Todas estas questões com a participação dos alunos ao irem ao planisfério responder à pergunta e apontar para o local pretendido.

Às 16h a minha colega e eu fomos embora.

Inferências/reflexão fundamentada

Para Marques (2013), a Matemática é uma das ciências mais antigas do mundo e é fundamental para o nosso dia-a-dia (p.3).

De acordo com o Programa de Matemática (MEC, 2013):

É no entanto reconhecido que a aprendizagem da Matemática, nos anos iniciais, deve partir do concreto, pelo que é fundamental que a passagem do concreto ao abstrato, um dos propósitos do ensino da Matemática, se faça de forma gradual, respeitando os tempos próprios dos alunos e promovendo assim o gosto por esta ciência e pelo rigor que lhe é característico (p.1)

Nesta aula de Matemática foram utilizados materiais não estruturados. Hole (1997, citado em Caldeira, 2009a) considera que o material não estruturado surge como aquele que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas (p.16).

Estes materiais podem ser construídos, recolhidos ou criados pelo professor e/ou alunos. Neste caso, o material desta atividade foi elaborado pela minha colega de estágio e foi elaborado com bolas de esferovite e papel crepe (Anexo 2) representando algo concreto com que os alunos, nesta idade, se identificam: o chocolate. E toda a atividade partiu desse concreto para o abstrato que é o cálculo da probabilidade, captando o interesse, a atenção, o empenho e a curiosidade da turma.

1.3. Relatos de atividades/aulas programadas

1.3.1. Relato de estágio 8

Neste dia, pelas 9h30m, iniciei a minha atividade com um grupo de 5 anos. Comecei por pedir às crianças que se sentassem nos respetivos lugares. De seguida, expliquei ao grupo as atividades que iriam realizar enquanto estava na cartilha com um grupo de três crianças. Na Cartilha revi como é que se lê o “e” em fim de palavra e introduzi uma nova lição, a da sílaba forte. De seguida, expliquei às crianças que tinham estado na Cartilha as atividades que iriam realizar. A primeira atividade consistia em dar uma proposta de trabalho com várias palavras e as crianças tinham que sublinhar todas as sílabas fortes. A segunda atividade tinha como objetivo escrever no quadro a palavra “*pediu*” e pedir a uma criança que copiasse e rodeasse a sílaba forte. A terceira, e última atividade, consistia em dar um saco com letras móveis, a criança ter que formar a palavra “*levou*” e escrever num pequeno quadro com giz qual a sílaba forte da respetiva palavra.

Das 10h30m às 11h o grupo teve aula de inglês. Às 11h foram para o recreio e regressaram à sala, às 11h30m.

Às 11h30m, após todas as crianças estarem sentadas, de novo, nos seus lugares, distribuí uma caixa do material Calculadores Multibásicos a cada uma. Depois chamei quatro crianças ao pé de mim e dei a cada uma delas uma estrela plastificada azul, a outra criança uma amarela, a outra uma encarnada e, por fim, uma verde. Questionei de seguida, o restante grupo para saber se as estrelas estavam, de acordo, com as cores correspondentes ao material Calculadores Multibásicos, pela ordem correta. E chamei de

seguida, uma outra criança para colocar as estrelas, pela ordem correta tendo em conta o material.

De seguida, pedi ao grupo que retirasse de dentro das caixas as placas e revi, rapidamente, as regras do material. Seguidamente, realizei o jogo das torres e terminei a atividade com o jogo das bases, onde pus algumas questões de cálculo mental. Após terminar a atividade do Domínio da Matemática pedi ao grupo que arrumasse o material corretamente.

Às 12h levei o grupo à casa de banho para depois se dirigirem ao refeitório para almoçar. O grupo esteve no recreio até às 14h15m.

Às 14h15m iniciei a minha atividade contando a história “A Lagartinha Muito Comilona” de Eric Carle. Após a leitura da história coloquei algumas questões, como: “Quais foram as frutas que a lagartinha comeu durante a semana?”. De seguida, questionei o grupo sobre qual a importância de comermos fruta e passei a mostrar algumas frutas que levei (maçã, banana, kiwi, laranja, morangos, uvas, ananás) para eles cheirarem, tocarem e dizerem-me quais os seus nomes e suas características.

De seguida, fui distribuindo as crianças pelas mesas (que estavam postas em grupo) e dei a cada criança um chapéu de *chef*. Expliquei que, em cima da mesa estava uma faca de plástico para cada um, um prato com pedaços de fruta e uma taça onde teriam que depois de cortar a fruta colocar a mesma lá dentro. O objetivo foi o grupo realizar uma salada de frutas, onde no final todos provaram. Antes de iniciarem a atividade, questionei o grupo sobre o que é que devemos fazer sempre que vamos comer ou mexer em alimentos e eles responderam que devemos lavar as mãos e, então, dei a cada criança um toalhete para limparem as mãos visto que iam mexer em alimentos.

Como a atividade da salada de frutas demorou mais do que eu esperava não consegui realizar o jogo que estava no plano de aula e, por isso, improvisei e realizei o jogo da memória utilizando cartões com imagens de frutas.

Inferências/reflexão fundamentada

O material Calculadores Multibásicos é constituído por um conjunto de três placas de plásticos com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, duas cor-de-rosa e duas de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres”. Com esta atividade pretendi desenvolver com o grupo alguns interesses pedagógicos, como defende Caldeira (2009a), como a associação e comparação, jogos em várias bases, operações aritméticas, entre outros.

De acordo com Caldeira (2009a) o jogo das torres consiste em ditar peças que são colocadas da direita para a esquerda. Pedimos, então, às crianças que na placa que tinham à frente, fizessem uma torre amarela no 1.º furo da direita; de seguida, pedimos para

fazerem uma torre verde no 2.º furo e questionámos qual a torre mais alta. Daí passámos a contar o número de elementos de cada torre. Depois, dizemos para fazerem uma torre encarnada no 3.º furo da placa e perguntamos "qual das três torres é a mais baixa?". E, acrescenta-se que podemos pedir ainda, para fazerem uma torre azul, no 4.º furo da placa, e que tenha mais elementos do que as torres anteriores.

Pude constatar que durante esta atividade houve crianças com algumas dificuldades a nível de lateralidade, a nível de contagem e daí considerar que é essencial este material ser trabalhado desde cedo pois permite desenvolver bastantes capacidades como, por exemplo, a concentração, a motricidade, o raciocínio, a audição, a visão, a lógica.

A rotina da higiene é fundamental para a saúde das crianças. Segundo Zabalza (1998, citado em Lucas, 2017), a segurança sentida ao conhecerem a organização das rotinas proporciona às crianças autonomia e incentiva a necessidade de aprender como se processa cada momento, permitindo-lhes assim sentirem-se "mais donos do seu tempo" e mais seguros, pois sabem o que fazer (p.13).

Tal como Cordeiro (2010) defende:

a lavagem das mãos é reconhecida em casa, nos infantários e jardins-de-infância, e nos estabelecimentos alimentares como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças – são várias cuja transmissão pode diminuir consideravelmente com essa medida: diarreia infecciosa e outras perturbações gastrointestinais, hepatite A, infeções respiratórias, como a constipação, a gripe e a pneumonia, assim como a conjuntivite e a meningite (p.105).

O mesmo autor dá ainda alguns exemplos de quando é que as crianças devem lavar as mãos, como por exemplo, antes de preparar uma refeição ou de comer; após ida à casa de banho; depois de assoar, tossir ou espirrar; depois de mexer no lixo; depois de mexer num animal ou detrito de animal, entre outros (p.107).

1.3.2. Relato de estágio 9

Neste dia, pelas 9h, iniciei a minha atividade com uma turma do 1.º ano.

Comecei por colocar duas tabelas de feltro no quadro, uma para a frase declarativa e outra para a frase interrogativa. De seguida, chamei um aluno ao quadro e pedi-lhe que escolhesse um envelope. Expliquei que dentro desse envelope teria uma frase desordenada e que o objetivo era que a formasse de modo correto e a colocasse no quadro.

Depois expliquei que, quando as frases terminam em ponto final, chamam-se frases declarativas e que uma frase declarativa é quando damos uma informação, relatamos um acontecimento ou respondemos a alguém e que, quando as frases terminam com um ponto de interrogação, chamamos-lhes frases interrogativas, ou seja, este ponto serve para fazermos perguntas ou pormos questões a alguém.

Logo de seguida, dei um poema cujo nome é “História da Planta” de Ofélia e Narbal Fontes e de seguida, uma ficha de interpretação/gramática sobre o mesmo que realizámos em conjunto. Para este texto, solicitei a colaboração de vários alunos para a sua leitura.

Por volta das 10h25m pedi aos alunos que me dessem a proposta de trabalho para depois irem para o recreio.

Às 11h regressámos à sala de aula. Comecei por distribuir uma caixa de Calculadores Multibásicos a cada aluno. Após todos terem uma caixa questionei-os sobre o nome do material.

Depois relembrei a ordem de cada cor e a que ordem pertence. Para isso, chamei 3 alunos e dei a cada um uma imagem de uma figura com uma cor (amarelo, verde e encarnado), seguidamente, troquei-os de lugar e pedi a outro aluno que os colocasse pela ordem correta das cores.

Realizei o jogo das torres. Após a realização deste jogo, ditei números para os alunos representarem nas placas e pedi-lhes que fizessem a leitura por ordens. Por fim, concretizei exercícios de adição, em diferentes bases, lembrando a regra de acrescentar 1 mentalmente. Distribuí uma proposta de trabalho que foi realizada mais tarde pela professora titular de turma.

Às 12h chegou o professor de música. Esta aula demorou 1h pelo que, às 13h os alunos foram para o refeitório almoçar.

Na parte da tarde, os alunos chegaram à sala por volta das 14h30m. Comecei por pedir aos alunos que se sentassem ordeiramente nos lugares.

De seguida, mostrei, através de um *Powerpoint*, a imagem de uma planta e questionei os alunos sobre o que observaram. Ensinei, então, quais são as partes constituintes de uma planta. Depois tentei perceber se eles sabiam qual é a função de cada parte constituinte. À medida que eles iam respondendo, eu ia aproveitando as respostas para lhes explicar essa função.

Realizei uma pequena atividade de consolidação que consistiu em colocar uma árvore em feltro (como podemos observar na figura 3 ao lado) com todas as partes constituintes (raiz, caule, folha, flor e fruto) com o objetivo de eles colocarem a palavra do constituinte no lugar correto bem como a respetiva função.

Após esta pequena atividade, pedi a dois alunos que distribuíssem pela restante turma um protocolo, questionei os mesmos sobre o que é um protocolo e expliquei que iríamos mudar de espaço para realizar uma atividade experimental.

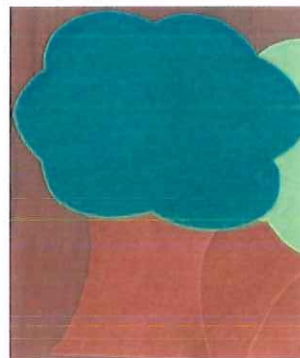


Figura 3— Árvore em velcro

Levei, então, a turma para o coreto que há no pátio da escola e pedi aos alunos que se sentassem em roda. Levaram consigo apenas o protocolo (Anexo 3), lápis e borracha (para concretizarem os exercícios do protocolo).

Coloquei os materiais da experiência no centro do coreto (corantes, flores brancas, água e frascos de vidro), depois pedi a diversos alunos para lerem o protocolo; de seguida, passámos aos procedimentos, o 1.º passo foi colocar no copo de vidro um pouco de água, o 2.º foi dissolver o corante alimentar na água até que esta ficasse colorida e por fim, o 3.º passo foi colocar a flor dentro do copo e deixá-la mergulhada nesta água colorida cerca de uma semana; após o que anotaram os resultados, neste caso, colocando uma cruz (x) no quadrado correto tendo em conta o que acontecera às flores após a experiência. Para concluir, os alunos tinham ainda que ler um texto que consistia em conclusões sobre a experiência e tinham de riscar a opção errada.

Às 16h a minha colega e eu fomos embora.

Inferências/reflexão fundamentada

De acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues, e Couceiro, (2007) pretende-se que os professores tenham oportunidade de atualizar e aprofundar conhecimento científico no âmbito de temas a trabalhar com os alunos sendo que, no seu entendimento, os temas a desenvolver são:

- Explorando Objectos... Flutuação em líquidos (Volume 1);
- Explorando Materiais... Dissolução em líquidos (Volume 2);
- Explorando Plantas... Sementes, germinação e crescimento (Volume 3);
- Explorando a Luz... Sombras e imagens (Volume 4);
- Explorando Materiais e Objectos... Fenómenos eléctricos (Volume 5);
- Explorando Transformações... Mudanças de estado (Volume 6)

De acordo com o Ministério da Educação (ME, 2004), Organização Curricular E Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo, será através do Estudo do Meio que os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada (p.102).

Para Silva (2019), o Ensino das Ciências é uma área que desperta a curiosidade dos alunos, tendo um papel crucial na forma como veem e compreendem o mundo ao seu redor (p.19).

Posto isto, o professor deve criar ambientes propícios à aprendizagem dos seus alunos e deve estimular o pensamento dos mesmos para que consigam estabelecer relações entre as novas aprendizagens e as que já adquiriram anteriormente.

A atividade que realizei com a turma insere-se no âmbito do tema “Explorando Plantas... Sementes, germinação e crescimento”. A apresentação em *Powerpoint* teve como objetivo o enquadramento teórico do tema, os conceitos que permitiram aos alunos contextualizar o que verificaram na prática com a experiência realizada.

1.3.3 Relato de estágio 10

Neste dia, pelas 9h30m, iniciei a minha aula numa turma de 3.º ano.

Comecei por explicar que seria através de um *powerpoint* que íamos ler uma história cujo nome é “O menino que não gostava de sopa” de Cidália Fernandes e que teriam que estar com muita atenção pois a seguir iriam realizar uma ficha de trabalho.

Solicitei a colaboração de diversos alunos para a leitura da mesma.

Pedi a ajuda de dois ou três alunos para a distribuição das fichas de interpretação. A ficha continha questões como: “Quem é a autora desta história?”; “(...) Disse-lhe o nabo tão branco como (...)” Nesta história ao que é comparado o nabo?”; “Indica alguns legumes referidos na história.”; “Segundo a história, o que é que o feijão e a batata nos fornecem?”; “Quem é a personagem principal desta história?”; “Quantos anos tem o João?”; “Como é que o João reagia sempre que tinha que comer a sopa?”; “Em vez da sopa o João preferia... Assinala com uma X a resposta correta.”

Pão	Melão	Feijão
☐	☐	☐

Seguidamente realizaram um ditado mudo, isto é, escrevi algumas palavras relacionadas com a história lida tais como refeição, abóbora, indispensáveis, espinafres, partilhá-la, desesperada, reagia, tesouro, beicinho e insistia – no quadro, dei 1 minuto à turma para que memorizassem as palavras e apaguei-as de seguida. Os alunos tinham uma folha pautada onde tinham que registar as palavras anteriormente vistas.

Expliquei que iríamos fazer uma revisão dos conteúdos gramaticais através de um jogo semelhante ao bingo, ou seja, cada aluno tinha em cima da mesa um cartão com a imagem de um legume ou fruta que atrás tinha uma questão, numerada. À medida que eu ia tirando de dentro do saco uma bola de esferovite com esse número, o aluno que tivesse a questão correspondente àquele número, teria que responder a essa questão. Questões como: “- Queres mais sopa, meu filho?”; “Classifica morfossintaticamente a palavra nosso.”; “Diz uma palavra que rime com “forte.”; “O que são palavras homófonas? Dá dois exemplos.”; “Observa a frase: “Uma folha bem verdinha.” Em que grau se encontra o adjetivo da frase?”; “Classifica morfossintaticamente a palavra “era”.”; “Sai imediatamente da sala!”. Classifica, esta frase, quanto ao tipo de frase.”; “Classifica sintaticamente a frase: “Os alunos ofereceram flores à professora.””; “Refere o antónimo da palavra curto e um sinónimo da palavra adorar.”; “Classifica a palavra “termómetro” quanto à sílaba tónica.”

Às 10h40m foram para o recreio. Às 11h10 regressaram à sala de aula.

Às 11h15m coloquei diversas questões sobre a história de maneira a que o grupo chegasse ao tema da aula, a agricultura.

Pedi ao grupo que procurassem no dicionário o significado da palavra “agricultura” e solicitei que alguns alunos lessem o significado que encontraram.

Interroguei os alunos sobre o que é uma atividade económica. A partir das respostas dos mesmos dei uma definição mais completa e expliquei que tanto a agricultura, como a pesca, a pecuária e a exploração florestal são atividades económicas pois geram riqueza mediante a extração, transformação e distribuição de recursos naturais, bens e serviços tendo como objetivo a satisfação de necessidades humanas como a educação, alimentação e a segurança.

Mostrei, logo de seguida, um vídeo com algumas das fases do trabalho agrícola e um *powerpoint* com a fase do adubar (visto que não apareceu no vídeo) e expliquei no que consiste. Mostrei, também, algumas técnicas usadas na agricultura, como a adubação, irrigação dos solos, estufas, socacos, entre outras.

Chamei dois ou três alunos para distribuírem uma ficha de consolidação do que fora abordado, com perguntas como: “O que entendes por agricultura?”; “Indica quais são os produtos resultantes das seguintes matérias-primas: cereais (trigo, centeio, milho), uvas e azeitonas.”; “Ordena com números as fases do trabalho agrícola.”; “Completa os espaços com as fases do trabalho agrícola.”; “Observa as figuras e responde à questão seguinte: Sabendo que o avião está a espalhar pesticida (produto utilizado na agricultura para prevenir doenças nas plantações), explica o que aconteceu à menina e o que ela poderia ter feito para evitar adoecer.”

Após terminarem a realização das fichas, passámos à correção das mesmas.

De modo seguido, dividi a turma em três grupos de 5 e dois grupos de 4. Expliquei que íamos jogar ao quiz e as regras deste jogo, como modo de revisão dos conteúdos abordados ao longo do ano.

Distribuí, por cada grupo, uma tabela onde iam escrevendo o resultado de cada questão e, no final, a correção da questão caso tivessem errado; três cartões brancos para servir como rascunho para a realização das operações, conversões, etc. e uma caneta. Questões como: “Quanto é $2150 \times 100 = ?$ ”; “Coloca os seguintes números por ordem crescente: 2570, 89, 10, 641, 2 e 105.”; “No material Calculadores Multibásicos qual é a cor que corresponde à ordem das unidades de milhar?”; “Tenho uma nota de 20€ e quero trocar por moedas de 2€. Com quantas moedas de 2€ vou ficar para ter a mesma quantia (20€)?”; “Quanto é uma centena e meia? E se juntarmos meio quarteirão, com quantos ficamos?”; “A fórmula da área do retângulo é: $C \times L$. Esta afirmação é verdadeira ou falsa? Justifica, se necessário.”; “No material 5.º Dom de Froebel o número de cubos é 25. Verdadeiro ou falso?”

Realizámos o jogo quiz.

Após termos terminado o jogo, mostrei, através de um *powerpoint*, a correção de cada pergunta.

Inferências/reflexão fundamentada

Podemos constatar que as estratégias de ensino utilizadas pelos professores socorrem-se de todos os meios e formas mais adequadas e propícias para conseguir motivar e cativar os alunos alcançando assim, um ensino/aprendizagem mais eficaz.

De acordo com Duarte (2009) a palavra estratégia vem do grego antigo *stratègò* (de *stratos*, "exército", e *"ago"*, "liderança" ou "comando" tendo significado inicialmente "a arte do general"). Define-se como um conjunto dos meios e planos para atingir um determinado fim (p.22).

Para Kishimoto (1994, p.22, citado em Duarte, 2009) qualquer jogo empregado pela escola aparece sempre como um recurso para a realização das finalidades educativas e, ao mesmo tempo, um elemento indispensável ao desenvolvimento infantil (p. 23).

Também Drew *et al* (s/d, p.33, citado em Duarte, 2009) defendem que o jogo é uma atividade útil na educação uma vez que promove o diálogo e o respeito pelos outros, sendo tão importante, interessante e divertida como outra qualquer. Os jogos podem e devem ocupar um lugar importante na escola, tal como outros conteúdos do currículo (p.30).

Foi neste contexto que escolhi para esta aula a realização de um jogo com o objetivo principal de rever alguns conteúdos gramaticais de forma mais divertida e lúdica.

Considero que todas as educadoras e professoras podem e devem realizar mais vezes jogos em sala de aula pois é uma maneira divertida, cativante, interessante e lúdica de "despertar e manter a atenção dos alunos" e, ao mesmo tempo, propiciar maior eficácia na retenção das informações importantes que são transmitidas.

Capítulo 2 – Planificações

2.1. Descrição do capítulo

Neste capítulo serão apresentados os planos de aula elaborados durante o período de estágio, que tem, ainda, como finalidade explorar o significado de planificar, para que serve a planificação e como é que a devemos fazer.

Este capítulo compreende 8 planificações, as quatro primeiras enquadram-se na Educação Pré-Escolar, nas faixas etárias compreendidas entre os 3 e os 5 anos e as outras quatro referem-se ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, com as faixas etárias compreendidas entre os 6 e os 9 anos.

Cada planificação abrange um domínio da Educação Pré-Escolar e a uma área do 1.º Ciclo do Ensino Básico em que em cada uma delas estão expostas estratégias de modo a trabalhar de forma lúdica e dinâmica vários temas, à exceção da planificação que irei apresentar para o 4.º Ano de escolaridade, que será uma planificação para um dia inteiro.

Das planificações apresentadas 3 delas correspondem a aulas assistidas pela equipa de supervisão. As restantes planificações foram avaliadas pelas respetivas cooperantes. No seguimento de todas as aulas/atividades programadas foram realizadas reuniões com a equipa de supervisão e com as professoras/educadoras titulares para darem o *feedback* sobre a nossa planificação e intervenção.

Cada uma das planificações contém componentes que são seleccionadas através das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar ou das Metas Curriculares para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os recursos materiais são muito importantes para o desenvolvimento das atividades a realizar, bem como a organização do espaço para tornar clara e concisa a compreensão das componentes/conteúdos pelos alunos/crianças.

2.2. Fundamentação teórica

Durante este período de estágio elaborei diversos planos de aula com o intuito de proporcionar um ambiente estimulante e lúdico para o desenvolvimento da aprendizagem.

Planificar é muito importante para qualquer educador ou professor visto que é através das planificações que os mesmos se organizam para prepararem atividades que irão realizar com o grupo ou com a turma e os materiais necessários para o desenrolar das mesmas. Para planificar é essencial que se estabeleça um objetivo, que se escolha um tema para se explorar com o grupo ou com a turma.

Segundo Silva et al. (2016):

Planejar implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planejar permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas (p.15).

Ainda para as mesmas autoras (2016), “planejar não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.” (p.15)

Para Zabalza (2000, p.48, citado em São Bento, 2017), planificar é:

Um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como *apoio conceptual* e de *justificação* do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a *direção* a seguir; e por fim, uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa *estratégia de procedimentos* que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo (p.34).

Ainda segundo o mesmo autor (2000, p. 47, citado em São Bento, 2017), planificar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação” (p.34).

Clark e Yinger (1994, p.48, citado por Alves, 2018) baseando-se num estudo, explicaram as razões pelas quais os professores planificam, e apresentaram três razões:

- satisfazer as suas necessidades individuais (stress, incerteza,...);
- estabelecer os objetivos a alcançar, os conteúdos, materiais e atividades a realizar;
- definir estratégias a aplicar durante o processo de instrução (p.27).

Como referem Ribeiro & Ribeiro (1990), um plano inclui, objetivos e conteúdos de ensino – o que se planeia ensinar – e, pode incluir métodos e experiências – como se planeia ensinar – sobressaindo, neste aspeto, a ordem ou sequência em que se vai ensinar (p.51).

2.3. Planificações em quadro do Pré-Escolar

2.3.1. Planificação de atividade dos 3 anos

O quadro 2 apresenta uma planificação de uma atividade implementada com crianças de 3 anos de idade, inserida na área de Expressão e Comunicação, especificamente na Área do Conhecimento do Mundo, supervisionada pela educadora titular da sala. Esta atividade teve como objetivo principal que as crianças identificassem os vários transportes aquáticos existentes.

Quadro 2 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

HORA	COMPONENTES	ESTRATÉGIA	RECURSOS
9h45min	Conhecer elementos centrais da sua comunidade, realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades. « Transportes aquáticos	- o Começar por saudar as crianças; - o Perguntar aos alunos como é que estes vêm para a escola para depois chegar aos transportes aquáticos; - o Explicar que vamos assistir a uns vídeos de alguns exemplos de transportes aquáticos; - o Falar um pouco sobre cada transporte que o grupo viu nos vídeos; - o Ensinar a música “O barquinho”; - o Pedir aos alunos que se dirijam aos respetivos lugares para realizar uma atividade que consiste em preencher uma imagem de um transporte aquático com plasticina.	➤ Computador; ➤ Projetor; ➤ Colunas de som; ➤ Plasticina; ➤ Imagens de transportes aquáticos.
10h25min			

Antes de dar início à atividade, pedi às crianças que se sentassem em “U”, no chão, em cima de almofadinhas, de modo a que todos conseguissem visualizar os vídeos que iam ser mostrados permitindo uma maior interação entre as crianças e eu. De seguida, questionei o grupo sobre a forma de como costumam ir para a escola.

Segundo o Ministério da Educação (1990, citado em Alves, 2005):

Todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas (p.30).

Após ouvir as respostas das crianças, expliquei que iríamos assistir a alguns vídeos e que depois iríamos falar sobre os mesmos.

Seguidamente, após termos visualizado todos os vídeos, perguntei a várias crianças o que observaram e se sabiam o nome de cada tipo de barco e que funções tinham.

Depois de termos debatido sobre tudo o que observaram nos vários vídeos, sentei-me no chão ao pé das crianças e ensinei-lhes a música “O barquinho”, cuja letra é:

O Barquinho ligeiro andava
Ligeirinho andava no mar
A nuvem passou
O mar se agitou
O vento a soprar
E os barcos a virar
Veio a onda e baloiça o barquinho
E o barquinho faz “Tchap” no mar
faz “Tchap” no mar.

Todo o grupo adorou a música e pediu para repetir. Com a música consegui manter o grupo calmo para a passagem para a próxima atividade.

Para Barros (s.d.), "o professor/educador pode selecionar músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado na respectiva área tornando as aulas mais dinâmicas, atrativas, e vai ajudar a recordar as informações" (pp. 41-42).

Rosa (1990, citado em Barros, (s.d.)), afirma que a simples atividade de cantar uma música proporciona à criança adquirir e desenvolver de uma série de aptidões importantes. (p.42)

Segundo Barreto (2000, p.45, citado em Barros (s.d.)), a musicalização infantil na escola é um poderoso instrumento que desenvolve, além da sensibilidade à música, fatores como: concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina (p.42).

Depois de ouvirmos e cantarmos a música "O barquinho", pedi às crianças que se dirigissem aos respectivos lugares. Logo de seguida, distribuí a cada criança uma atividade de trabalho que era a imagem de um barco, como ilustra a figura 4 ao lado, para que preenchessem a figura com plasticina. Enquanto realizavam a atividade, coloquei algumas músicas para elas irem ouvindo e estarem tranquilas.

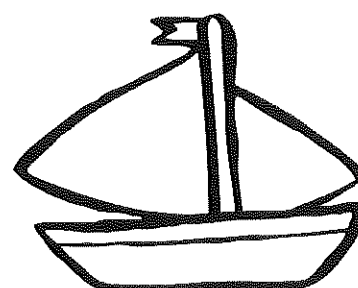


Figura 4– Barco

Para Ferreira (2012), "a música e as artes visuais são das mais importantes linguagens na vida da criança, tendo um papel fundamental no seu desenvolvimento global, tornando-se um poderoso recurso educativo e ajudando a criança a expandir-se cada vez mais livremente." (s/p).

Considero que a atividade que propus foi importante pois permitiu o desenvolvimento da motricidade fina das crianças, a capacidade de atenção e concentração.

2.3.2. Planificação de atividade dos 4 anos

O quadro 3 apresenta uma planificação de uma atividade implementada com crianças de 4 anos de idade, supervisionada pela educadora titular da sala e inserida na área de Expressão e Comunicação, especificamente no Domínio da Matemática.

Quadro 3– Planificação do Domínio de Matemática

HORA	COMPONENTES	ESTRATÉGIA	RECURSOS
10h30min	Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc.). ▪ Relação cor-valor	○ Sentar os alunos nas mesas; ○ Explicar as regras do jogo que vamos realizar (jogo do bingo/loto); ○ Tirar de dentro de um saco um cartão com uma cor, aleatoriamente, eles têm que associar ao material <i>Cuisenaire</i> e dizer qual o valor da peça que corresponde aquela cor e quem tiver esse valor no seu cartão coloca uma marca em cima, o primeiro a acabar grita “BINGO!”.	➤ Cartões de loto plastificados; ➤ Cartões com as cores do <i>Cuisenaire</i> plastificados; ➤ Saquinhos com marcas (molas pequenas coloridas)
11h30min			

Com esta atividade pretendeu-se que as crianças associassem a cor ao valor da peça. Para Silva *et al* (2016):

O desenvolvimento de noções matemáticas inicia-se muito precocemente e, na educação pré-escolar, é necessário dar continuidade a estas aquisições e apoiar a criança no seu desejo de aprender. No jardim-de-infância, a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia-a-dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras (p.74).

Ainda para as mesmas autoras:

O desenvolvimento do raciocínio matemático implica o recurso a situações em que se utilizam objetos para facilitar a sua concretização e em que se incentiva a exploração e a reflexão da criança. A disponibilidade e a utilização de materiais manipuláveis (colares de contas, cartões padronizados, tangram, material de Cuisenaire, miras, puzzles, dominós, legos, etc.) são um apoio fundamental para a resolução de problemas (p.75).

Iniciei esta atividade pedindo às crianças que se sentassem nos respetivos lugares.

De seguida, expliquei que iríamos jogar ao bingo e expus as regras. Este jogo consistia em dar a cada criança um cartão plastificado com diversos números que correspondiam ao valor das peças do material *Cuisenaire*, como podemos observar na figura 5.



Figura 5– Material Cuisenaire

Para Caldeira (2009a) o Material Cuisenaire, conhecido também por números coloridos, deve o seu aparecimento ao belga Emilie Georges Cuisenaire (p.125).

Ainda para esta autora “Para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. Este material é aconselhado desde a infantil até ao ensino básico” (p.126).

Segundo Alsina (2004, p.34, citado em Caldeira, 2009a):

As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental...para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p.126)

De acordo com Palhares e Gomes (2006, p. 171, citado em Caldeira, 2009a):

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar frações e decimais estudar as propriedades das operações, efetuar a decomposição de números, efetuar a ordenação de números e comparar "partes de" e resolver problemas (p.129).

Para além do cartão, cada criança tinha ainda umas marcas (molas pequenas coloridas).

Eu tinha um saco e dentro do mesmo havia vários cartões plastificados com as cores das peças deste material, isto é, dentro do saco havia 10 cartões, cada cartão com uma cor, desde a cor branca à cor laranja.

Aleatoriamente, eu retirava um cartão de dentro do saco e, conforme a cor que saísse, as crianças tinham que associar a cor ao valor. Quem tivesse esse número no cartão, teria que colocar uma marca em cima. Por exemplo, se eu retirasse o cartão com a cor castanha, como a peça castanha vale oito unidades, quem tivesse o número 8, colocaria uma marca em cima.

A primeira criança a completar o cartão com todas as marcas tinha que gritar "BINGO".

Para Bezerra (1962, citado em Caldeira a), 2009), o Material Didático é:

Todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem. São pois, materiais didáticos: o quadro negro, o giz, o apagador, os livros, instrumentos, os aparelhos e todo o meio audiovisual usado pelo professor ou pelo aluno, durante a aprendizagem" (p.15).

Segundo Turrioni (2004, p. 78, citado em Caldeira, 2009a), o Material Didático "exerce um papel importante na aprendizagem. Facilita a observação e a análise, desenvolve o raciocínio lógico, crítico e científico, é fundamental e é excelente para auxiliar ao aluno na construção de seus conhecimentos (p.18).

Os materiais manipulativos nestas idades são essenciais e importantes dado que torna a aprendizagem mais lúdica e divertida. É fundamental que as crianças possam manusear e explorar à vontade os materiais.

Como refere o Ministério da Educação (1990, citado em Caldeira, 2009b), o uso de materiais é fundamental "na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição.

Neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação” (p.225).

Os materiais didáticos permitem, ainda, que se desenvolva a criatividade e raciocínio das crianças.

Serrazina (1990, citado em Caldeira, 2009a), refere que:

Investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos ativos que constroem, modificam e integram ideias a interaccionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas (p.127).

Hole (1997, citado em Caldeira, 2009a), considera que o material estruturado é o material manipulável que tem subjacente algum fim educativo (p.224).

2.3.3. Planificação de atividade dos 5 anos

O quadro 4 apresenta uma planificação de uma atividade implementada com crianças de 5 anos de idade, inserida na área de Expressão e Comunicação, especificamente na Área do Conhecimento do Mundo.

Quadro 4– Planificação da Área do Conhecimento do Mundo

Plano de atividade			
HORAS	COMPONENTES	ESTRATÉGIA	RECURSOS
14h15min	Compreender e identificar as características distintivas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas. Os frutos	• Sentar as crianças nas cadeiras (estão em forma de “u”); • Ler a história “A lagartinha muito comilona”; • Colocar questões sobre a história (“Quais foram as frutas que a lagartinha comeu durante a semana?”); • Perguntar ao grupo a importância de comer fruta; • Mostrar as diversas frutas ao grupo; • Questionar os alunos sobre as mesmas (nomes, características, etc.); • Passar os frutos aos alunos de modo a que todos cheirem e toque; • Pedir às crianças que se dirijam às mesas (que estão postas em grupos); • Distribuir um chapéu de chefe a cada aluno; • Explicar a atividade que se segue; • Juntar todos os pedaços de fruta; • Realizar uma salada de frutas.	• Livro “A lagartinha muito comilona” de Eric Carle; • Toalhetes; • Pratos de plástico; • Colheres de plástico; • Luvas; • Facas de plástico; • Taças de plástico; • Chapéus de chefe; • Fruta: maçã, laranja, banana, kiwi, morangos, uvas, tomate e ananás.
15h15min			

Com esta atividade pretendeu-se que as crianças identificassem os frutos e compreendessem as várias características dos mesmos. Silva et al. (2016) afirmam que:

A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, e pelo contacto com novas situações que suscitem a sua curiosidade e o interesse por explorar, descobrir e compreender. (p.85)

Esta atividade concretizou-se na parte da tarde, após as crianças regressarem do recreio. Comecei por pedir que se sentassem nas cadeiras que estavam dispostas em forma de “U”. Para Cury (2003), sentar em círculo ou em “U” tem como objetivos “desenvolver a segurança, promover a educação participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula, diminuir conversas paralelas.” (p.123).

Ainda, para o mesmo autor, “sentar em forma de U ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto.” (p.125).

De seguida, iniciei a atividade lendo a história “A Lagartinha muito comilona” de Eric Carle (Figura 6 em baixo), como forma de contextualização e também de interdisciplinaridade.

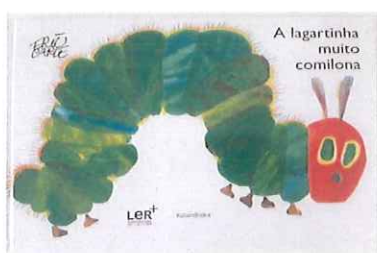


Figura 6– Capa da história

Magalhães (2009, p.125, citado em Almeida, 2013), salienta que “quando se escreve para crianças, “o autor é forçado a estimar qual o domínio do processo de leitura e, correlativamente, qual o estágio de desenvolvimento do público-alvo (havendo ainda a considerar variáveis como a do contexto cultural)” (p. 14).

Segundo Sim-Sim (2008, p. 39, citado em Almeida, 2013):

é importante criar uma rotina educativa que inclua diariamente ouvir ler ou narrar histórias. Deve-se estabelecer um momento específico na rotina diária do jardim de infância para ler histórias a todo o grupo, escolhendo um local acolhedor e confortável para todos. Assim, esta autora sugere: “leia histórias servindo-se de material diverso: livros com diferentes formatos e tipos, histórias gravadas em cassetes de áudio e vídeo, álbuns de imagens, objetos reais, etc.” (p. 38).

Ainda para a mesma autora (2007, p.11, citada em Almeida, 2013), na escola devem-se proporcionar diferentes atividades e estratégias para fomentar a compreensão da leitura:

No ensino da compreensão da leitura deve-se contemplar intervenções pedagógicas que visem estratégias específicas para a aprendizagem da leitura, a promoção para o desenvolvimento linguístico dos alunos, a estimulação do seu comportamento como leitores e a ampliação do conhecimento experiencial que possuem sobre a vida e sobre o Mundo (pp.38-39).

Após a leitura da história realizei algumas questões como: “Quais foram as frutas que a lagartinha comeu ao longo da semana?”. Dessa questão parti para uma outra, que foi: “Qual é a importância de comermos fruta?”.

Seguidamente mostrei algumas frutas ao grupo, uma de cada vez, como a maçã, a laranja, a banana, o kiwi, os morangos, as uvas e o ananás. Depois questionei-os sobre o nome e as características das mesmas. À medida que ia fazendo as perguntas, ia passando cada fruta para eles poderem cheirar e sentir a textura, tocando na mesma.

Depois de termos explorado as frutas passámos à parte prática, onde comecei por dividir as crianças em 4 grupos, cada grupo estava à volta de quatro mesas tapadas com toalhas de plástico. Logo depois, distribuí um chapéu de chefe e umas luvas a cada criança.

De seguida, expliquei que cada um iria ter um prato e uma faca de plástico para poder cortar as frutas em pedaços e que, com os mesmos de todo o grupo, iríamos fazer uma salada de frutas.

Acho que foi essencial e pertinente deixar as crianças cortar a fruta, pois isso permitiu-lhes serem autónomos, responsáveis, empenhados e concentrados nesta atividade prática.

Foi notório que todo o grupo adorou a atividade, sentiram-se uns verdadeiros chefes. Ao vê-los realizar esta atividade prática, fiquei bastante contente porque eles estavam realmente felizes e ansiosos para provarem a salada de frutas.

Segundo Vasconcelos (2001, p.317, citado em Ferreira, 2013):

É importante promover atividades que envolvam os alunos em investigações com um grau de “liberdade” na sua atuação cada vez maior”, ou seja, o professor deve promover este tipo de atividades de modo a facilitar o desenvolvimento do aluno, da sua iniciativa e, sobretudo, as suas competências. (p.27)

Para Martins *et al.* (2007):

O trabalho prático (ou atividade prática) (TP) aplica-se a todas as situações em que o aluno está ativamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial. Por exemplo, fazer uma pesquisa bibliográfica sobre um dado assunto, consultando ficheiros numa biblioteca, livros ou enciclopédias, ou via Internet é um trabalho prático, mas já o não é assistir à exposição de um tema ou filme ou à realização de uma demonstração pelo professor, ainda que de cariz laboratorial. (p.36)

Depois de cada grupo ter ido à casa de banho lavar as mãos e de a sala estar arrumada, sentaram-se nos respetivos lugares e distribuí uma taça e uma colher a cada criança.

Já mesmo no final da aula, dei um pouco de salada de frutas a cada criança. Todos adoraram e até havia crianças a querer repetir, o que foi reconfortante tendo em conta que, muitas vezes, dizem que não gostam de fruta ou que não querem mas como tinha sido feita por eles, todos quiseram provar.

2.3.4. Planificação de atividade dos 5 anos

A planificação apresentada no quadro 5 em baixo, é de uma atividade avaliada pelas Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada, com crianças de 5 anos de idade, inserida na área de Expressão e Comunicação, especificamente no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 5– Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Plano de atividade			
HORA	COMPONENTES	ESTRATÉGIA	RECURSOS
9h30	Consciência fonológica e linguística: ▪ Letra “f”	▪ Pedir aos alunos que se sentem em filas no chão; ▪ Questionar os alunos sobre o nome que damos às partes que compõem um livro (frente, trás e lateral); ▪ Ler a história “O Fulano do F”, realizando perguntas tais como: “Como é que se chama o rapaz?”, “Qual é o desporto que o rapaz pratica?”, “Como se chama o instrumento musical que o Fernando tocou?”, “Qual o animal que viram na imagem?”; ▪ Pedir aos alunos que se dirijam aos seus lugares; ▪ Explicar a atividade de que irão realizar sobre a letra que abordámos na história, a letra “f”: a atividade consiste em dar uma folha A4 com um “f” para os alunos picotarem. De seguida, colam numa outra folha branca a letra “f” e pintam com lápis de cor; ▪ Chamar 3 ou 4 alunos à Cartilha e dar a 3.ª lição “f”; ▪ Realizar três atividades diferentes, com os alunos da Cartilha, sobre a letra trabalhada. ✓ 1.ª Atividade – dar uma folha com várias letras (a, e, i, o, u, v, f, j, t) e o aluno tem que circundar todos os “f”; ✓ 2.ª Atividade – escrever no quadro as palavras “fê” e “fui” e pedir a um aluno que copie; ✓ 3.ª Atividade – dar um saco com letras móveis e o aluno tem que identificar todos os “f”. ▪ Pedir às crianças que amem os seus trabalhos na reentrância da mesa (dizendo que depois terminam) porque a minha colega irá dar seguimento à aula.	➤ Livro “O Fulano do F” de Luisa Ducla Soares ➤ Imagens plastificadas: de um carro Ford, uma flauta, mapa de Portugal, fábrica, bola de futebol, dança fandango, fado e fomisgas; ➤ Tapete/almofada de picotar; ➤ Pico de picotar; ➤ Cola; ➤ Cartilha Matemal ➤ Proposta de trabalho; ➤ Quadro; ➤ Giz; ➤ Saco com letras móveis.
10h			

Esta atividade teve como finalidade desenvolver a consciência fonológica e linguística. Silva *et al.* (2016) afirmam que “a aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal.” (p.60)

As mesmas autoras referem ainda que:

A consciência fonológica refere-se à capacidade para identificar e manipular elementos sonoros de tamanhos diferenciados, que integram as palavras (sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas). (...) A consciência fonológica está também relacionada com a aprendizagem da leitura, podendo considerar-se que esta relação é recíproca e interativa (...) (p.64).

Inicie, então, esta atividade, pedindo às crianças que se sentassem no chão por filas, à minha frente, de modo a que todos conseguissem observar a história que iria ser contada.

De seguida, questione os alunos sobre o nome das partes que compõem o livro (Figura 7) (capa, contracapa e lombada). Entretanto, coloquei duas letras no quadro: a letra “f” e a letra “t” e perguntei a um aluno se sabia identificar a letra “f”, que era a letra da história.



Figura 7– Capa da história

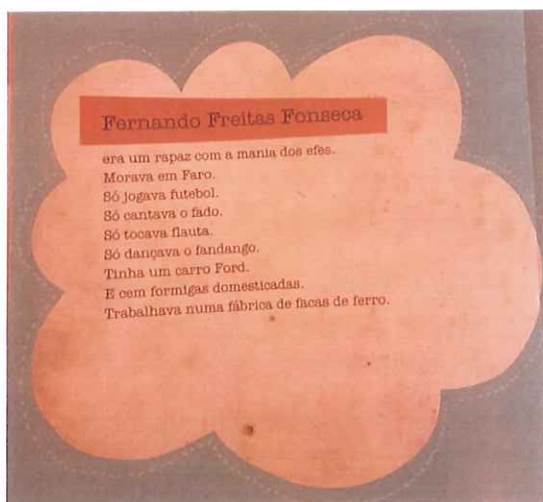


Figura 8– Primeira página da história

Logo de seguida, passei à leitura da primeira página da história cujo nome é “O *Fulano do F*” de Luísa Ducla Soares, cuja capa se encontra ilustrada figura 8.

Depois da leitura da apresentação da personagem principal, para perceber se os alunos estiveram com atenção, pus algumas questões sobre a mesma, tais como: “Como é que se chama o rapaz?”; “Qual é o instrumento que o Fernando tocou?”; “Qual é o desporto que o rapaz fazia?”; “Qual é o animal que observam na capa da história?”.

À medida que fazia as perguntas sobre a página lida, ia colocando no quadro, a imagem da resposta correspondente à pergunta feita (por exemplo: o mapa de Faro, um campo de futebol, um símbolo do fado, uma flauta, um carro Ford, formigas e uma fábrica), de modo a que todas as crianças fossem acompanhando.

Seguidamente, pedi às crianças que se dirigissem aos respetivos lugares. Expliquei-lhes então, que iriam picotar a letra “F”, com um pico, sobre um tapete/almofada de picotar e que depois, teriam de colar essa letra noutra folha e, por fim, pintar com lápis de cor.

Estas atividades são bastante importantes para crianças tão novas, visto que permite trabalhar e desenvolver a motricidade fina.

Segundo Papalia, Old e Feldman (2001, citado em Costa, 2013), “as competências motoras finas, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos. Os ganhos nestas competências permitem à criança assumir maior responsabilidade pela sua própria pessoa” (p. 21).

Tal como afirma Le Boulch (2001, p.5, citado em Borges, 2014), “a criança desde o nascimento apresenta potencialidades para desenvolver-se, mas que elas não dependem só da maturação dos processos orgânicos, senão também do intercâmbio com o outrem e que isto é da maior importância na primeira infância” (p.7).

Ainda para Papalia, Olds e Feldman (2009, p.339, citado em Borges, 2014), “a escola é a maior experiência de formação e afeta todos os aspetos do desenvolvimento humano. Na escola, as crianças adquirem conhecimentos, habilidades e competência social, desenvolvem seus corpos e mentes se preparam para a vida adulta.” (pp. 12-13).

Enquanto o grupo realizava essa atividade, chamei três crianças para irem à Cartilha Maternal. Para Ruivo (2006):

O Método de Leitura de João de Deus apresenta de uma forma progressiva e correta do ponto de vista pedagógico, as dificuldades da língua portuguesa. A criança, desde a primeira lição, é convidada e estimulada a ser “analista da linguagem”, porque as dificuldades são explicadas por regras que satisfazem o raciocínio e o pensamento lógico do aluno (p.1).

Dei a 3.^a lição, a do “f”, promovendo sempre o diálogo entre educadora e criança.

Como Deus (1997) refere “o exercício de ler é dinâmico, interativo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança” (p.93).

Dado o tema da lição, propus 3 atividades diferentes, uma para cada criança. A primeira consistia em dar uma folha com várias letras e a criança tinha que circundar todos os “f”; a segunda atividade consistia em escrever no quadro as palavras “fé” e “fu” e pedir à criança que as copiasse e, por fim, a terceira atividade tinha como objetivo dar um saco com letras móveis à criança e pedir-lhe que identificasse todos os “f”.

Para Ruivo (2006):

Há uma série de atividades que são feitas com a criança de forma a consolidar os seus conhecimentos, como por exemplo: formar conjuntos, rasgar, recortar, sublinhar ou rodear a letra aprendida; (...); desenhar a letra com os mais diversos materiais e técnicas de expressão plástica – lápis, giz molhado no leite, digitinta; (...); crucigrama de palavras com as letras aprendidas; escrita de pequenas frases a partir de uma palavra dada; caixa de areia; dedo molhado para escrever no quadro; grafismos; letras para recortar de jornais ou revistas e cola em folhas; colar dentro da letra massinhas/arroz; papel rasgado... (p.7).

Após a concretização desta atividade, foi realizada uma reunião com as Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada, onde me foram apontados alguns aspetos a melhorar, tais como: quando referi a dança fandango, devido à história, devia ter mostrado um vídeo dessa dança e quando falei do estilo de música fado deveria ter mostrado também um vídeo. As imagens deviam ter sido maiores, principalmente a do mapa. Por fim, na Cartilha podia ter arriscado e desafiado dando uma lição que eles ainda não tivessem dado. No quadro, para a atividade de consolidação, devia ter feito as linhas para a criança escrever a palavra. Quanto aos aspetos positivos: ter o material já previamente distribuído, ter boas propostas de trabalho e a evolução verificada entre a aula anterior e a presente.

Para Alarcão e Tavares (2003, p.152, citados em Caldeira, Pereira, & Silveira-Botelho, 2013), “as tendências supervisivas emergentes têm de ser enquadradas no novo pensamento sobre o ensino, a aprendizagem e a cultura das organizações onde estas atividades decorrem.” Para estas autoras, visa também o desenvolvimento das capacidades reflexivas e o repensar de atitudes (s/p).

Estas reuniões são essenciais para a nossa evolução enquanto estagiárias e futuras educadoras e professoras pois temos a sorte de ter o *feedback* das Professoras da

Equipa da Prática de Ensino Supervisionada e com isso melhorar para as aulas seguintes, é importante, também, para podermos refletir sobre o que fizemos de melhor e o que podemos melhorar.

Segundo Alarcão e Tavares (2003, citado em Durão, 2010), a supervisão é um processo continuado, no âmbito de uma orientação profissional e que tem por objetivo o desenvolvimento humano e profissional (p.27).

Sá-Chaves (2000, p.75, citado em Durão, 2010), refere-se à supervisão no processo de formação com sendo:

Uma prática acompanhada, interativa, colaborativa e reflexiva que tem como objetivo desenvolver no candidato a professor o quadro de valores, de atitudes, de conhecimento, bem como as capacidades e as competências que lhe permitam enfrentar com progressivo sucesso as condições únicas de cada ato educativo (p.28).

Na parte da tarde, revi as características da personagem principal da história, colocando questões às crianças e li o resto da história, tal como prometido. Após ler a mesma, mostrei um vídeo da dança fandango e pedi às crianças que se levantassem e reproduzissem o que visualizaram no vídeo, foi um momento muito engraçado. Para finalizar, mostrei um vídeo do estilo de música fado, com a música “Dia de Folga”, da fadista Ana Moura, em que todas cantaram e pediram para repetir a música, pois todas as crianças gostaram e sabiam a letra de cor.

2.4. Planificações em quadro do 1.º Ciclo

2.4.1. Planificação de aula do 1.º ano

A planificação apresentada no Quadro 6, em baixo, é de uma aula programada e assistida pela minha colega de estágio e pela professora titular de sala, com alunos do 1.º ano de escolaridade, da disciplina de Matemática.

Quadro 6– Planificação da disciplina de Matemática

11h	<u>Matemática:</u> ▪ Valor posicional dos algarismos: Leitura de números ▪ Problemas de um passo envolvendo situações de juntar e acrescentar: adição	- o Dar uma caixa de Calculadores Multibásicos a cada aluno; - o Começar por questionar o nome do material; - o Relembrar a ordem das cores e a ordem a que pertence, chamando 3 alunos e dando a cada um uma imagem de uma figura com uma cor (amarelo, verde e encarnado), trocando-os de lugar e pedindo a outro aluno que os coloque pela ordem correta das cores; - o Realizar o jogo das torres (torre 3 e torre 5); - o Ditar números para os alunos representarem nas placas e pedir aos respetivos que façam a leitura por ordens; - o Concretizar exercícios de adição, em diferentes bases, relembrando a regra de acrescentar 1 mentalmente; - o Distribuir uma proposta de trabalho sobre este material.	➤ Calculadores Multibásicos; ➤ 3 Imagens (cada uma com a cor amarela, verde e encarnado);
12h			➤ Proposta de trabalho.

Esta aula teve como finalidade trabalhar com o material didático Calculadores Multibásicos a leitura de números e a adição.

Este material, segundo Caldeira (2009a) contém alguns interesses pedagógicos que foram desenvolvidos durante a aula, tais como: ordenação, valores de posição (classes e ordens), leitura de números inteiros e operações aritméticas (p.188).

Iniciei a minha aula com um pequeno jogo que consistia em chamar três alunos e dar um cartão com a imagem de um "sol amarelo" (Anexo 4) a um aluno; um com um "sol verde" (Anexo 5) a outro aluno e, por fim, a imagem de um "sol encarnado" (Anexo 6) ao terceiro aluno. Depois chamei uma outra criança para dizer se as cores correspondentes às ordens (unidades, dezenas e centenas) estavam pela ordem correta, de acordo com as regras deste material. Se não estivesse pela ordem correta então, o respetivo aluno teria que ordenar os cartões com as imagens de modo a que as cores ficassem ordenadas corretamente.

Como afirma Gervilla (1997, citado por Caldeira, 2009b), o jogo constitui um meio de interação da criança com o meio envolvente, que a leva a explorar, a conhecer, desenvolvendo ao mesmo tempo capacidades intelectuais, afectivas, sociais (p.347).

Antunes (2003, p. 38, citado em Caldeira, 2009b) afirma que nem todos os jogos são materiais pedagógicos. Este autor, refere ainda que:

o elemento que separa um jogo pedagógico de um outro de carácter apenas lúdico é que "os jogos ou brinquedos pedagógicos são desenvolvidos com a intenção explícita de provocar uma aprendizagem significativa, estimular a construção de um novo conhecimento e, principalmente despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória" (p.348).

De seguida, realizei com a turma o jogo das torres (jogámos na torre 3 e na torre 5) apenas como revisão. Conforme Caldeira (2009a) a regra mais importante deste jogo é que para determinar a base mínima possível em que se pode jogar, olha-se para a torre mais alta e acrescenta-se 1 mentalmente (p.201). Por exemplo, se a torre mais alta for de 3 peças, a base mínima do jogo será 4.

Realizei com a turma, após o jogo das torres, alguns exercícios de leitura de números. Segundo as Normas (1991, p.48, citado em Caldeira, 2009a), para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam de compreender os números. Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo (p.203).

Mesmo antes de terminar a aula, consegui realizar com a turma alguns exercícios de adição. De acordo com Palhares (2004, p.180, citado em Caldeira, 2009a), a adição é uma operação binária, porque a cada par de números inteiros a e b , faz corresponder um terceiro número inteiro $a + b$, que se designa por soma (p.208).

Como forma de consolidação da leitura de números e da adição em relação a este material, entreguei de seguida uma ficha de trabalho (Anexo 7).

Considero que esta aula tenha corrido bem. Contudo, há aspetos a melhorar como por exemplo, podia ter circulado mais pela sala de modo a confirmar que os exercícios que

pedi para os alunos realizarem nas placas estavam corretos. Poderia, também, ter colocado as minhas placas num sítio mais alto do que apenas numa secretária, de modo, a que os alunos que estavam mais atrás conseguissem acompanhar a aula e não perdessem o interesse ou “copiassem” pelo colega do lado.

2.4.2. Planificação de aula do 2.º ano

A planificação apresentada no Quadro 7, em baixo, é de uma aula avaliada pelas Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada e pela professora titular de sala, com duração de 30 minutos, com alunos do 2.º ano de escolaridade, da disciplina de Português.

Quadro 7— Planificação da disciplina de Português

Português			
HORA	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIA	RECURSOS
10h30	Ler textos diversos: Texto Poético	▪ Começar por saudar os alunos; ▪ Colocar no quadro dois textos (o poético e em prosa); ▪ Questionar os alunos sobre os respetivos textos (exemplo: Quais são as diferenças que encontram nestes dois tipos de textos? Que nome é que damos a cada tipo de texto?); ▪ Explicar, aproveitando as respostas dos alunos, as características do texto poético (definir rima, verso e estrofe); ▪ Solicitar a ajuda de um aluno para a distribuição da folha com o poema, cujo nome é “Cavalinho, cavalinho”; ▪ Fazer a leitura modelo do poema e pedir, de seguida, a alguns alunos que leiam o mesmo (individualmente);	❖ Texto em prosa e um texto poético em A1; ❖ Palavras “estrofe”, “verso” e “quadra” plastificadas; ❖ Folha pautada com o poema “Cavalinho, cavalinho” de Matilde Rosa Araújo;
11h00		▪ Realizar algumas questões sobre o poema, tais como: Quantas estrofes tem este poema?; Retira do texto uma frase do tipo exclamativa; Quem é que ofereceu o cavalinho ao poeta?; Diz uma palavra que rima com “cavalinho”; Será que este poema se refere a um cavalo verdadeiro?; De que material é feito este brinquedo? Qual é a segunda estrofe deste poema? Lê os dois últimos versos da primeira quadra.; O que é que essa frase querará dizer?; Transforma a frase “Toco as estrelas do céu!” em frase negativa; Qual é o antónimo de mal?; Sublinha o verso que se repete em todas as estrofes; ▪ Chamar um aluno para distribuir uma proposta de trabalho sobre rimas que consiste em: cada aluno tem uma cartolina em A4 com o desenho de folhas de outono. Cada folha tem uma palavra escrita no meio. O objetivo é que os alunos pintem da mesma cor as folhas com as palavras que rimam, por exemplo, “cavalinho” e “barquinho”; pintam de azul, e assim sucessivamente. ▪ Pedir aos alunos para arrumar a proposta de trabalho debaixo da mesa (dizendo que depois terminam).	❖ Proposta de trabalho, feita com cartolina A4.

Com esta aula de Português pretendi que os alunos ficassem a saber o que é um texto poético, as respetivas características e a diferença entre um texto em prosa e um texto poético.

De acordo com o Programa de Português do Ensino Básico (ME, 2015), surgem como domínios da disciplina de Português, nas suas dimensões linguística e cultural, a Oralidade, a Leitura e a Escrita, a Educação Literária e a Gramática (p.7)

Iniciei a minha aula com dois textos no quadro: um em prosa (Anexo 8) e outro poético (Anexo 9). De seguida, questioneei a turma sobre as diferenças que encontravam nos dois textos e o nome de cada tipo de texto.

Ainda, segundo o Programa de Português do Ensino Básico (ME, 2015) entende-se que os primeiros anos do Ensino Básico, assume uma grande importância a ligação entre a Oralidade e o ensino dos conteúdos do domínio da Leitura e Escrita (p.7).

Passei a explicar, tendo aproveitado as respostas dos alunos, as características do texto poético, em que defini o que era uma rima, um verso e uma estrofe.

Como afirma Estanqueiro (2010, p.17, citado em Garcia, 2018), “um dos objetivos essenciais da educação é promover a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem” (p.83).

Seguidamente, pedi a um aluno que distribuisse uma folha pautada com o poema “Cavalinho, cavalinho” (Anexo 10), da escritora Matilde Rosa Araújo. Fiz a leitura do respetivo poema e, de seguida, pedi a alguns alunos, um de cada vez, que fizessem a leitura do mesmo.

Após pedir a diversos alunos que lessem o poema (individualmente), fiz algumas perguntas sobre o mesmo, tais como: “Quantas estrofes tem o poema?”; “Quem é que ofereceu o cavalinho ao poeta?”; “Será que este poema se refere a um cavalo verdadeiro?”; “Qual é a segunda estrofe do poema?”; “Lê os dois últimos versos da primeira quadra. O que é que essa frase querará dizer?”; “Retira do texto uma frase do tipo exclamativa.”; “Qual é o antónimo de mal?”; “Diz uma palavra que rime com “cavalinho”.”, entre outras.

Considero que me foquei mais em questões gramaticais e deixei um pouco “de lado” questões relacionadas com a interpretação do próprio poema, como foi o caso das seguintes perguntas “Será que este poema se refere a um cavalo verdadeiro?” e “Lê os dois últimos versos da primeira quadra. O que é que essa frase querará dizer?”, em que podia ter explorado e aprofundado as opiniões dos alunos.

De acordo com Magalhães (2008, pp. 55-56, citado em Garcia, 2018), “numa sociedade de cultura escrita como é a nossa, a leitura é essencial para que os indivíduos mantenham a capacidade de formar as suas opiniões (p.83).

Um texto poético requer que cada um leia e faça a sua própria interpretação e tenha a sua própria opinião sobre o significado de alguns versos, de algumas palavras e, até mesmo, de algumas estrofes.

De seguida, chamei um aluno para distribuir uma proposta de trabalho aos restantes colegas (Anexo 11). Esta atividade consistia numa cartolina A4 com folhas de outono; cada folha de outono tinha uma palavra escrita; o objetivo desta atividade é que eles colorissem da mesma cor as folhas de outono com as palavras que rimavam, como por exemplo, “cavalinho” e “barquinho”. No final da aula e na reunião com as Professoras da Equipa da

Prática de Ensino Supervisionada foi-me apontado, e com toda a razão, que a atividade realizada elaborada por mim e realizada pelos alunos não tinha enunciado nem cabeçalho. O facto de não ter enunciado nem cabeçalho não é positivo nem correto pois os alunos, caso a professora não explique o que é para fazer, não entendem o objetivo principal da proposta de trabalho.

2.4.3. Planificação de aula do 3.º ano

A planificação apresentada no Quadro 8, em baixo, é de uma aula avaliada pelas Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada e pela professora titular de sala, com alunos do 3.º ano de escolaridade, com a duração de 1h, em que abordei as três áreas embora, nesta planificação me tenha focado apenas na Área do Estudo do Meio.

Quadro 8– Planificação da disciplina de Estudo do Meio

Iniciei esta aula mostrando um vídeo à turma, com o objetivo dos alunos chegarem

HORA	DOMÍNIO / CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	RECURSOS
10h30	<u>Estudo do Meio</u> Pecuária: criação de gado no meio local	- Começar por saudar os alunos; - Realizar uma breve contextualização, mostrando um vídeo de modo a que os alunos cheguem ao tema da aula; - Questionar os alunos sobre o que entendem por pecuária e por gado (consultar o dicionário); - Explicar a definição desta atividade económica; - Fazer uma atividade de correspondência de imagens às palavras - bovino, suíno, ovino, caprino, cavalar e asinino - de modo a que percebam quais são as espécies do gado, pedindo a colaboração dos alunos; - Distribuir uma folha para que eles escrevam as profissões relacionadas com a atividade económica, falar com os alunos sobre as mesmas; - Mostrar, de seguida, um <i>powerpoint</i> com as diversas profissões relacionadas com a criação de gado.	► Computador ► Dicionário ► Imagens plastificadas em A3 ► Palavras plastificadas

ao tema principal da aula, a Pecuária: criação de gado no meio local. De acordo, com o Programa de Estudo do Meio (Ministério da Educação) esta temática enquadra-se no Bloco 6, mais especificamente, no 2.º ponto – A criação de gado no meio local.

Dentro da temática “A criação de gado no meio local” existem, segundo o respetivo programa, alguns sub-temas:

- Fazer o levantamento das principais espécies animais, criadas na região;
- Distinguir entre exploração pecuária familiar e industrial (n.º de animais, como vivem e se alimentam, cuidados sanitários, etc...);
- Reconhecer a criação de gado como fonte de alimentos;
- Reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (lacticínios, salsicharia, cortumes, etc...);

- Relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia, etc...);
- Identificar alguns problemas de poluição provocados pela criação de gado (p. 128).

Para esta aula pretendi, então, trabalhar com os alunos os seguintes sub-temas: reconhecer a criação de gado como fonte de alimento (comercialização de carne e de leite); reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (fabrico de lacticínios, de salsicharia, de cortumes, etc...); relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia, etc...) abordando, ainda, algumas profissões relacionadas com esta actividade económica.

Após terem visualizado o vídeo, pedi a dois alunos que procurassem no dicionário o significado de “pecuária” e de “gado” e que, de seguida, explicassem o que haviam entendido sobre esses conceitos.

Seguidamente, era suposto explicar o que é a pecuária mas quando me apercebi que o tempo estava a passar, relativamente, rápido acabei por me esquecer, o que considero ter sido uma grande falha minha pois a pecuária é uma das nossas actividades económicas bastante importante para a economia do nosso país tratando-se, por isso, de um dos temas mais essenciais a referir. Até porque, anteriormente, o aluno que leu o significado de “pecuária” no dicionário, referiu isso mesmo e eu podia ter aproveitado “essa deixa”.

Em seguida, fiz um jogo com os alunos que consistia na correspondência de imagens (Anexos 12 ao 18) às palavras (Anexos 19 ao 24) de modo a que percebessem quais são as espécies de gado que existe.

Creio que foi uma actividade bem conseguida, divertida, lúdica ao mesmo tempo e que manteve os alunos interessados e empenhados na aula.

D’Ambrósio (1989, p.18, citado em Caldeira, 2009a) defende que o jogo no ensino serve para tornar a aprendizagem da matemática mais efectiva e motivadora, pois ao desenvolver estratégias de jogo, a criança “envolve-se com o levantamento de hipóteses e conjecturas, aspecto fundamental do desenvolvimento do pensamento científico, inclusive matemático” (p.350).

Como não tive tempo de concluir as actividades a que me tinha proposto para a área do Estudo do Meio, visto que os 20 minutos eram manifestamente insuficientes, finalizei, com a autorização da professora titular da sala, as actividades da parte da tarde.

Na parte da tarde, após o recreio, pedi a um aluno que desse aos restantes colegas, uma folha pautada com o título “Profissões relacionadas com a pecuária” (Anexo 25) para eles escreverem as profissões que achavam que estavam relacionadas com a actividade económica em estudo. Acabei por tornar esta actividade, também, num jogo pois expliquei-lhes que de seguida, iria mostrar em *powerpoint*, as várias profissões e que eles, sem

batota, teriam que colocar um certo, se aparecesse essa profissão ou uma cruz (x) caso assim não fosse e no final veríamos quem é que tinha acertado em mais profissões.

2.4.4. Planificação de aula do 4.º ano

A planificação apresentada no Quadro 9, em baixo, é de uma aula avaliada pelas Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada e pela professora titular de sala, com a duração de 1h e realizou-se numa turma do 4.º ano de escolaridade.

Quadro 9– Planificação das disciplinas de Português, Estudo do Meio e Matemática

HORA	ÁREA / CONTEÚDO	ESTRATÉGIA	RECURSOS
10h30	<u>Português</u> ▪ Ditado Musical	▪ Começar por saudar os alunos; ▪ Relembrar as regras de sala de aula; ▪ Questionar os alunos sobre o que entendem por ditado musical; ▪ Explicar em que consiste o ditado musical; ▪ Solicitar a ajuda de três alunos para a distribuição das folhas dos ditados musicais; ▪ Concretizar o mesmo (a caneta); ▪ Colocar questões de interpretação e de gramática sobre a letra do ditado musical.	➤ Folha do ditado musical; ➤ Computador; ➤ Quadro interativo. Nota: uso de telemóvel e de uma coluna caso o quadro interativo não funcione.
	<u>Estudo do Meio</u> ▪ Os rios	▪ Questionar a turma sobre qual a palavra do título da música: “Sou Como um <u>Rio</u>” que nos remete para o tema da Natureza; ▪ Mostrar através de um <i>powerpoint</i> a frase: “Os rios são uma fonte de riqueza” e perguntar a diversos alunos o que é que a mesma querará dizer; ▪ Explicar, a partir das respostas dos alunos, a importância dos rios para que fins pode ser utilizada a água dos rios; ▪ Explicar as partes constituintes do rio – nascente, leito, foz, margens e afluente – através de imagens; ▪ NOTA: Se ainda tiver tempo, solicitar a ajuda de alunos para distribuir uma ficha de consolidação.	➤ Quadro interativo; ➤ Computador; ➤ Ficha de trabalho.
11h30	<u>Matemática</u> ▪ Noção de volume	▪ Questionar a turma sobre o nome do material que têm à frente; ▪ Relembrar quantas unidades vale cada peça; ▪ Questionar os alunos sobre o que entendem por “volume”; ▪ Explicar que iremos utilizar a peça branca como unidade de volume; ▪ Pedir que retirem da caixa, por exemplo, a peça verde escura e perguntar quantas unidades de volume vale a respetiva (se necessário utilizar a peça branca para ajudar); ▪ Realizar alguns exercícios, de modo, a trabalhar também o cálculo mental; ▪ Pedir construções equivalentes mas com o mesmo volume; ▪ Finalizar a aula explicando o conceito e a fórmula de volume (área da base vezes altura).	➤ Material Cuisenaire.

Nesta aula de 1h abordei as três áreas do conhecimento: Português, Estudo do Meio e Matemática, dedicando 20 minutos para cada uma delas.

Segundo Pontes (2017), a disciplina de Língua Portuguesa tem um papel basilar no desenvolvimento das competências de transversalidade disciplinar (p.9).

Iniciei a aula com a disciplina de Português, questionando os alunos sobre o que é ou no que consiste um ditado musical. No seguimento das suas respostas dos mesmos, esclareci-os sobre o que é um ditado musical.

De seguida, solicitei a ajuda de três alunos para a distribuição dos ditados musicais que iriam realizar de seguida, cujo título da música era "Sou como um Rio" do grupo Delfins (Anexo 26). A meu ver, solicitar a ajuda dos alunos para contribuir nas tarefas de sala como, por exemplo, neste caso, a distribuição de fichas, é bastante importante porque não só eles se sentem "importantes" como também permite desenvolver o seu sentido de responsabilidade, de autonomia, de organização, entre outros.

Seguidamente, expliquei que o ditado iria ser feito a caneta e que, por isso, teriam que estar com bastante atenção. Utilizei o quadro interativo e o computador da sala para se ouvir a música. Tinha como "plano B" utilizar o meu telemóvel e a minha coluna caso os respetivos materiais não funcionassem.

No final do ditado musical reparei que só um aluno é que deixou um espaço em branco por completar. Era suposto eu ter colocado algumas questões, entre outras, sobre a letra da música/poema, tais como: "O que entendes por estrofe?"; "Quantas estrofes tem este poema?"; "O que é que entendes por "Sou como um rio/que vive só para ti/correndo só para te ver?"; "Como é que podemos classificar morfossintaticamente a palavra: "me"?"; "Retira do texto um advérbio de negação."; "'O rio, infelizmente, está poluído." Como é que classificas a palavra "infelizmente" quanto à sua formação?".

Do universo das questões acima descritas, coloquei a uma aluna, a questão "Como é que podemos classificar morfossintaticamente a palavra: "me"?". que demonstrou algumas dificuldades a responder. Eu, nesta situação, em vez de ter tentado ajudar a aluna a chegar à resposta correta, passei logo para outro aluno porque percebi que o tempo estava a passar. Foi, sem dúvida, um erro da minha parte dado que nós, enquanto futuras educadoras e professoras, temos que ajudar as crianças e/ou os alunos a chegarem à resposta. Neste caso, a aluna ficou a saber qual era a resposta certa porque houve um colega que respondeu por ela.

De acordo com o Programa Curricular de Estudo do Meio, o tema dos rios insere-se no Bloco 3 – À Descoberta do Ambiente Natural – no 4.º ano do Ensino Básico – no 3.º ponto: "Aspetos físicos de Portugal" (p.118).

Seguidamente, para iniciar a aula de Estudo do Meio, questioneei a turma sobre qual a palavra do título da música: "Sou como um Rio" que nos remete para o tema da Natureza. Mostrei em *powerpoint* um slide com a frase: "Os rios são uma fonte de riqueza." e perguntei a diversos alunos o que é que a mesma queria dizer.

Como refere Delors (1996, citado em Silva, J., 2013 b)), o papel das novas tecnologias não diminui em nada o papel dos professores, antes pelo contrário; mas

modifica-o profundamente e constitui para eles, uma oportunidade que devem aproveitar (p.5).

Depois, através de imagens em *powerpoint*, expliquei, a partir das respostas dos alunos, a importância dos rios, nomeadamente os fins para que pode ser utilizada a sua água, após o que lhes expliquei as várias partes constituintes do rio (nascente, leito, foz, margens e afluente).

Para Silva (2004, p.40, citado em Silva, J., 2013b),

[a] utilização das TIC contribui para se atingirem as denominadas “aprendizagens significativas” ao propiciar a utilização de recursos variados que permitem uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados. Contribuem ainda para diversificar as modalidades de trabalho escolar e as formas de comunicação e a troca de conhecimentos adquiridos (p.6).

No final da aula de Estudo do Meio tinha ainda uma ficha de consolidação sobre os rios, para o caso de haver tempo para a realizar; como não houve, a professora titular da sala autorizou-me a aplicá-la na manhã de estágio seguinte.

De seguida, perguntei à turma qual o nome do material que tinham em cima da mesa, ao que eles me responderam “material *Cuisenaire*”.

Conforme refere Caldeira (2009 a)), este material estruturado, considerando uma caixa completa, é formado por 241 reguinhas, barras ou peças coloridas. São prismas quadrangulares com 10 cores e dez comprimentos diferentes (p.128).

Ainda segundo Caldeira (2009a), as peças são geralmente de madeira (presentemente há imitações de plástico), que vão desde 1cm a 10cm. A peça branca é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. A peça vale uma unidade. Esta peça tem face quadrada com 1cm² de área.

Relembrei, rapidamente e em conjunto com a turma, quantas unidades vale cada peça. Questionei, de seguida, a turma sobre o que entendiam por “volume” e referi que íamos utilizar a peça branca como unidade de medida.

De acordo com Palhares (2004, p. 397, citado em Caldeira, 2009a), de um modo intuitivo podemos dizer que o volume de uma figura tridimensional é a quantidade de espaço que ela ocupa (p.167).

Pedi que retirassem da caixa, a peça verde escura e perguntei quantas unidades de volume valia a mesma, podendo, caso fosse necessário, utilizar a peça branca para ajudar.

Realizei, com a turma, alguns exercícios de cálculo mental e pedi aos alunos que fizessem construções equivalentes e com o mesmo volume. Questionei-os, ainda, sobre significado da palavra “equivalentes”)

Para finalizar a aula era suposto ter explicado o conceito e a fórmula de volume (área da base x altura) mas como os 20 minutos da parte da Matemática já tinham

terminado, as Professoras da Equipa da Prática de Ensino Supervisionada saíram, não tendo, por isso, ouvido a minha explicação.

Segundo Palhares e Gomes (2006, p.171, citado em Caldeira, 2009a):

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar frações e decimais, estudar as propriedades das operações, efetuar a decomposição de números, efetuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas (p.129).

Na minha opinião, esta aula teve alguns pontos positivos e outros menos positivos. Considero que foi positivo o facto de os alunos se mostrarem interessados, empenhados e participativos na aula; circulei pela sala, de modo a conseguir perceber se estavam todos a acompanhar o que era para fazer, tentei colocar questões dirigidas e não genéricas. Em contrapartida, os pontos menos positivos foram: uma deficiente gestão de tempo, na disciplina de Matemática e, no âmbito do estudo do volume, referi “figura” quando o volume se aplica a sólidos, faltou-me referir o conceito e a fórmula de volume, podia ter colocado exercícios mais exigentes e ao nível da faixa etária dos alunos e poderia ter sido menos expositiva na disciplina de Estudo do Meio.

Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Neste capítulo serão apresentados os dispositivos de avaliação que utilizei ao longo do meu estágio em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. O mesmo encontra-se dividido em 4 partes, sendo a primeira a fundamentação teórica, a segunda, a contextualização da atividade, seguida da descrição dos parâmetros e critérios de avaliação e, por último, a apresentação e análise de resultados.

Na Educação Pré-Escolar, as áreas avaliadas foram o domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita e a área do Conhecimento do Mundo e, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, as áreas da Matemática e da História de Portugal.

As avaliações do domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita e da área do Conhecimento do Mundo foram feitas em grupos de crianças com idades de 4 e 5 anos. E as das áreas da Matemática e da História de Portugal foram realizadas em turmas de alunos com as idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos.

Para cada dispositivo de avaliação foi realizada uma contextualização, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação e, por fim, a apresentação e análise dos resultados.

Na análise dos resultados foi feita uma breve reflexão sobre as informações obtidas.

3.2. Fundamentação teórica

A avaliação é uma prática educativa constituindo uma ferramenta importante no ensino porque auxilia tanto o professor como o aluno na medida em que tem, como objetivo, verificar de forma regular ou contínua, os resultados obtidos ao longo de todo o ano, permitindo tomar medidas para melhorar os mesmos.

Segundo Ribeiro (1989, p.75, citado por Rolo, 2013) “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções” (p.165).

Para esta autora, a avaliação incide sobre o que foi apreendido pelos alunos evidenciando as dificuldades dos mesmos de modo a que se consiga encontrar as melhores estratégias para que aquelas dificuldades sejam ultrapassadas.

Por sua vez, o Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, estabelece que:

A avaliação, constituindo-se como um processo regulador do ensino, é orientadora do percurso escolar e tem por objetivo a melhoria da qualidade do ensino através da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico. Esta verificação deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, suprir as dificuldades de aprendizagem.

Na Educação Pré-Escolar, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, a avaliação “assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se

num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando” (p.1). Entende-se por isso por avaliação formativa:

Um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da ação (p.1).

Constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador (p.2).

De acordo com a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, algumas das finalidades da avaliação na educação pré-escolar são: (i) “contribuir para a adequação das práticas”; (ii) “refletir sobre os efeitos da ação educativa”; (iii) recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas; (iv) promover e acompanhar processos de aprendizagem; (v) “envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta” e, por fim, (vi) “conhecer a criança e o seu contexto.”

Segundo o artigo 3.º do Despacho Normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril, a avaliação no 1.º ciclo do Ensino Básico incide “sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos”, “sobre as aprendizagens relacionadas com as componentes do currículo de caráter transversal, nomeadamente no âmbito da educação para a cidadania, da compreensão e expressão em língua portuguesa e da utilização das tecnologias de informação e comunicação” e tem, ainda “uma vertente contínua e sistemática e fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento do trabalho, de modo a permitir a revisão e melhoria do processo de ensino e de aprendizagem” (p.4).

Os três tipos de avaliação a que um professor recorre são: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

De acordo com o Despacho Normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril, a avaliação diagnóstica “responde à necessidade de obtenção de elementos para a fundamentação do processo de ensino e de aprendizagem e visa a facilitação da integração escolar e a orientação escolar e vocacional” (p.5).

Citado da mesma fonte, a avaliação formativa “enquanto principal modalidade de avaliação integra o processo de ensino e de aprendizagem fundamentando o seu desenvolvimento.” Ainda dentro desta avaliação, “Os procedimentos a adotar no âmbito desta modalidade de avaliação devem privilegiar:

- a regulação do ensino e das aprendizagens, através da recolha de informação que permita conhecer a forma como se ensina e como se aprende, fundamentando a adoção e o ajustamento de medidas e estratégias pedagógicas;
- O caráter contínuo e sistemático dos processos avaliativos e a sua adaptação aos contextos em que ocorrem;

- A diversidade das formas de recolha de informação, através da utilização de diferentes técnicas e instrumentos de avaliação” (p.5).

A avaliação sumativa, também conforme o Despacho Normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril, refere que “traduz a necessidade de, no final de cada período escolar, informar alunos e encarregados de educação sobre o estado de desenvolvimento das aprendizagens” (p.5). Esta avaliação “traduz ainda a tomada de decisão sobre o percurso escolar do aluno” (p.5).

Segundo a Direção-Geral da Educação “importa salientar que a avaliação comporta vários momentos: planificação, recolha e interpretação da informação e adaptação das práticas e processos que serão objeto de reformulação sempre que necessário.”

Na avaliação que realizei utilizei uma escala, baseada na escala de *Likert* (adaptado de Rolo, 2013) que vai de 1 a 5, como se pode constatar no seguinte quadro:

Quadro 10– Escala de Likert (adaptada)

	Classificação	Cotação
1	Fraco	0 a 2,9 valores
2	Insuficiente	3 a 4,9 valores
3	Suficiente	5 a 6,9 valores
4	Bom	7 a 8,9 valores
5	Muito Bom	9 a 10 valores

3.3. Dispositivos de avaliação do Pré-Escolar

3.3.1. Dispositivo 1 – Atividade do Domínio da Matemática (Grupo dos 3 Anos)

3.3.1.1. Contextualização da atividade

A atividade do domínio da Matemática foi aplicada num grupo da faixa etária dos 3 anos, com 25 crianças, em que só 23 participaram porque duas crianças faltaram. Esta atividade foi aplicada no 3.º período do ano letivo com uma duração de cerca de trinta minutos..

A referida atividade consistiu numa proposta de trabalho (Anexo 27) em que as crianças tinham seis quadros com imagens de objetos/frutos/animais lá inseridas e vários algarismos por baixo. O objetivo era eles contarem quantos objetos ou seres estavam inseridos no quadro e associar ao algarismo correto, rodeando o mesmo. No entanto, não é uma proposta simples dado não ser fácil a contagem e a associação do resultado ao algarismo correto, tendo outros no mesmo exercício.

3.3.1.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta avaliação estabeleci dois parâmetros:

1. **Estabelece a correspondência entre o número de objetos e o algarismo:** as crianças tinham um quadro com uma determinada quantidade de objetos e tinham que estabelecer uma correspondência ao algarismo correto.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Estabelece de forma correta as seis correspondências;
- Estabelece de forma correta cinco correspondências;
- Estabelece de forma correta quatro correspondências;
- Estabelece de forma correta três correspondências;
- Estabelece de forma correta duas correspondências;
- Estabelece de forma correta uma correspondência;
- Não estabelece.

2. **Autonomia para resolver os exercícios:** neste parâmetro decidi avaliar até que ponto as crianças foram capazes de realizar totalmente sozinhas os exercícios propostos, ou seja, se necessitaram de ajuda ou se somente não realizaram.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Realizou de forma autônoma;
- Realizou com ajuda;
- Não realizou.

Em seguida, apresento o quadro 11 com as cotações para a correção da proposta de trabalho.

Quadro 11– Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Estabelece a correspondência entre o número de objetos e o algarismo.	1.1. Estabelece de forma correta as seis correspondências.	9	9
	1.2. Estabelece de forma correta cinco correspondências.	7,5	
	1.3. Estabelece de forma correta quatro correspondências.	6	
	1.4. Estabelece de forma correta três correspondências.	4,5	
	1.5. Estabelece de forma correta uma correspondência.	3	
	1.6. Estabelece de forma correta uma correspondência.	1,5	
	1.7. Não estabelece.	0	
2. Autonomia	2.1. Realizou de forma autônoma	1	1
	2.2. Realizou com ajuda.	0,5	
	2.3. Não realizou.	0	
Total			10

3.3.1.3. Apresentação e análise de resultados

Estas propostas de atividades foram realizadas num 3.º período, mais precisamente no mês de maio com um grupo de 25 crianças, na faixa etária dos 3 anos, durante 45 minutos. Para esta avaliação foram contabilizadas apenas vinte e três propostas de atividades, sendo que houve duas crianças a faltar nesse dia e, como tal, não realizaram a proposta pretendida. De seguida, apresento o gráfico com a respetiva avaliação.



Figura 9– Resultados da avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Matemática

Podemos constatar, no gráfico acima apresentado, que 91% do grupo (21 crianças) obtiveram uma classificação de Muito Bom. No grupo houve duas crianças com a classificação de Bom, que correspondem a 9% do grupo. E houve, ainda, duas que não realizaram a atividade por motivo de ausência.

Observando a grelha de avaliação (Anexo 28) podemos depreender que a média do grupo foi de Muito Bom com 9,6 pontos e com isto concluir que a atividade foi realizada com sucesso e que o balanço é bastante positivo.

3.3.2. Dispositivo 2 – Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Grupo dos 5 Anos)

3.3.2.1. Contextualização da atividade

A atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi aplicada numa grupo da faixa etária dos 5 anos, com 21 alunos, em que só 14 alunos participaram pois só estas crianças tinham terminado a Cartilha Maternal. A referida atividade consistiu numa proposta de trabalho com questões sobre a Cartilha, com exercícios de leitura, ditado, reconhecimento de ditongos, completar frases, associar palavras à imagem, entre outros.

A realização da mesma irá permitir verificar se o grupo tem dúvidas sobre alguma lição da Cartilha, se já conseguem pôr em prática tudo o que aprenderam nas vinte e cinco lições, se compreenderam o que era para fazer. Em anexo deixo a proposta de trabalho (Anexo 29).

3.3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta avaliação estabeleci oito parâmetros:

- 1. Identificação dos ditongos:** as crianças tinham um quadro com vários ditongos e vogais lá dentro e o exercício era identificar, rodeando apenas os ditongos que encontrassem.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Identifica os seis ditongos;
- Identifica os cinco ditongos;
- Identifica os quatro ditongos;
- Identifica os três ditongos;
- Identifica os dois ditongos;
- Identifica um ditongo;
- Resposta incorreta.

- 2. Leitura e representação da palavra:** as crianças tinham que ler a palavra “uva” e de seguida, representar desenhando, num retângulo ao lado o que tinham lido.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Resposta correta;
- Resposta incompleta;
- Resposta incorreta.

- 3. Associação palavra-frase:** as crianças tinham que completar três frases com três palavras que estavam num quadro ao lado.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Associou corretamente as três palavras;
- Associou corretamente duas palavras;
- Associou corretamente uma palavra;
- Não associou nenhuma palavra.

- 4. Identificação da letra “r”:** as crianças tinham quatro imagens e dessas quatro tinham que identificar apenas as duas imagens cujo nome iniciasse pela letra “r”.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Identificou duas imagens;
- Identificou uma imagem;
- Não identificou.

- 5. Correspondência palavra e imagem:** as crianças tinham quatro imagens e quatro palavras. O objetivo era ligar a imagem à palavra correspondente.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Estabeleceu as quatro correspondências;
- Estabeleceu as três correspondências;
- Estabeleceu as duas correspondências;
- Estabeleceu uma correspondência;
- Não estabeleceu correspondência.

6. Ditado: as crianças tinham quatro imagens (leão, dedo, bola e mota) e foi feito um ditado de cada imagem correspondente.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Escreveu corretamente as quatro palavras;
- Escreveu corretamente três palavras;
- Escreveu corretamente duas palavras;
- Escreveu corretamente uma palavra;
- Resposta incorreta.

7. Completar palavras com o dígrafo correto: as crianças tinham sete imagens e tinham que completar no espaço reservado para o efeito a palavra com o dígrafo correto.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Completou os sete dígrafos corretamente;
- Completou seis dígrafos corretamente;
- Completou cinco dígrafos corretamente;
- Completou quatro dígrafos corretamente;
- Completou três dígrafos corretamente;
- Completou dois dígrafos corretamente;
- Completou um dígrafo corretamente;
- Resposta incorreta.

8. Apresentação do trabalho: neste parâmetro decidi avaliar o cuidado, o rigor e os erros que as crianças têm ao realizar a proposta de trabalho.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Trabalho cuidado e com a caligrafia correta;
- Trabalho pouco cuidado e com caligrafia incorreta;
- Trabalho muito pouco cuidado e com erros de ortografia.

Em seguida, apresento o quadro 12 com as cotações para a correção da proposta de trabalho.

Quadro 12– Cotações atribuídas aos critérios definidos na proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação dos ditongos	1.1. Identifica os seis ditongos.	1,5	1,5
	1.2. Identifica os cinco ditongos	1,25	
	1.3. Identifica os quatro ditongos.	1	
	1.4. Identifica os três ditongos.	0,75	
	1.5. Identifica os dois ditongos.	0,5	
	1.6. Identifica um ditongo.	0,25	
	1.7. Resposta incorreta.	0	
2. Leitura e representação da palavra	2.1. Resposta correta.	0,5	0,5
	2.2. Resposta incompleta.	0,25	
	2.3. Resposta incorreta.	0	
3. Associação palavra-frase	3.1. Associou corretamente três palavras.	1,5	1,5
	3.2. Associou corretamente duas palavras.	1	
	3.3. Associou corretamente uma palavra.	0,5	
	3.4. Não associou nenhuma palavra.	0	
4. Identificação da letra “r”	4.1. Identificou duas imagens.	0,5	0,5
	4.2. Identificou uma imagem.	0,25	
	4.3. Não identificou.	0	
5. Correspondência palavra e imagem	5.1. Estabeleceu as quatro correspondências.	1	1
	5.2. Estabeleceu as três correspondências.	0,75	
	5.3. Estabeleceu as duas correspondências.	0,5	
	5.4. Estabeleceu uma correspondência.	0,25	
	5.5. Não estabeleceu correspondência.	0	
6. Ditado	6.1. Escreveu corretamente quatro palavras	2	2
	6.2. Escreveu corretamente três palavras.	1,5	
	6.3. Escreveu corretamente duas palavras.	1	
	6.4. Escreveu corretamente uma palavra.	0,5	
	6.5. Resposta incorreta.	0	

Completar as palavras com o dígrafo correto.	7.1. Completou os sete dígrafos corretamente.	1,75	1,75
	7.2. Completou seis dígrafos corretamente.	1,5	
	7.3. Completou cinco dígrafos corretamente.	1,25	
	7.4. Completou quatro dígrafos corretamente.	1	
	7.5. Completou três dígrafos corretamente.	0,75	
	7.6. Completou dois dígrafos corretamente.	0,5	
	7.7. Completou um dígrafo corretamente.	0,25	
	7.8. Resposta incorreta.	0	
8. Apresentação do trabalho	8.1. Trabalho cuidado e com a caligrafia correta.	1,25	1,25
	8.2. Trabalho pouco cuidado e com caligrafia incorreta.	0,5	
	8.3. Trabalho muito pouco cuidado e com erros de ortografia.	0	
Total			10

3.3.2.3. Apresentação e análise de resultados

Depois de feita a correção da proposta de atividade e com base na grelha de correção apresentada, obtivemos um conjunto de resultados como podem ser observados no Anexo 30 (Grelha de Avaliação da atividade do grupo dos 5 anos). Estas propostas de atividades foram realizadas num 2.º período, mais precisamente no mês de março com um grupo de 5 anos e, como tal, nem todo o grupo tinha, por esta altura, terminado a Cartilha Maternal. Por isso mesmo, para esta avaliação foram contabilizadas apenas catorze propostas de atividades, sendo que as restantes sete crianças realizaram propostas de

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DO DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA

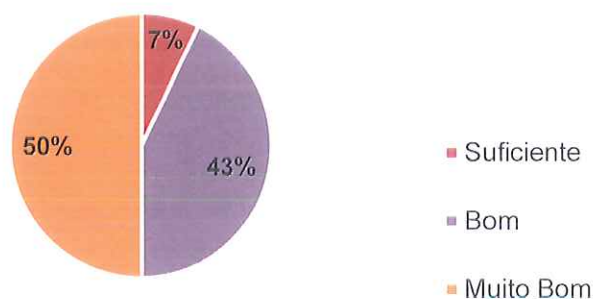


Figura 10– Resultados da avaliação da proposta de trabalho do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

atividades diferentes que não entraram para esta avaliação. De seguida, apresento o gráfico com a respetiva avaliação.

Analisando os resultados e observando a tabela (que se encontra em anexo) constato que 7 crianças obtiveram a classificação de Muito Bom que corresponde a 50%, isto é metade das crianças que realizaram esta proposta de atividade tiveram um resultado bastante positivo, 6 crianças obtiveram a classificação de Bom cuja percentagem corresponde a 43% e uma obteve a classificação de Suficiente com 7%.

Deste modo, pode-se concluir que o resultado desta atividade foi positivo e que entende-se que, de modo geral, as crianças atingiram os objetivos pretendidos, sendo que a média dos resultados obtidos por estas foi de 8,6 valores (Bom).

3.4. Dispositivos de Avaliação da Aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.4.1. Dispositivo 3 – Aula na Área Curricular de Matemática (Turma 2.º Ano)

3.4.1.1. Contextualização da atividade

A atividade de Matemática foi aplicada numa turma de 2.º ano, com 26 alunos. A referida atividade consistiu numa ficha com questões sobre a reunião e interseção de conjuntos, que surgiu na sequência dos conteúdos abordados na minha aula.

Nesta aula trabalhei uma das formas de organizar os dados matematicamente, em que mostrei um *powerpoint* com alguns gráficos como o de linhas, o de barras, o diagrama de caule-e-folha e, por fim, expliquei o diagrama de Venn. Após explicar em que consiste o diagrama de Venn, dei a noção de interseção e de reunião e as suas simbologias. A realização desta ficha de trabalho permitiu verificar se os alunos perceberam a diferença entre reunião e interseção de conjuntos e a respetiva simbologia. Em anexo exponho esta ficha de trabalho (Anexo 31).

3.4.1.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Nesta avaliação estabeleci quatro parâmetros:

- 1. Aplicação do conceito de reunião:** os alunos tinham dois conjuntos (o A e o B) e tinham que consoante a simbologia apresentada ($A \cup B$), realizar o exercício pretendido.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Aplica corretamente;
- Resposta incompleta;
- Não aplica/resposta incorreta.

- 2. Compreensão do diagrama de Venn:** os alunos tinham que legendar o diagrama de Venn consoante as informações acima descritas e abordadas.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Elabora corretamente a legenda do diagrama de Venn;
- Resposta incompleta;
- Resposta incorreta.

3. Conhecimento e aplicação do símbolo de reunião e de interseção: os alunos tinham que completar um exercício em que aplicassem o conceito de reunião e de interseção.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Identifica corretamente e completa com os símbolos de reunião e interseção;
- Identifica apenas um dos conjuntos;
- Resposta incorreta.

4. Compreensão do diagrama de Venn: os alunos tinham seis questões sobre o diagrama de Venn em que tinham que aplicar os conceitos aprendidos anteriormente.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Seis respostas corretas;
- Cinco respostas corretas;
- Quatro respostas corretas;
- Três respostas corretas;
- Duas respostas corretas;
- Uma resposta correta;
- Resposta incorreta.

Em seguida, apresento o quadro 13 com as cotações da ficha de trabalho na área da Matemática.

Quadro 13– Cotações atribuídas aos critérios definidos na ficha de trabalho da área de Matemática (2.ºano)

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Aplicação do conceito de reunião	1.4. Aplica corretamente.	1	1
	1.5. Resposta incompleta.	0,5	
	1.6. Não aplica/resposta incorreta.	0	
2. Compreensão do diagrama de Venn	2.1. Elabora corretamente a legenda do diagrama de Venn.	3	3
	2.2. Resposta incompleta.	1,5	
	2.3. Resposta incorreta.	0	

3. Conhecimento e aplicação do símbolo de reunião e de interseção	3.1. Identifica corretamente e completa com os símbolos de reunião e interseção.	2	2
	3.2. Identifica apenas um dos conjuntos.	1	
	3.3. Resposta incorreta.	0	
4. Compreensão do diagrama de Venn	4.1. Seis respostas corretas.	4	4
	4.2. Cinco respostas corretas.	3,5	
	4.3. Quatro respostas corretas.	3	
	4.4. Três respostas corretas.	2	
	4.5. Duas respostas corretas.	1	
	4.6. Uma resposta correta.	0,5	
	4.7. Resposta incorreta.	0	
Total			10

3.4.1.3. Apresentação e análise de resultados

Depois de feita a correção da ficha de trabalho com base na grelha de correção apresentada, obtivemos um conjunto de resultados como podem ser observados no Anexo 32 (Grelha de Avaliação da proposta do 2.º ano). De seguida, apresento o gráfico com esta avaliação.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA AULA DA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA

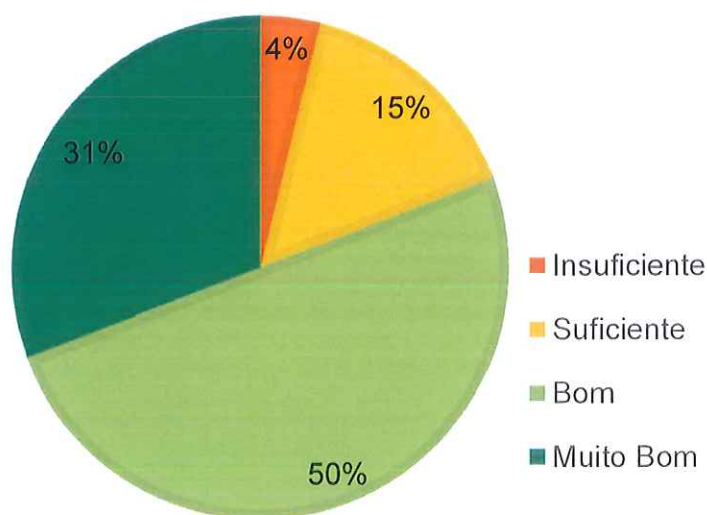


Figura 11– Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Matemática

Analisando o mesmo constato que 8 alunos obtiveram a classificação de Muito Bom que corresponde a 31%, 13 alunos obtiveram a classificação de Bom cuja

percentagem corresponde a 50%, 4 obtiveram classificação de Suficiente com 15% e, por fim, apenas 1 aluno, representando 4% do total obteve a classificação de Insuficiente.

Considerando que o aluno com classificação negativa tinha entrado muito recentemente no Jardim-Escola desconhecendo os métodos característicos da escola e com bases distintas dos restantes alunos da turma, pode-se concluir que o resultado desta atividade foi positivo e que entende-se que, de modo geral, os alunos atingiram os objetivos pretendidos, sendo que a média dos resultados obtidos por estes foi de 7,8 valores (Bom).

3.4.2. Dispositivo 4 – Aula na Área Curricular de Estudo do Meio (Turma 4.º Ano)

3.4.2.1. Contextualização da atividade

A atividade de Estudo do Meio foi aplicada numa turma de 4.º ano, com 23 alunos, em que só 21 alunos participaram. A referida atividade consistiu numa ficha com questões sobre os rios, que surgiu na sequência dos conteúdos abordados na minha aula.

Nesta aula trabalhei o que é um rio, a importância dos rios, os seus constituintes, quais os cinco principais rios de Portugal Continental e onde é que estes nascem e desaguam. Mostrei, ainda, um mapa de Portugal Continental com os cinco respetivos na qual pedi a alguns alunos que os fossem identificar. A realização desta ficha de trabalho permitiu verificar se os alunos perceberam a importância/utilidade das águas dos rios, o que são e quais são os constituintes dos mesmos e se sabem localizar os principais rios. Em anexo exponho esta ficha de trabalho (Anexo 33).

3.4.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Na avaliação abaixo realizada podemos observar que foram realizados quatro parâmetros de avaliação:

1. Identificação dos cinco principais rios portugueses num mapa: em que os alunos tinham um mapa de Portugal enumerado e conforme cada número, estes tinham que escrever corretamente o nome do rio correspondente.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Elabora corretamente as cinco legendas;
- Elabora corretamente as quatro legendas;
- Elabora corretamente as três legendas;
- Elabora corretamente as duas legendas;
- Elabora corretamente uma legenda;
- Resposta incorreta.

2. Identificação das finalidades da água dos rios: os alunos tinham que escrever, por palavras deles, quais são as finalidades das águas dos rios, tendo em conta o que foi dado anteriormente.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Resposta correta;
- Resposta incompleta;
- Resposta incorreta.

3. Associação dos rios ao oceano: nesta questão os alunos tinham uma frase para completar com uma opção (cada opção era o nome do oceano) em que consistia colocar uma cruz no quadrado correto.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Assinalou corretamente;
- Resposta incorreta.

4. Identificação do maior rio que nasce e desagua em Portugal: nesta questão os alunos, consoante o que foi abordado anteriormente, tinham que pintar de cor azul o quadro com a resposta correta.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Resposta correta;
- Resposta incorreta.

5. Identificação do rio do local onde vive: nesta questão os alunos tinham que escrever de forma completa o nome do rio que passa perto do local onde vivem.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Resposta completa;
- Resposta incompleta;
- Resposta incorreta.

6. Identificação das partes constituintes do rio: nesta questão os alunos tinham uma imagem com letras e conforme cada letra tinham que escrever/legendar o nome constituinte do rio.

Para este parâmetro enumerei os seguintes critérios:

- Elabora corretamente as cinco legendas;
- Elabora corretamente as quatro legendas;
- Elabora corretamente as três legendas;
- Elabora corretamente as duas legendas;
- Elabora corretamente uma legenda;
- Resposta incorreta.

Em seguida, apresento o quadro 14 com as cotações da ficha de trabalho na área de Estudo do Meio.

Quadro 14– Cotações atribuídas aos critérios definidos na ficha de trabalho da área de Estudo do Meio (4.º ano)

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação dos cinco principais rios portugueses num mapa.	1.1. Elabora corretamente as cinco legendas	3	3
	1.2. Elabora corretamente as quatro legendas.	2,5	
	1.3. Elabora corretamente as três legendas.	2	
	1.4. Elabora corretam-ente as duas legendas.	1	
	1.5. Elabora corretamente uma legenda.	0,5	
	1.6. Resposta incorreta.	0	
2. Identificação das finalidades da água dos rios.	2.1. Resposta correta.	2	2
	2.2. Resposta incompleta.	1	
	2.3. Resposta incorreta.	0	
3. Associação dos rios ao oceano.	3.1. Assinalou corretamente.	0,5	0,5
	3.2. Resposta incorreta.	0	
4. Identificação do rio do local onde vive.	4.1. Resposta completa.	1	1
	4.2. Resposta incompleta.	0,5	
	4.3. Resposta incorreta.	0	
5. Identificação do maior rio que nasce e desagua em Portugal.	5.1. Resposta correta.	0,5	0,5
	5.2. Resposta incorreta.	0	
6. Identificação das partes constituintes do rio.	6.1. Elabora corretamente as cinco legendas.	3	3
	6.2. Elabora corretamente as quatro legendas.	2,5	
	6.3. Elabora corretamente as três legendas.	2	
	6.4. Elabora corretamente as duas legendas.	1	
	6.5. Elabora corretamente uma legenda.	0,5	
	6.6. Resposta incorreta.	0	
Total			10

3.4.2.3. Apresentação e análise de resultados

Observando o gráfico abaixo apresentado e a grelha de avaliação (Anexo 34) podemos depreender que a média do grupo foi de Bom com 8,7 pontos embora um pouco mais da maioria, 52% que equivale a 11 alunos, obtiveram a classificação de Muito Bom.

RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA AULA DA DISCIPLINA DE ESTUDO DO MEIO

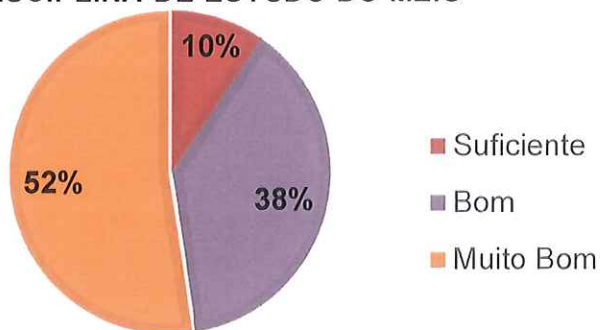


Figura 12– Resultados da avaliação da proposta de trabalho de Estudo do Meio

Podemos, também, constatar que 38% da turma (8 alunos) obtiveram uma classificação de Bom. Com a classificação de Suficiente tiveram 2 alunos, que correspondem a 10% da turma.

Podemos concluir com a análise dos resultados que foram bastante positivos e de um modo geral, a turma atingiu os objetivos pretendidos.

A realização deste capítulo foi essencial pois permitiu-me ter consciência da dificuldade do mesmo como também da importância do respetivo. Tenho consciência que ainda tenho muito para aprender e que, de certeza que, com o treino com os meus futuros alunos conseguirei aferir e avaliar melhor todos os seus esforços e desempenhos.

Capítulo 4 – Proposta do projeto – “A partir de um fio de lã...”

4.1. Descrição do Capítulo

Este capítulo reflete uma proposta de projeto dirigido ao 3.º ano de escolaridade, enquadrado na disciplina de Estudo do Meio no capítulo “À Descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade”, com o título “A partir de um fio de lã...”.

4.2. Fundamentação teórica

4.2.1. Trabalho de projeto

O trabalho projeto pode ser definido como "um conjunto de práticas conscientemente finalizadas que se desenvolvem através de um processo complexo que inclui momentos de ação e representação, conduzindo à existência de interações múltiplas e diversificadas" (Silva & Miranda, 1990, p.21).

Este baseia-se num conjunto de atividades planificadas com o objetivo de desenvolver uma determinada temática.

De acordo com Miranda (2008, p.4), o que distingue o conceito de projeto do de atividade é o seu carácter intencional, pois o projeto pode ser pensado como algo “lançado para a frente”.

Segundo Vasconcelos (2009, citado em Ferreira, 2016) o trabalho realizado segundo a Metodologia do Trabalho de Projeto é baseado na problematização em que a criança deve ser envolvida no problema ao mesmo tempo que deve poder investigar, registar dados, formular hipóteses, tomar decisões, resolver problemas, tornando-se sujeito do seu próprio conhecimento (p.23). Desta forma este projeto vai envolver os alunos numa viagem à descoberta de tudo o que podemos encontrar relacionado com a lã (produtos, importância, riqueza, origem, local, etc).

Segundo Katz e Chard (1997, p.2, citado em Silva, N., 2019), a Metodologia de Trabalho de Projeto é considerada uma abordagem pedagógica centrada em problemas, acabando por ser “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico” (p. 21).

Para Silva (2019):

A metodologia de trabalho de projeto em contexto escolar pode garantir e favorecer alguns aspetos muito relevantes para a aquisição de novos conhecimentos por parte dos alunos. Desta forma, o trabalho escolar na perspetiva do trabalho de projeto deve partir dos interesses, questões e interrogações que os alunos tenham sobre o mundo e o meio em que vivem (p. 23).

De acordo com a DGE (2018) a educação para a Cidadania pretende incentivar os alunos a desenvolverem competências empreendedoras, a agirem sobre oportunidades, a gerarem ideias e a transformá-las em valor para os outros. O valor criado pode ser social, financeiro ou cultural. Estas competências referem-se a criatividade, pensamento crítico,

resolução de problemas, iniciativa, perseverança, trabalho colaborativo, planejar, gerir projetos.

4.2.2. Estudo do Meio

Segundo o Ministério da Educação (ME, 2004), Organização Curricular E Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo, as crianças têm uma percepção global da realidade. Assim, o Estudo do Meio engloba várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, entre outras, para que as crianças possam estabelecer relações entre a sociedade e a natureza.

O programa de Estudo do Meio (ME, 2004), encontra-se dividido em seis blocos, são eles:

- Bloco 1 – À descoberta de si mesmo;
- Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições;
- Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural;
- Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços;
- Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos;
- Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.

Tendo em conta a temática do projeto em causa podemos relacionar o mesmo com o Programa de Estudo do Meio (ME) visto que a temática enquadra-se no Bloco 6, mais especificamente, no 3.º ano, no 2.º ponto – A criação de gado no meio local.

De acordo com Roldão (1995, p.27, citado em Silva, N., 2019), "a necessidade de estudar o meio prende-se assim, no que se refere ao meio próximo, com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-se para compreender e intervir nessa realidade. Corresponde também, e tomando meio no sentido plural de meios-contexto em que os homens vivem e com que interactivam-, à necessidade de levar a criança a adquirir o sentido da relação homem/meio, e a compreender as suas implicações nas suas vivências sociais, económicas e culturais dos indivíduos e das sociedades" (p.18).

4.2.3. Lã

A lã, o apêndice fibroso da pele da ovelha, foi provavelmente uma das primeiras fibras utilizadas para a produção de têxteis (Onions, 1962, citado por Barragão, 2016, p.16).

A lã é a fibra de origem animal mais resistente, e possui características únicas e ecológicas. É 100% natural e biodegradável, renovável (todos os anos a ovelha produz lã que é tosquiada em benefício do animal) confortável, resistente e durável, naturalmente elástica e isolante térmica. (definição de lã de acordo com a informação disponível no *site* da Ecolã).

A produção de Lã, em Portugal, está localizada no centro do país, nomeadamente na zona envolvente da Serra da Estrela, nas regiões da Covilhã, Manteigas, Seia e Gouveia.

A arte de fiar é um dos trabalhos mais antigos da humanidade. É a partir do fio que se inicia todo o processo de criação de tecidos e vestuário. A descoberta da fiação deu-se quando o homem percebeu que ao torcer uma quantidade de fibras, formava um fio longo e contínuo.

O processo da lã inicia-se pela prática da tosquia, que consiste na extração da lã dos animais. É um trabalho de grande importância, pois a forma como é retirada, define a qualidade da lã. Esta deve ser extraída por inteiro produzindo, assim, um velo. Existem épocas específicas para se realizar esta prática, as quais variam consoante as condições climáticas. Em Portugal, decorre entre os meses de abril e maio, de modo a libertar os animais do calor do Verão.

Após a tosquia realiza-se uma seleção das partes de melhor qualidade do velo. As fibras mais longas e com menos sujidade são as selecionadas para prosseguirem no ciclo.

O tratamento das fibras inicia-se com o processo de lavagem seguido do processo de batanagem (tratamento anti feltragem).

O processo de lavagem é geralmente poluente e de grande impacto ambiental. Para retirar a lanolina presente nas fibras de lã e para o branqueamento da mesma, utilizam-se, normalmente, substâncias químicas e grandes quantidades de água.

Para a secagem da lã pode ser utilizada uma superfície quente e que esteja em contacto com o sol, ou então, colocá-la sobre uma mesa com superfície em rede.

Depois da lã ser lavada e seca, pode iniciar-se o processo de cardagem. Esta fase tem como principal finalidade colocar as fibras soltas na mesma direção, facilitando assim a fase da fiação.

Assim que as fibras estiverem tratadas inicia-se então o processo da fiação. Fiar é torcer as fibras de modo a que estas não se soltem, produzindo assim um fio. As fibras podem ser fiadas à mão, com ferramentas específicas, ou à máquina.

A arte de fiar é um dos trabalhos mais antigos da humanidade. É a partir do fio que se inicia todo o processo de criação de tecidos e vestuário. A descoberta da fiação deu-se quando o homem percebeu que ao torcer uma quantidade de fibras, formava um fio longo e contínuo.

O processo de tingimento pode ser aplicado após a lavagem das fibras, chamando-se tingimento em rama, após o processo de fiação estar concluído ou até mesmo já em peça.

Este é o passo mais poluente em todo o processo de fiação pois a grande quantidade de água usada durante o mesmo não pode ser reutilizada quando são aplicados produtos químicos.

Os corantes naturais são uma forma de minimizar este impacto. Oferecem uma grande variedade de cores, e podem ser encontrados facilmente em plantas e leguminosas.

São muitas as utilidades que podemos dar à lã para benefício do ser humano, entre elas cachecóis, luvas, gorros, camisolas, casacos, mantas, cobertores, tapetes e até objetos para decoração.

O fio natural de lã de ovelha é também usado na confeção de vestuário para os bombeiros pois em contacto com ela, o fogo propaga-se lentamente pois esta apresenta um elevado teor de azoto e água que lhe confere uma grande resistência a altas temperaturas sem libertar gases nocivos e tóxicos proporcionando um equilíbrio hidrotérmico entre o ambiente e o corpo e a proteção do mesmo.

Podemos utilizar a lã como revestimento de sabonetes sólidos o que lhes atribui propriedades esfoliantes e uma durabilidade até três vezes superior à de um sabonete não revestido.

4.3. Desenvolvimento do Projeto

4.3.1. Tema

A importância da lã.

4.3.2. Problemas parcelares

- O que é a lã?;
- De onde vem?;
- Como se trabalha?;
- Para que serve?;

4.3.3. Destinatários

Este projeto destina-se aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, especificamente aos alunos do 3.º.

4.3.4. Entidades envolvidas

As entidades envolvidas neste projeto são a escola, a família, a autarquia e a comunidade.

4.3.5. Motivação e negociação

Para este projeto as estratégias previstas são:

- ✓ Dinamizar a história "Ciclo da Lã" de Cristina Quental e Mariana Magalhães;
- ✓ Visionamento de alguns vídeos sobre o processo de tratamento e fabrico da lã;
- ✓ Visitar uma fábrica de lanifícios na Covilhã (fabrico de artigos de lã).

4.3.6. Objetivos

4.3.6.1. Objetivos gerais:

- ✓ Promover a interdisciplinaridade;
- ✓ Incutir o espírito de cooperação e socialização;
- ✓ Desenvolver o trabalho de grupo;
- ✓ Cativar e motivar os alunos;
- ✓ Introduzir o espírito científico nos mesmos;
- ✓ Estimular a comunicação, criatividade, imaginação;
- ✓ Incutir a ideia de aproveitar as matérias-primas locais, no desenvolvimento de novos produtos.

4.3.6.2. Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer a origem e as diversas utilidades da lã;
- ✓ Conhecer em Portugal os locais mais importantes de fábricas de lanifícios;
- ✓ Envolver as famílias;
- ✓ Sensibilizar as crianças para a vantagem da tosquia para alguns animais.

4.3.7. Planeamento

1.ª Fase – Investigação

- Permitir que a criança comece a descobrir e a adquirir conhecimentos através da investigação, em livros e na internet, relativamente à origem da lã e das diversas utilidades que lhe podemos dar.
- Pedir aos alunos que tragam de casa um objeto feito de lã e que o apresentem à turma.

2.ª Fase – Desenvolvimento do estudo das utilidades da lã através de atividades práticas:

- Visita de estudo à Quinta Pedagógica para visualização do processo de tosquia das ovelhas;
- Visionamento de um filme que demonstre todo o processo de tratamento da lã até à formação do novelo;
- Realização de trabalhos utilizando a lã como uma das matérias-primas;
- Preparação do folheto da visita de estudo;
- Preparação de um mapa com o roteiro da visita;
- Visita de estudo à Covilhã para conhecer uma fábrica de lanifícios, o museu de lanifícios e conversar com um pastor;

- Convidar os familiares que saibam fazer crochê/tricot para ensinar os alunos e estes criarem um cachecol para posterior exposição;
- Envolver os alunos e suas famílias para a criação de um “banco” de objetos feitos em lã (gorros, cachecóis, meias, luvas, mantas) para depois poderem ser doados a famílias carenciadas.

3.ª Fase – Exposição no espaço cedido pela escola:

- Após todos os trabalhos realizados pelos alunos ao longo das fases anteriores passamos à fase de exposição dos trabalhos e peças de vestuário realizados e arranjados pelos alunos.

4.3.8. Recursos

4.3.8.1. Materiais

- ✓ Lã;
- ✓ Cola;
- ✓ Tela;
- ✓ Agulhas de crochê/tricot;
- ✓ Cartolinas;
- ✓ Marcadores;
- ✓ Lápis de cor;
- ✓ Computador;
- ✓ Projetor;
- ✓ Autocarro cedido pela Câmara Municipal.

4.3.8.2. Humanos

- ✓ Diretor(a);
- ✓ Professores;
- ✓ Alunos
- ✓ Família.

4.3.9. Produtos finais

O produto final deste projeto será uma exposição num espaço cedido pela escola com o objetivo de dar a conhecer o trabalho desenvolvido ao longo do ano pelos alunos do 3.º ano (cartazes, folhetos, trabalhos manuais, peças recolhidas oferecidas pelas famílias em lã, registo de imagem sobre a visita de estudo à Covilhã,...).

4.3.10. Avaliação

4.3.10.1. Do processo

- ✓ Debate com os alunos sobre as dificuldades encontradas ao longo do projeto;
- ✓ Auto e heteroavaliação do(a) professor(a) e dos alunos;

- ✓ Monitorização mensal do processo.

4.3.10.2. Do produto final

- ✓ Aquisição de conhecimentos;
- ✓ Aquisição de competências pelos alunos;
- ✓ Divulgação à escola, aos pais e à comunidade.

4.3.11. Calendarização do projeto

Este projeto terá a duração de um ano letivo.

Quadro 15– Calendarização do projeto

Atividades	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J
Motivação e negociação										
1.ª fase										
2.ª fase										
3.ª fase										
Avaliação do processo										
Avaliação final										

4.3.12. Breve conclusão

O tema que escolhi para este projeto foi “A partir de um fio de lã...” .

Considere este subtema interessante pois possibilita o envolvimento das crianças de uma forma mais prática, proporcionando-lhes atividades com as quais estas se sintam motivadas e interessadas. Também permite sair de escola, realizar diversas visitas de estudo e envolver as famílias com a escola.

Este projeto é importante ser aplicado com alunos do 3.º ano pois permite desenvolver a criatividade, imaginação, a importância do trabalho de grupo, introduzir o espírito científico nos alunos, cativar e motivar os mesmos, como também, é um projeto que apela aos valores e atitudes dos respetivos permitindo o espírito solidário de cada criança. O objetivo deste projeto é que haja, ainda, uma ligação entre a família e a escola, havendo uma participação ativa dos familiares dos alunos no respetivo projeto.

De acordo com a DGE (Direção-Geral da Educação, 2018) a educação ambiental é parte integrante da educação para a cidadania assumindo, pela sua característica eminentemente transversal, uma posição privilegiada na promoção de atitudes e valores.

A interdisciplinariedade, também, é importante e a “prova” disso é que com este projeto podemos abordar diversas áreas desde Formação Social e Pessoal, como o Estudo do Meio e, neste caso, o Português com a criação do acróstico.

A ideia do acróstico, em cima apresentado, é uma sugestão de criatividade e imaginação que poderiam ter sido os alunos de uma turma do 3.º ano a criar como forma de “lema” para o projeto. D eixo em acróstico a potencialidade e a criatividade que este projeto pode proporcionar.

Quadro 16– Acróstico do projeto

	F	IAÇÃO
	I	MPORTÂNCIA
	O	RIGEM
	D	ESENVOLVIMENTO
QUENT	E	
	L	ANIFÍCIOS
COVILH	Ã	

De acordo com Pimenta (2008) a interdisciplinaridade é sempre um processo de aproximação de saberes, científicos ou outros, que até esse momento se encontravam separados (p.66). Para o mesmo autor, promover a interdisciplinaridade não é uma postura fácil, mas é profundamente necessária (p.64).

Considerações finais

O presente relatório foi baseado no Estágio Profissional realizado na Escola Superior de Educação João de Deus. Nesta escola, a prática profissional é bastante valorizada, entendida como algo essencial para preparar os seus alunos para a docência. De acordo com Peterson (2003, p.67, citado em Cortez, 2013) a prática pedagógica é um meio eficaz que conduz o aluno ao saber, ao saber fazer e ao saber ser, do futuro profissional. Ela aproxima o aluno da realidade e permite-lhe aprender fazendo (p.235).

O estágio profissional neste relatório relatado realizou-se no período compreendido entre o dia 12 de março de 2016 a 9 de fevereiro de 2018 e permitiu o contacto e observação com diversas realidades educativas desde a Educação Pré-Escolar ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Conforme Alarcão e Roldão (2008, p.29, citado em Cortez, 2013) a observação é “um dos dispositivos de análises cujas potencialidades os alunos parecem descobrir. (...) Observação de si e dos outros, entre os quais se incluem os colegas, os orientadores” e os alunos (p. 235).

A realização deste estágio constituiu uma etapa muito importante e relevante para a minha formação profissional, uma vez que permitiu uma conciliação entre a teoria e a prática.

Ainda para Alarcão e Roldão (2008, p. 28, citado em Cortez, 2013), esta forma de aprendizagem é tanto mais rica, quanto mais diversificados forem os contextos em que se realiza, pelo efeito de amplificação proporcionado pela reflexão comparada (p.235).

Durante todo o período de estágio, tanto na Licenciatura como no Mestrado, tive a oportunidade de estar em contacto com grupos de diferentes faixas etárias, desde o berçário aos dois anos (idades pertencentes à Creche); dos três aos cinco anos, idades pertencentes à Educação Pré-Escolar e com os quatro anos de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos). Ao longo deste tempo, pude também constatar várias estratégias e metodologias diferentes de diversas educadoras e professoras. Isso contribuiu de uma forma bastante positiva e melhorou a minha prática profissional e, também, profissional enquanto futura educadora e professora, não só porque é agradável aprender várias metodologias como também nos permite seleccionar aquelas que consideramos serem mais adequadas e que mais se identificam connosco.

O presente relatório demorou cerca de dois anos a preparar e a defender uma vez que, imediatamente após terminar o período letivo do Mestrado, fui colocada no Jardim-Escola de Vila Nova de Gaia, distante de Lisboa e consequentemente, de casa e da ESE. O início da minha carreira profissional exigiu de mim um foco e dedicação relegando para segundo plano a elaboração deste relatório.

Estar distante da ESE e a trabalhar a tempo inteiro teve um impacto muito significativo nas fontes bibliográficas que consultei para a elaboração deste relatório. Nesse sentido, acabei por privilegiar a consulta de trabalhos disponíveis em repositórios científicos de várias Universidades, ou seja, em fontes secundárias.

Com a elaboração e apresentação deste relatório termino mais uma etapa importante da minha vida. O que quer dizer que daqui adiante é criar a minha carreira profissional a fazer aquilo que mais gosto e contribuir para o crescimento, evolução e aprendizagem de todas as crianças!

Irei continuar a estudar e a aprender novos métodos e estratégias para poder aplicar com as minhas futuras crianças/futuros alunos e porque um bom educador e professor é aquele que está sempre a adquirir novos conhecimentos!

Termino assim com a seguinte afirmação de Paulo Freire (1991, citado em Caldeira 2009b), ninguém começa a ser educador numa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Referências Bibliográficas

- ✓ Alarcão, I., Roldão, M. C. (2008). *Supervisão - Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- ✓ Almeida, E. S. (2013). *A didática e a receção, por crianças de 4 anos, de Textos Literários de Luísa Ducla Soares. Relato de uma experiência*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5049/1/Tese%20de%20mestrado_Elisabete%20Almeida.pdf
- ✓ Alves, A. F. G. (2018). *Relatório de Estágio Profissional*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24301/1/RELATORIO%20Ana%20Filipa%20Alves.pdf>
- ✓ Alves, M. H. V. (2005). *Conceções prévias, mudança conceptual e obstáculos de aprendizagem em alunos do 1.º CEB sobre excreção urinária*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança - Promoção da Saúde e do Meio Ambiente. Minho: Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4571/5/Tese.pdf>
- ✓ Barragão, V. A. N. (2016). *Lã Artesanal: Desenvolvimento de uma coleção de fios portugueses ecológicos*. Projeto final de Mestrado em Design de Moda na Faculdade de Arquitetura. Lisboa, Portugal. Disponível em <file:///C:/Users/anara/AppData/Local/Temp/Barragao,%20V%20-%20Lã%20Artesanal.pdf>
- ✓ Barros, M. R. M. (s.d.). *A Música como mediadora no desenvolvimento cognitivo em crianças com perturbações Autísticas: Intervenção junto de uma aluna com perturbações Autísticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2568/1/Mestrado.pdf>
- ✓ Borges, C. F. B. (2014). *O Desenvolvimento da Motricidade na Criança e as Expressões: Um Estudo em Contexto de Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3151/1/DissertMestradoCarolinaFatimaBotelhoBorges2014.pdf>
- ✓ Caldeira, M. F. T. H. S. (2009a). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- ✓ Caldeira, M. F. T. H. S. (2009b). *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem Significativa da Matemática*. Tese de DoutMálaga: Universidad de

Málaga Facultad de Ciencias de la Educación Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura. Disponível em

<file:///C:/Users/anara/AppData/Local/Temp/FILOMENACALDEIRA.Importancia.Materiais.pdf>. Consultado em outubro de 2019

- ✓ Caldeira, M. F. T. H. S., Pereira, P. C., & Silveira-Botelho, T. (2013). *Introducción a la práctica profesional, reflexión, supervisión, estrategias para el futuro*. Reflexão sobre a prática e a supervisão pedagógica na Licenciatura em Educação Básica e no 2.º Ciclo de Estudos da ESE João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4891/1/PraticaProfissional.pdf>
- ✓ Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril, Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/circular_avaliacao_epe.pdf
- ✓ Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança: do 1 aos 5 anos*. 5.ª Edição. Lisboa, Portugal: A Esfera dos Livros.
- ✓ Cortez, J. M. G. (2013). Relatório de Estágio Profissional. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4485/1/Relat%c3%b3rio%20de%20Est%c3%a1gio%20Profissional%20-%20Joana%20Cortez.pdf>. Consultado em novembro de 2019
- ✓ Costa, A. F. A (2013). *O Desenvolvimento da Motricidade Fina: Um estudo de intervenção com crianças em idade pré-escolar*. Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Disponível em http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/1392/1/Ana_Costa.pdf
- ✓ Cury, A. J. (2003). *Pais brilhantes & professores fascinantes*. Rio de Janeiro. Editora Sextante.
- ✓ Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, publicado no Diário da República n.º 129/2012, Série I de 2012-07-05. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/178548/details/normal?q=Decreto-Lei+n.%C2%BA%20139%2F2012%2C%20de+5+de+julho>
- ✓ Despacho normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril, publicado no Diário da República n.º 66/2016, 1º Suplemento, Série II de 2016-04-05. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/74059570/details/maximized?serie=II&dreId=74059567>
- ✓ Deus, L. M (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lousã.
- ✓ Dias, I. S. & Correia, S. (2017). *A Narrativa na Construção da Profissionalidade Docente do Educador em Creche*. Disponível em <file:///C:/Users/anara/AppData/Local/Temp/2375-13195-1-PB.pdf>

- ✓ Direção-Geral de Educação (2018). *Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade*. Disponível em [file:///C:/Users/anara/Desktop/RELATÓRIO%20DE%20ESTÁGIO/Outros%20documentos Relatório/ref sustentabilidade.pdf](file:///C:/Users/anara/Desktop/RELATÓRIO%20DE%20ESTÁGIO/Outros%20documentos%20Relatório/ref_sustentabilidade.pdf). Consultado em agosto 2019
- ✓ DGE (2018) Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico - 1º ciclo Disponível em <https://www.dge.mec.pt/estudo-do-meio>
- ✓ Duarte, J. A. (2009). *O Jogo e a Criança*. Tese de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Supervisão Pedagógica. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2296/1/Jos%c3%a9Duarte.pdf> Consultado em outubro de 2019
- ✓ Durão, R. L. S. (2010). *Acolhimento aos alunos estagiários da formação inicial. Uma proposta de acolhimento e integração*. Tese de dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2259/1/Tese%20Rita%20Durao.pdf>
- ✓ Ecolã. Site disponível em: <https://www.ecolaportugal.com/pt/home-2/> consultado em outubro de 2019
- ✓ Educação para a Cidadania. Direção Geral da Educação. Disponível em: <https://cidadania.dge.mec.pt/empreendedorismo> consultado em agosto de 2019.
- ✓ Ferreira, A. P. B. (2016). *Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada*. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20597/1/tese%20Ana%20Ferreira.pdf> Consultado em fevereiro de 2020
- ✓ Ferreira, I. M. C. (2012). *A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1.º Ciclo e de Educação Especial*. Tese de dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2564/1/TesedeMestrado%20 %20Isabel%20Ferreira%202012.pdf>
- ✓ Ferreira, S. G. (2013). *A importância do trabalho prático no ensino das ciências*. Relatório de Estágio Profissional. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em <https://docplayer.com.br/51564871-A-importancia-do-trabalho-pratico-no-ensino-das-ciencias.html>
- ✓ Garcia, A. L. F. A. (2018). *Relatório de Estágio Profissional I, II, III e IV*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23451/1/Relat%c3%b3rioEst%c3%a1g>

- [ioProf. 2018Ana%20Lu%c3%adsa%20Garcia.pdf](#). Consultado em novembro de 2019
- ✓ Lipor. Site disponível em <https://www.lipor.pt/pt/residuos-conceitos-fundamentais/reciclagem-conceito/>. Consultado em outubro de 2019
 - ✓ Lucas, F. M. C. (2017). Relatório de Estágio Profissional. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18704/1/FabianaLucas.pdf>. Consultado em outubro de 2019
 - ✓ Marques, T. I. N. (2013). *A implementação de materiais pedagógicos no 1.º Ciclo*. Relatório de Atividade Profissional. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3926/1/Relat%c3%b3rioMestrado.pdf>. Consultado em outubro de 2019
 - ✓ Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F., (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/explorando_formacao_professores.pdf
 - ✓ Ministério da Educação. Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação. 4.ª Edição. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Estudo_Meio/eb_em_programa_1c.pdf
 - ✓ Ministério da Educação e Ciência (2013). Programa de Matemática. Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Matematica/programa_matematica_basico.pdf. Consultado em outubro de 2019.
 - ✓ Ministério da Educação e Ciência (2015). Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf
 - ✓ Miranda, G. L. (2008). *Leitura comentada do texto "O método de Projeto" de W. Kilpatrick (2007/1918)*. Pp. 1-9. Fonte: Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_trabalho_de_projeto#cite_note-miranda-1
 - ✓ Pimenta, C. (2008). *Contributos para a elaboração de uma tese interdisciplinar*. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste. Campus de Iguaçu.

Disponível em <file:///C:/Users/anara/AppData/Local/Temp/4144-15192-1-PB.PDF>.

Consultado em outubro de 2019

- ✓ Pontes, L. F. R. (2017). *Da competência da leitura à interpretação e resolução de problemas: uma ponte entre a Língua Portuguesa e a Matemática na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4733/1/DissertMestradoLuciaFatimaRegoPontes2018.pdf>. Consultado em novembro de 2019
- ✓ Quental, C. & Magalhães, M. (2015). *Ciclo da Iã*. Lisboa: Gailivro.
- ✓ Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ✓ Rodrigues, M. E. F. (2012). *A perceção dos professores do 1.º ciclo face aos métodos de leitura e escrita em crianças disléxicas*. Tese de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em Domínio Cognitivo-Motor. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2453/1/trabalho%20mestrado%20emilia%20pdf.pdf>. Consultado em outubro de 2019
- ✓ Rolo, M. G. (2013). Relatório de Estágio Profissional. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4422/1/Marisa%20Rolo.pdf>
- ✓ Ruivo, I. M. S. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf Consultado em 2016
- ✓ Ruivo, I. M. S. (2009). *Um Novo Olhar sobre o Método de Leitura João de Deus: Apresentação de um suporte interativo de Leitura*. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga: Faculdade de Ciências da Educação Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura. Disponível em <file:///C:/Users/anara/AppData/Local/Temp/ISABELRUIVO.pdf>. Consultado em outubro de 2019
- ✓ São Bento, S. F. B. (2017). Relatório de Estágio Profissional. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19112/1/Sara%20S%3a%3o%20Bento.pdf>
- ✓ Silva, E. L. (2013). *Património – Um Caminho para a Cidadania*. Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3927/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O FINAL.pdf>. Consultado em outubro de 2019
- ✓ Silva, I., & Miranda, G. (1990). Projeto Alcácer. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fonte: Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_trabalho_de_projeto#cite_note-miranda-1
 - ✓ Silva, I. L. (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação. Disponível em https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
 - ✓ Silva, J. P. O. B (2013). *Utilização de recursos TIC, por parte dos professores do 1º ciclo, em crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita*. Tese de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em Domínio Cognitivo-Motor. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4086/1/JoseSilva.pdf>. Consultado em novembro de 2019
 - ✓ Silva, N. C. G. (2019). *A Metodologia de Trabalho Projeto na Área de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório da Componente de Investigação de Estágio IV do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Instituto Politécnico de Setúbal Escola Superior de Educação. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/27772/1/Vers%C3%A3o%20definitiva-%20Projeto%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf#%5B%7B%22num%22%3A29%2C%22gen%22%3A0%7D%2C%7B%22name%22%3A%22XYZ%22%7D%2C82%2C674%2C0%5D> Consultado em agosto de 2019
 - ✓ Stamberg, C. D. S. (2009). *Interdisciplinaridade na Prática Pedagógica: Ensino e Aprendizagem em Ciências*. Porto Alegre: Faculdade de Física Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3365/1/415682.pdf>. Consultado em outubro de 2019
 - ✓ Teixeira, T. F. S. S. (2017). *Práticas inovadoras no 1º Ciclo do Ensino Básico – a introdução da minicalculadora Papy no 1º ano de escolaridade*. Relatório de estágio. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Disponível em <file:///C:/Users/anara/Desktop/RELATÓRIO%20DE%20ESTÁGIO/OUTROS%20DOCUMENTOS%20PARA%20O%20RELATÓRIO/dissertação%20de%20tatiana%20teixeira.pdf>

- ✓ Tozetto, S. S., Gomes, T. S. (2009). *A Prática Pedagógica na Formação Docente*. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1150/834>
Consultado em fevereiro de 2020

Anexos

Anexo 1

Texto “D. Afonso III – O Bolonhês”

D. Afonso III, "O Bolonhês"

D. Afonso III era irmão de D. Sancho II, a quem sucedeu. Casou com D. Matilde, condessa de Bolonha e por isso ficou cognominado de "O Bolonhês".

Este rei conquistou definitivamente as terras a Sul do País, depois de ter tomado Faro aos Mouros em 1249, entre outras terras.

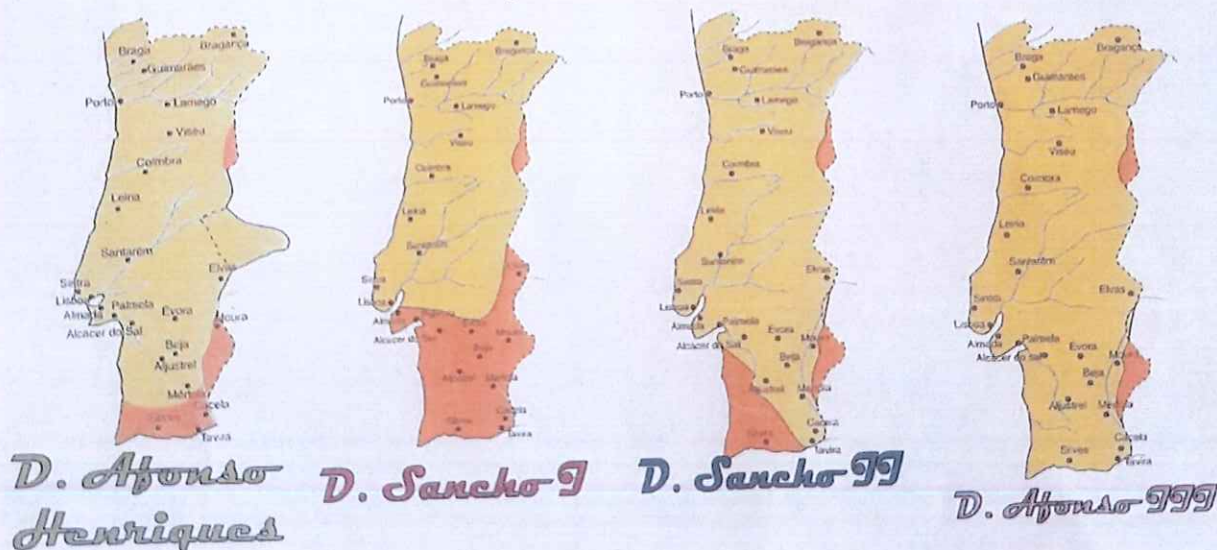
Em 1254, reuniram-se as Cortes em Leiria com as três classes sociais representadas: o Clero, a Nobreza e o Povo. Os representantes do povo foram escolhidos entre os administradores dos concelhos.



Houve desavenças com o rei de Castela pela posse definitiva do Algarve e fixação dos limites de Portugal. Pelo Tratado de Badajoz, em 1267, foi reconhecido o direito de Portugal ao Algarve sendo a fronteira deste marcada pelo rio Guadiana.

Por ter conquistado tantas terras no Algarve ficou com o título de Rei de Portugal e dos Algarves.

Evolução do mapa de Portugal



Anexo 2

Material preparado e utilizado pela minha colega de
estágio



Anexo 3

Protocolo experimental – Flores que mudam de cor!



Protocolo



Experiência – Flores que mudam de cor!

Material:

- Flor com pétalas brancas;
- Copos de vidro transparentes;
- Água;
- Corante alimentar.

Procedimento:

1. Coloca no copo de vidro um pouco de água;
2. Dissolve o corante alimentar na água até que esta fique colorida;
3. Coloca a flor dentro do copo e deixa-a mergulhada nesta água colorida cerca de uma semana.

Resultados:

Assinala com uma cruz (X) no respetivo ☐ o que aconteceu à flor após a experiência:

	BRANCA	COLORIDA
 Flor		

Conclusão:

1. Risca a opção **ERRADA**.

Isto acontece porque a/o **folha/caule** da **flor/raiz** absorve a **sumo/água** que está no copo. A água irriga toda a planta até atingir as **pétalas/folhas**. Como a água está carregada de pigmentos **brancos/coloridos**, esses pigmentos migram com a água até ficarem depositados nas pétalas, deixando-as **coloridas/brancas**.



Nome: _____ Data: _____

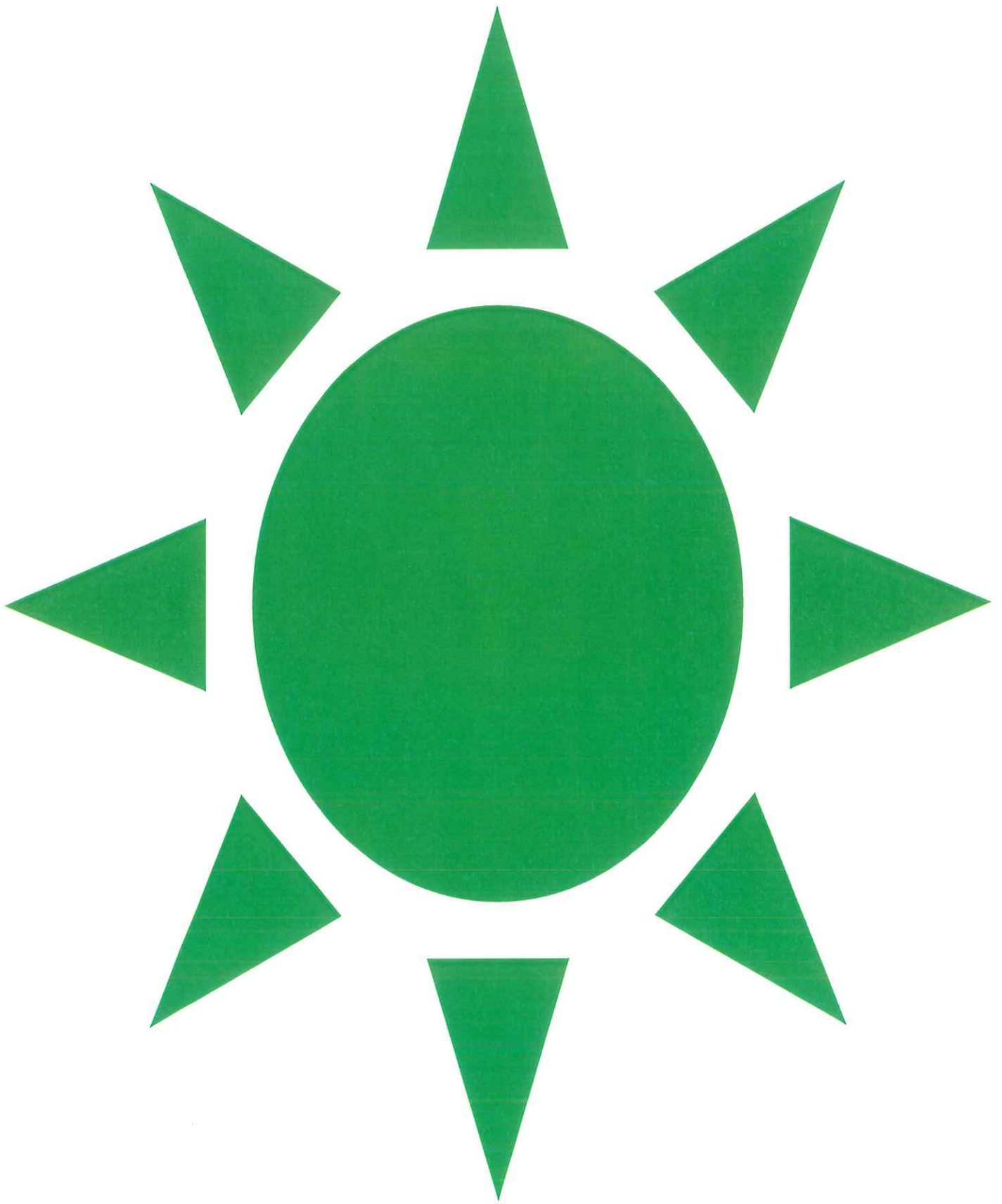
Protocolo realizado pela colunista:
Ana Raquel Viegas - B.2 - MEFIC

Anexo 4

Imagem de uma representação do “sol amarelo”

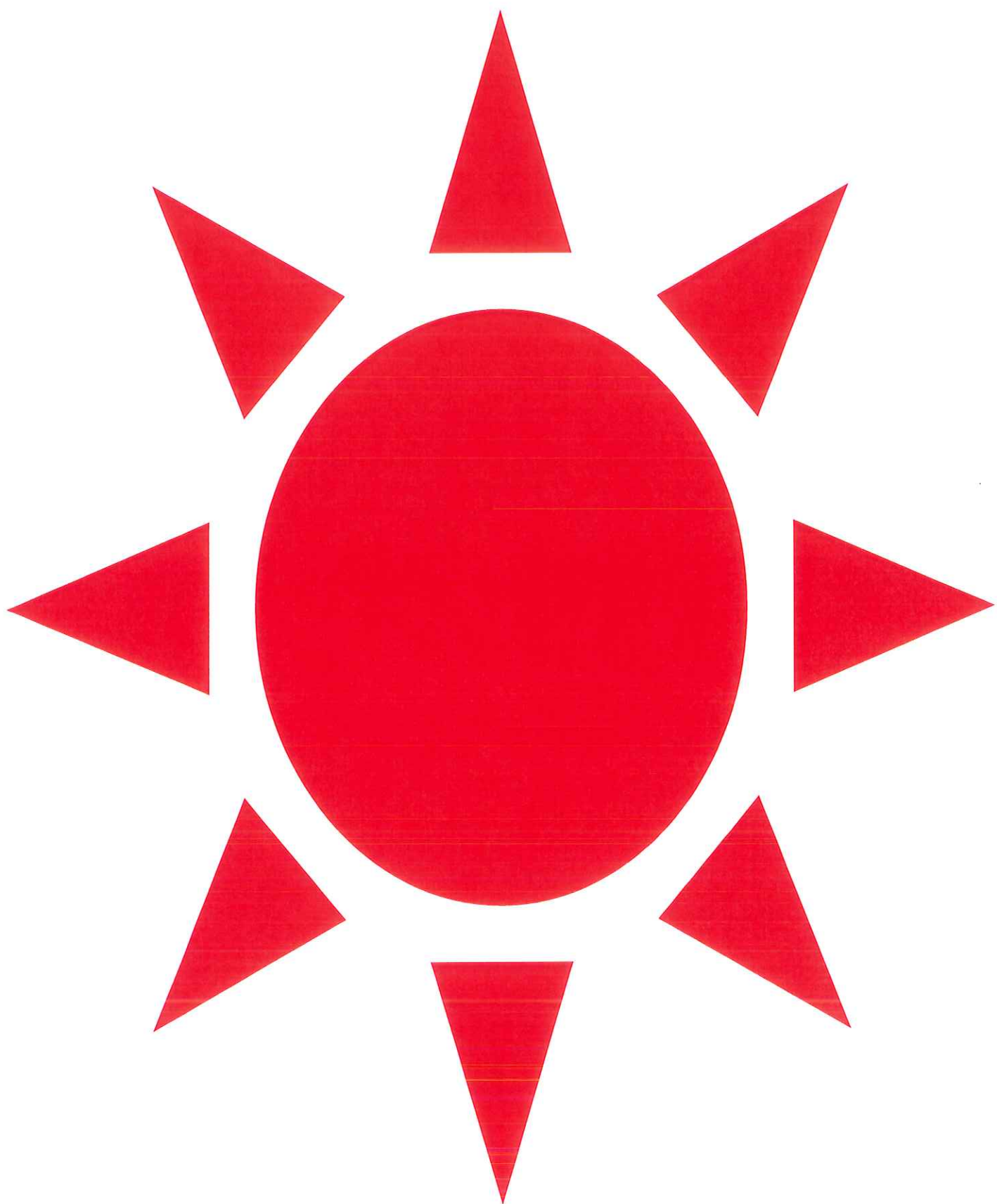
Anexo 5

Imagem de uma representação do “sol verde”



Anexo 6

Imagem de uma representação do “sol encarnado”

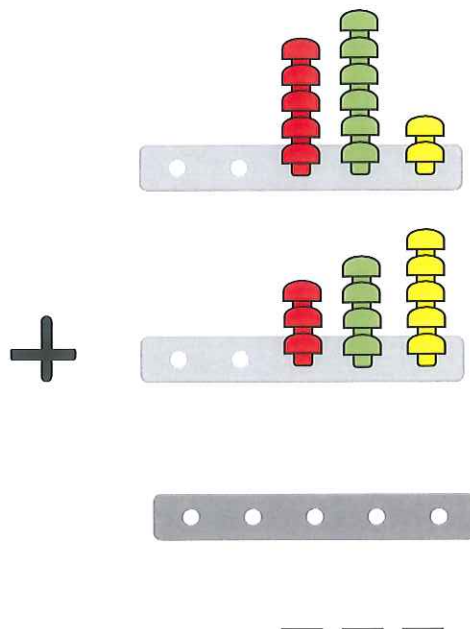


Anexo 7

Proposta de trabalho – Calculadores Multibásicos

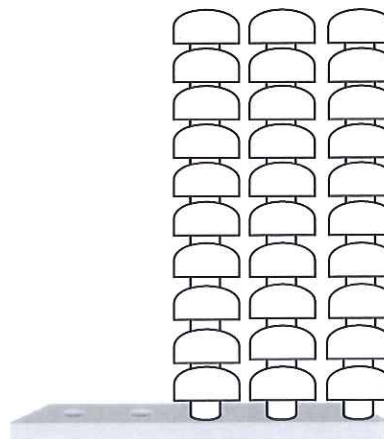
Calculadores Multibásicos

1. Resolve a seguinte adição na base 10.



1.1. Escreve o número por classes:

2. Pinta as peças, de forma a representares o número 895.



2.1. Leitura do número por ordens:

Nome: _____ Data: _____

Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 8

Texto em prosa

“A história do caracol na cidade”

Era uma vez um caracol que não queria continuar a viver no bosque. Entre as árvores era tudo muito estreito!

Por isso foi-se deslocando, levando consigo a sua casa redonda. Passou pelo prado, pelos campos e pelos caminhos. À noite chegou à cidade e continuou a deslocar-se pelas ruas até que chegou a manhã. Viu-se então no meio de uma enorme praça e ficou logo com medo. As casas das pessoas eram tão grandes e a do caracol tão pequena! Estava tão só que a única coisa que o rodeava era o ar, e nem sequer havia erva! O caracol meteu a cabeça na sua casa e ficou quieto e em silêncio. Os meninos da escola passaram pela praça e disseram: “Olha que caracol tão bonito que está ali!”. O caracol mostrou a cabeça. Sentia-se muito feliz. Os meninos pegaram nele com muito cuidado e um deles levou-o para um jardim.

O caracol gostou tanto daquele lugar que ficou na cidade para sempre. Desde então, tornou-se um caracol citadino.

Anexo 9

Texto poético

“Cavalinho, cavalinho”

Cavalinho, cavalinho
Que baloiça e nunca tomba;
Ao montar meu cavalinho
Voo mais do que uma pomba!

Cavalinho. Cavalinho,
De madeira mal pintada:
Ao montar meu cavalinho
As nuvens são minha estrada!

Cavalinho, cavalinho
Que o meu pai me ofereceu:
Ao montar meu cavalinho
Toco as estrelas do céu!

Anexo 10

Folha com o poema “Cavalinho, cavalinho”

Lisboa, 3 de Novembro de 2017

"Cavalinho, cavalinho"

Cavalinho, cavalinho
Que baloiça e nunca tomba;
Ao montar meu cavalinho
Voo mais do que uma pomba!



Cavalinho, Cavalinho,
De madeira mal pintada.
Ao montar meu cavalinho
As nuvens são minha estrada!

Cavalinho, cavalinho
Que o meu pai me ofereceu.
Ao montar meu cavalinho
Toco as estrelas do céu!

Martida Rosa Araújo, As canções da Tília, Porto Editora, 2013

Texto Poético

O texto poético é aquele em que o autor exprime sentimentos e emoções, apresenta as ideias de forma criativa e recorre à musicalidade das palavras para dar ao texto uma certa cadência e ritmo.

Verso é uma pequena linha de palavras afastada da margem da página.

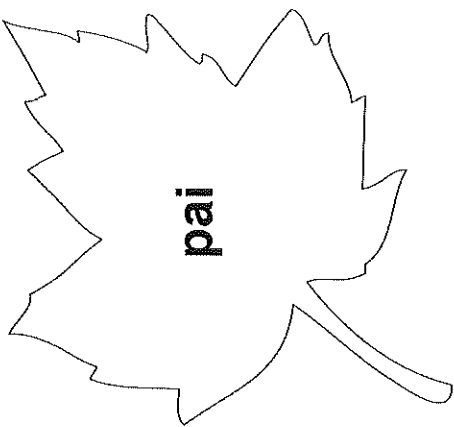
Rima é a repetição de um som semelhante no final dos versos.

Estrofe é um conjunto de versos.

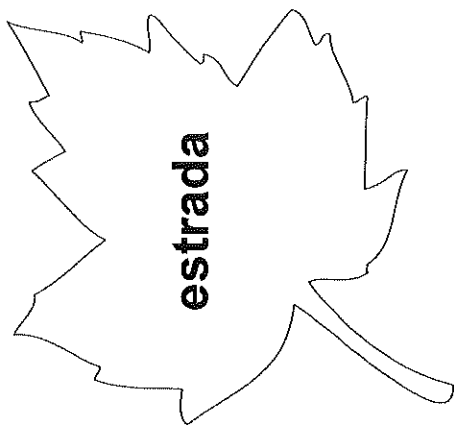
Anexo 11

Proposta de trabalho – Palavras que rimam!

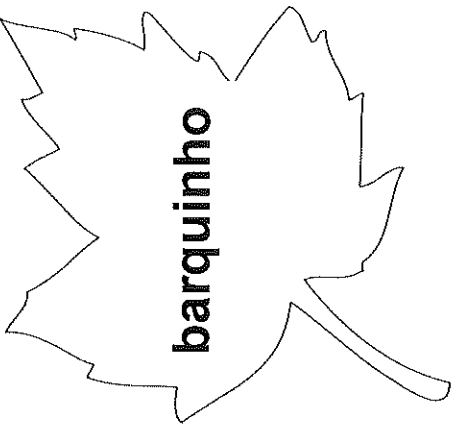




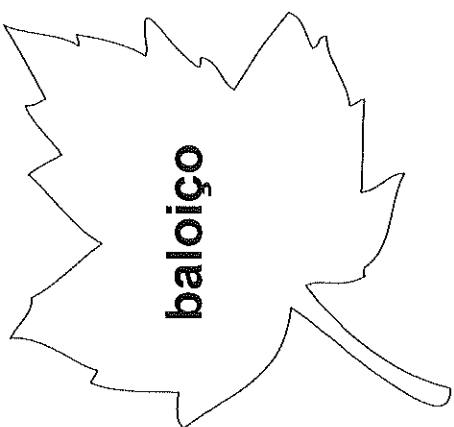
pai



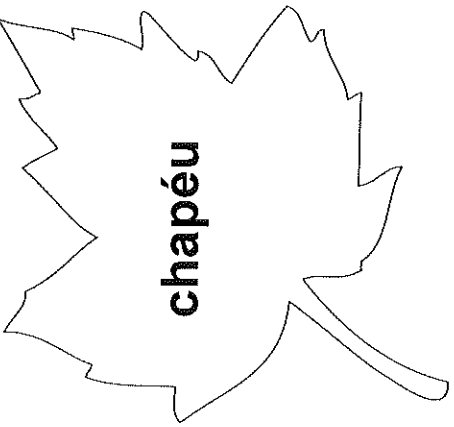
estrada



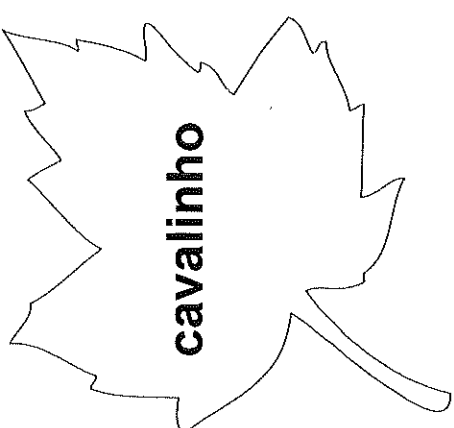
barquinho



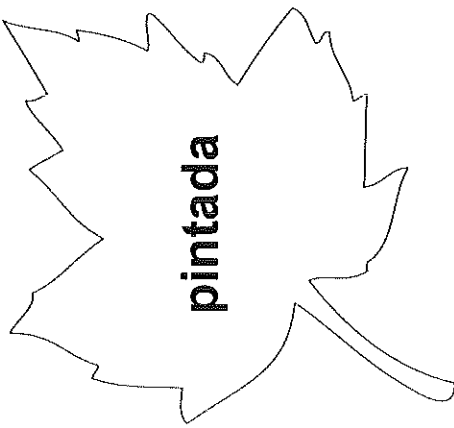
baloço



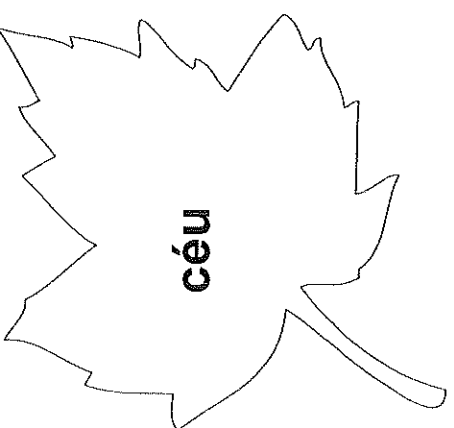
chapéu



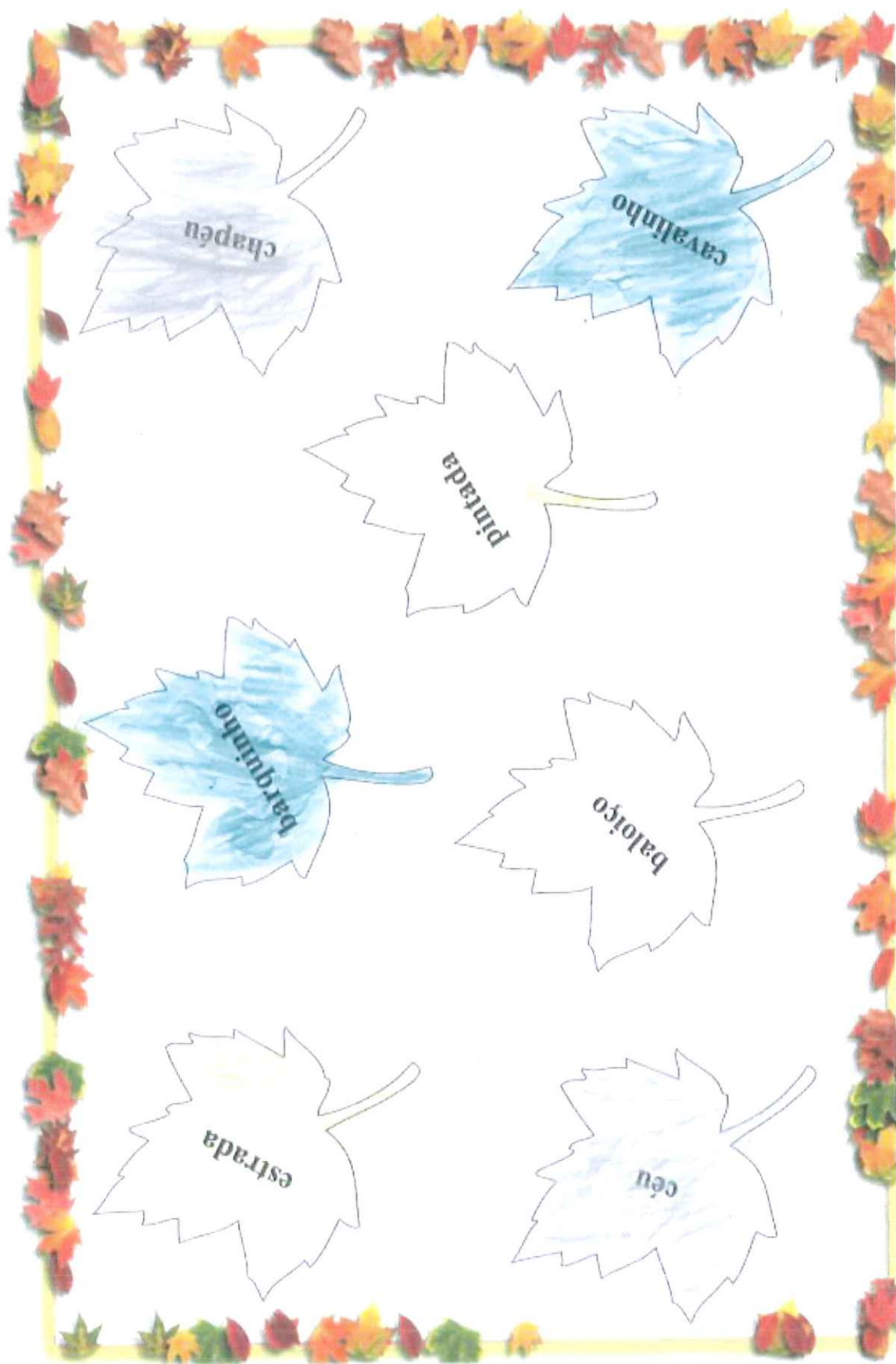
cavalinho



pintada



céu



Anexo 12

Imagem “vaca”



Anexo 13

Imagem “burro”



Anexo 14

Imagem “porcos”



Anexo 15

Imagem “ovelhas”



Anexo 16

Imagem “cavalos”



Anexo 17

Imagem “cabras”



Anexo 18

Imagem “bois”



Anexo 19

Palavra “bovino”

bovino

Anexo 20

Palavra “caprino”

caprino

Anexo 21

Palavra “ovino”

ovino

Anexo 22

Palavra “suíno”

suíño

Anexo 23

Palavra “cavalar”

cavalar

Anexo 24

Palavra “asinino”

asinino

Anexo 25

Proposta de trabalho – Profissões relacionadas com a criação de gado!

Profissões relacionadas com a
criação de gado

Anexo 26

Proposta de trabalho – Ditado musical “Sou como um
Rio” dos Delfins

Ditado musical

“Sou Como um Rio” dos Delfins

_____ sempre gostei de ti
Eu sempre te conheci
_____ pensei que me _____ só

Eu _____ te procurei
Eu nunca te _____
Nunca pensei que te _____ só

Sou como um _____
Que vive só para ti
Correndo só para te ver
_____ como um rio
Que acaba _____ pé de ti
Foi sempre _____
Gostar de _____

_____ é que tudo acabou?
O que é que para ti _____?
Que _____ tenho de viver sem ti

_____ como um rio
Que _____ só para ti
_____ só para te ver
Sou como um rio
Que acaba ao _____ de ti
Foi sempre assim
_____ de ti

Nome: _____ Data: _____

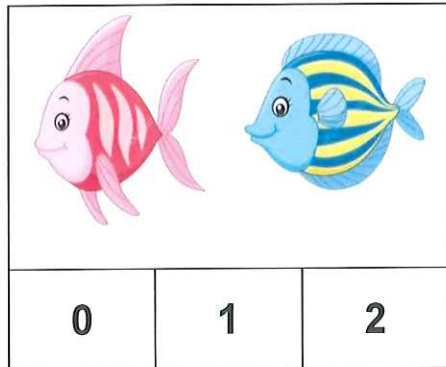
Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 27

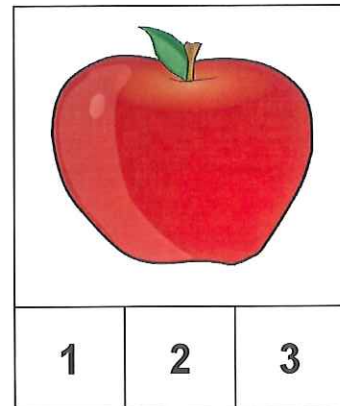
Proposta de trabalho do domínio da Matemática no
Grupo dos 3 Anos

1. Associa a quantidade ao algarismo, circundando o algarismo correspondente ao número de elementos do conjunto.

1.1.



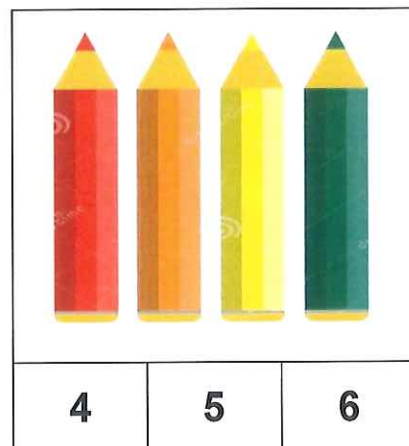
1.2.



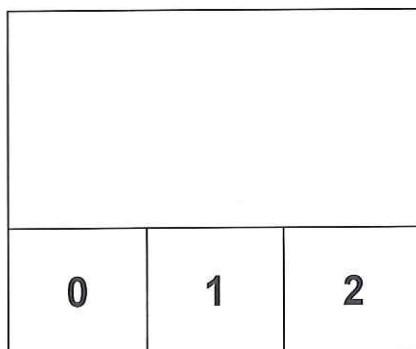
1.3.



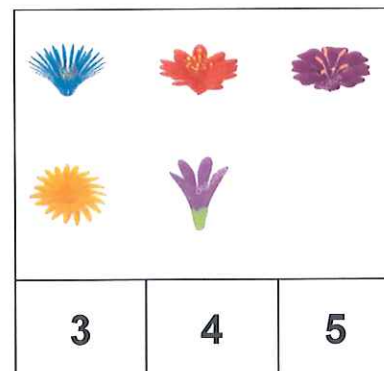
1.4.



1.5.



1.6.



Bom trabalho!



Nome: _____ Data: _____

Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 28

Grelha de avaliação do dispositivo da atividade do
domínio da Matemática no grupo dos 3 Anos

Grelha de avaliação do Domínio da Matemática					
Parâmetros	n.º1	n.º2	Total	Classificação	
Cotações	9	1	10		
Crianças					
1	9	1	10	Muito Bom	
2	9	1	10	Muito Bom	
3	9	1	10	Muito Bom	
4	9	1	10	Muito Bom	
5	9	1	10	Muito Bom	
6	9	1	10	Muito Bom	
7	x	x	x	x	
8	9	0,5	9,5	Muito Bom	
9	9	1	10	Muito Bom	
10	9	1	10	Muito Bom	
11	9	0,5	9,5	Muito Bom	
12	x	x	x	x	
13	7,5	1	8,5	Bom	
14	9	1	10	Muito Bom	
15	9	1	10	Muito Bom	
16	9	0,5	9,5	Muito Bom	
17	9	0,5	9,5	Muito Bom	
18	9	0,5	9,5	Muito Bom	
19	9	0,5	9,5	Muito Bom	
20	9	0,5	9,5	Muito Bom	
21	9	0,5	9,5	Muito Bom	
22	9	1	10	Muito Bom	
23	9	1	10	Muito Bom	
24	6	1	7	Bom	
25	9	1	10	Muito Bom	
Média Aritmética			9,63		

Anexo 29

Proposta de trabalho do dispositivo do domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita no Grupo dos
5 Anos

1. Rodeia apenas os ditongos.

ai e ia
u ui a
eu a iu
o ou i

2. Lê a seguinte palavra e elabora um desenho do que leste.

uva

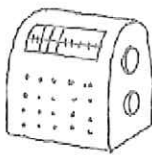


3. Completa as frases com as palavras do quadro ao lado.

- 3.1. A vaca dá o _____.
3.2. Eu li o _____.
3.3. A tia viu a luva na _____.

loja
papel
leite

4. Pinta somente as imagens cujo nome iniciem pela letra /r/.



rádio



panela

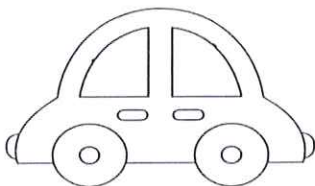


peteca



rato

5. Liga as figuras ao nome.

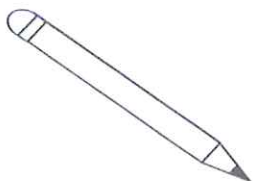


FADA

LÁPIS

CARR O

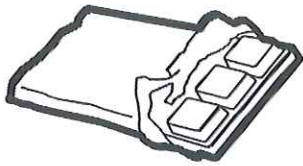
BALÃO



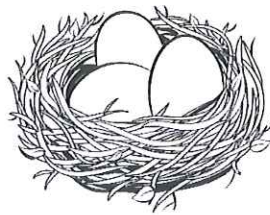
6. Ditado.



7. Completa as seguintes palavras com /ch/, /nh/ ou /lh/.



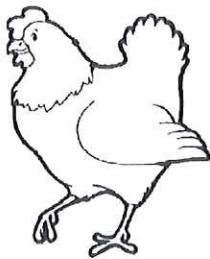
_____ocolate



ni_____o



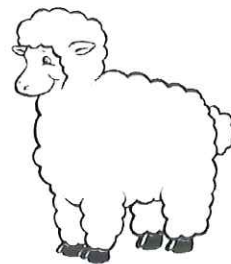
mo_____ila



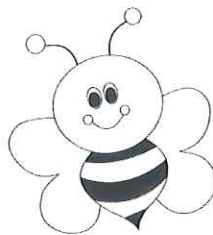
gali_____a



_____apéu



ove_____a



abe_____a

Bom trabalho! 😊

Nome: _____ Data: _____

Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 30

Grelha de avaliação do dispositivo da atividade do
domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita no
Grupo dos 5 Anos

Grelha de avaliação do dispositivo do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita										
Parâmetros	nº1	nº2	nº3	nº4	nº5	nº6	nº7	nº8	Total	Classificação
Cotações	1,5	0,5	1,5	0,5	1	2	1,75	1,25	10	
Crianças										
1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
2	1,5	0,5	1,5	0,5	1	1,5	1,25	0,5	8,25	Bom
3	1	0,5	0,5	0,5	1	2	1,5	1,25	8,25	Bom
4	1,25	0,5	1,5	0,5	1	2	1,5	1,25	9,5	Muito Bom
5	1	0,5	1,5	0,25	1	2	1,5	1,25	9	Muito Bom
6	1,25	0,5	1,5	0,25	1	2	1,75	0,5	8,75	Bom
7	1	0,5	1,5	0,5	1	2	1,75	1,25	9,5	Muito Bom
8	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
9	0,75	0,5	1,5	0,5	1	2	1	1,25	8,5	Bom
10	1	0,5	1	0,5	1	2	1,75	1,25	9	Muito Bom
11	1,5	0,5	0	0,25	1	2	0,75	1,25	7,25	Bom
12	1,25	0,5	1,5	0,5	1	2	1,25	1,25	9,25	Muito Bom
13	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
14	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
15	1,25	0,5	0,5	0,25	1	0	1	1,25	5,75	Suficiente
16	1	0,25	1,5	0,5	1	2	1,75	0,5	8,5	Bom
17	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
18	1	0,5	1,5	0,5	1	2	1,75	1,25	9,5	Muito Bom
19	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
20	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
21	1,5	0,5	1,5	0,5	1	2	1,75	1,25	10	Muito Bom
Média Aritmética									8,64	

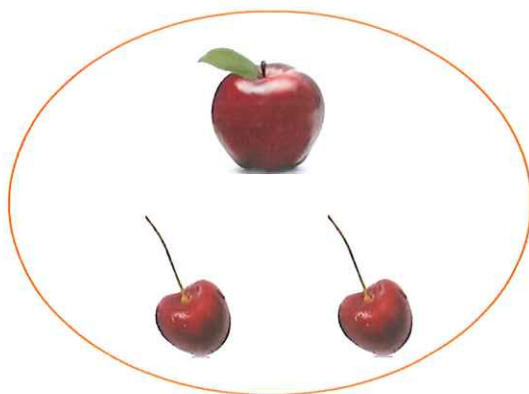
Anexo 31

Proposta de trabalho da área da Matemática na Turma
do 2.º Ano

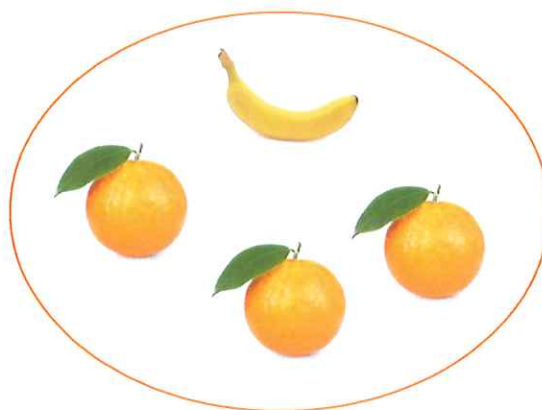
Reunião e interseção de conjuntos

1. Observa os conjuntos A e B.

A

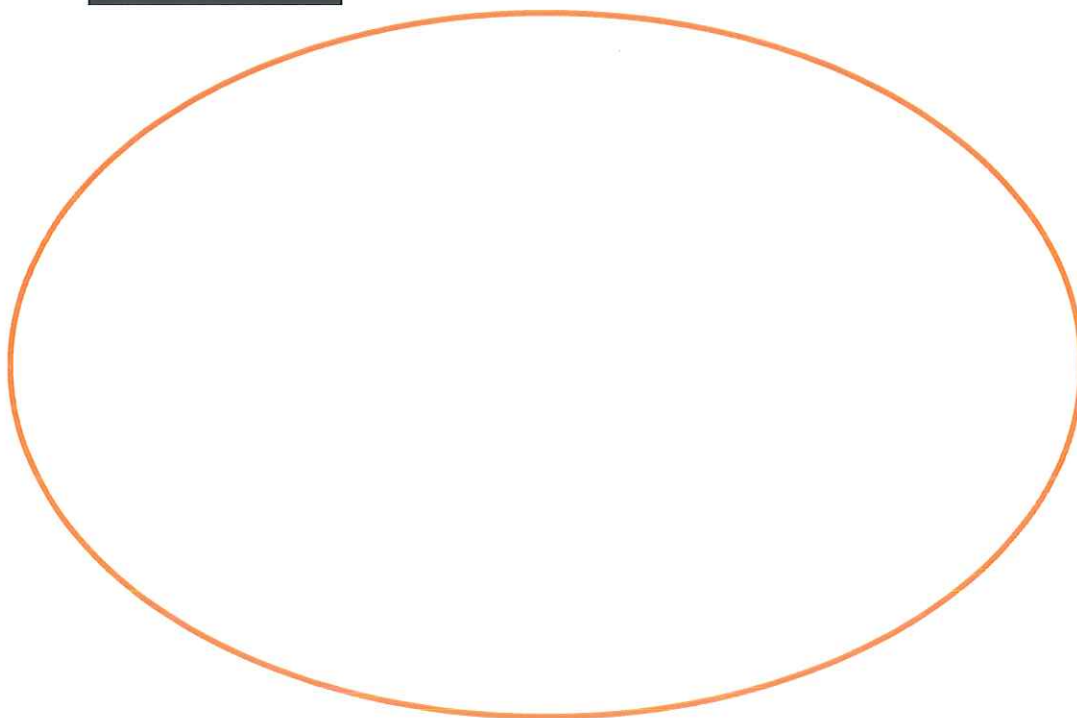


B



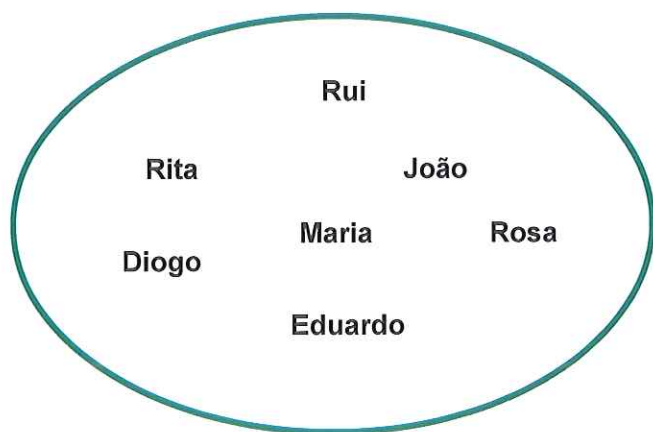
1.1. Completa.

$A \cup B$

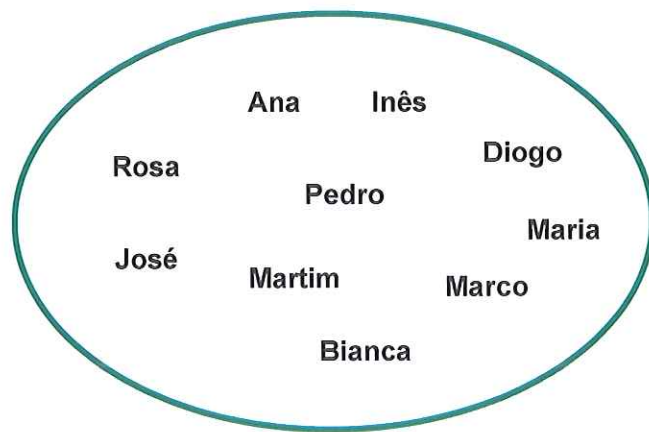


2. Numa turma de 2.º ano, os alunos conversaram sobre o local onde passaram as suas férias e decidiram organizar a informação num diagrama de Venn. Ajuda-os a completar o diagrama com os seguintes dados.

Campo



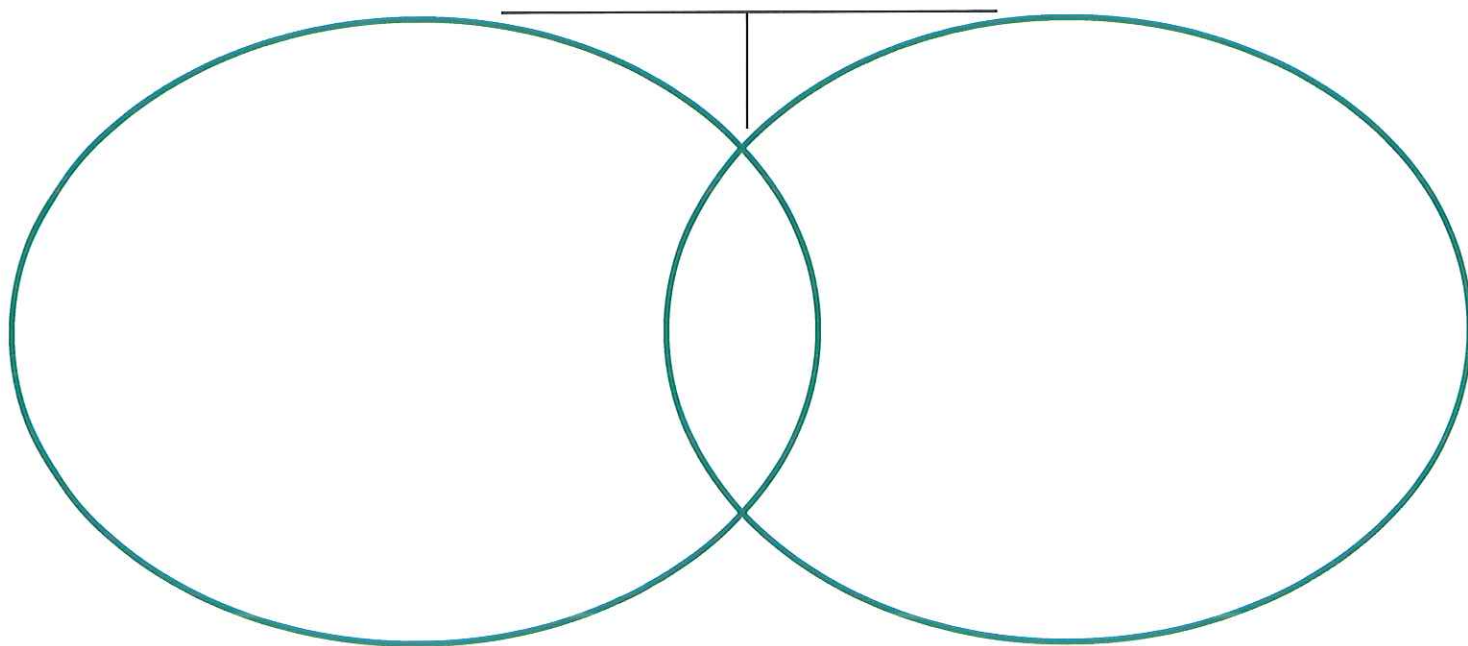
Praia



Local onde os alunos do 2.º ano passaram as férias!

A= Campo

B= Praia



- 2.1. **Legenda** o diagrama de Venn.

- 2.2. Completa:

2.2.1. $A \cup B = \{$

$$2.2.2. A \cap B = \{$$

2.3. **Responde** às seguintes questões sobre o diagrama.

2.3.1. Quais foram as crianças que só fizeram campo nas férias?

R.: _____

2.3.1.1. E as que fizeram só praia?

R.: _____

2.3.2. Quantas crianças fizeram praia e campo? **Pinta com verde** a resposta correta.

4 ☐ 5 ☐ 6 ☐

2.3.2.1. Refere os respetivos nomes.

R.: _____

2.3.3. Escreve o nome das crianças que fizeram campo.

R.: _____

2.3.4. Indica o nome das crianças que fizeram praia.

R.: _____

Bom trabalho 😊

Nome: _____

Data: _____

Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 32

Grelha de avaliação do dispositivo da proposta de trabalho da área da Matemática da Turma do 2.º Ano

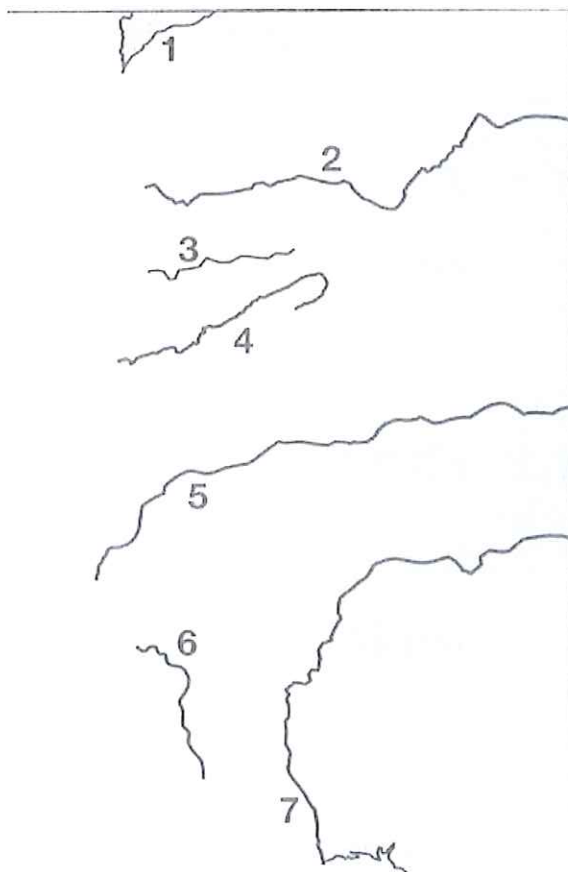
Grelha de avaliação do dispositivo da disciplina de Matemática						
Parâmetros	n.º 1	n.º 2	n.º 3	n.º 4	Total	Classificação
Cotações	1	3	2	4	10	
Crianças						
1	0,5	3	1	3,5	8	Bom
2	1	3	2	2	8	Bom
3	1	3	2	3,5	9,5	Muito Bom
4	1	3	2	3,5	9,5	Muito Bom
5	1	3	2	4	10	Muito Bom
6	1	3	2	1	7	Bom
7	1	3	2	1	7	Bom
8	1	3	2	4	10	Muito Bom
9	1	3	2	4	10	Muito Bom
10	1	3	1	3	8	Bom
11	0,5	1,5	2	3	7	Bom
12	1	3	2	3,5	9,5	Muito Bom
13	1	3	1	3,5	8,5	Bom
14	1	3	2	3	9	Muito Bom
15	1	3	1	3,5	8,5	Bom
16	1	3	2	3,5	9,5	Muito Bom
17	0,5	3	1	1	5,5	Suficiente
18	1	3	1	2	7	Bom
19	1	1,5	2	1	5,5	Suficiente
20	1	3	0	2	6	Suficiente
21	1	3	1	3	8	Bom
22	1	3	1	3	8	Bom
23	1	3	1	3,5	8,5	Bom
24	1	3	0	3	7	Bom
25	1	1,5	0	1	3,5	Insuficiente
26	1	3	1	0,5	5,5	Suficiente
Média Aritmética					7,83	

Anexo 33

Proposta de trabalho da área do Estudo do Meio na
Turma do 4.º Ano

Os rios

1. No mapa, em baixo apresentado, estão representados os cinco principais rios portugueses.



- 1.1. Legenda o mapa, escrevendo o nome desses rios.

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

2. Para que fins podem ser utilizadas as águas dos rios?

3. Assinala com uma cruz (x) o quadrado que completa a frase que se segue:

“ Quase todos os rios e ribeiros de Portugal desaguam no...”

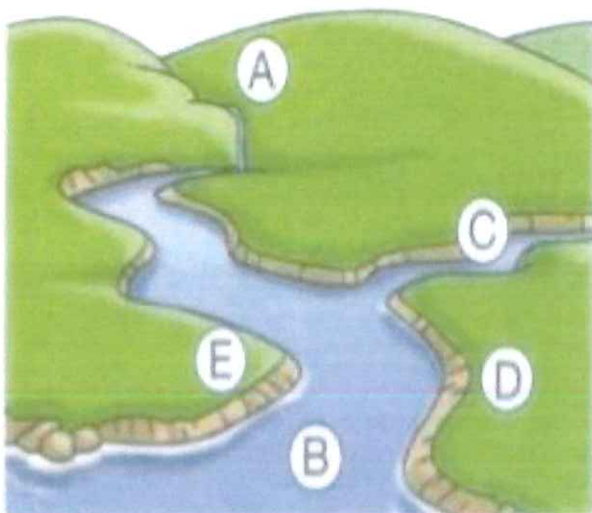
Oceano Índico ☐ Oceano Pacífico ☐ Oceano Atlântico ☐

4. Como se chama o rio que passa perto do local onde vives?

5. Como se chama o maior rio que nasce e desagua em Portugal? Pinta a azul o quadrado correto.

Tejo ☐ Mondego ☐ Guadiana ☐ Sado ☐

6. Legenda corretamente a seguinte imagem.



A- _____

B- _____

C- _____

D- _____

E- _____

Bom trabalho 😊

Nome: _____ Data: _____

Proposta realizada pela estagiária:
Raquel Viegas da ESE João de Deus

Anexo 34

Grelha de avaliação de dispositivo da proposta de trabalho da área do Estudo do Meio da Turma do 4.º

Ano

